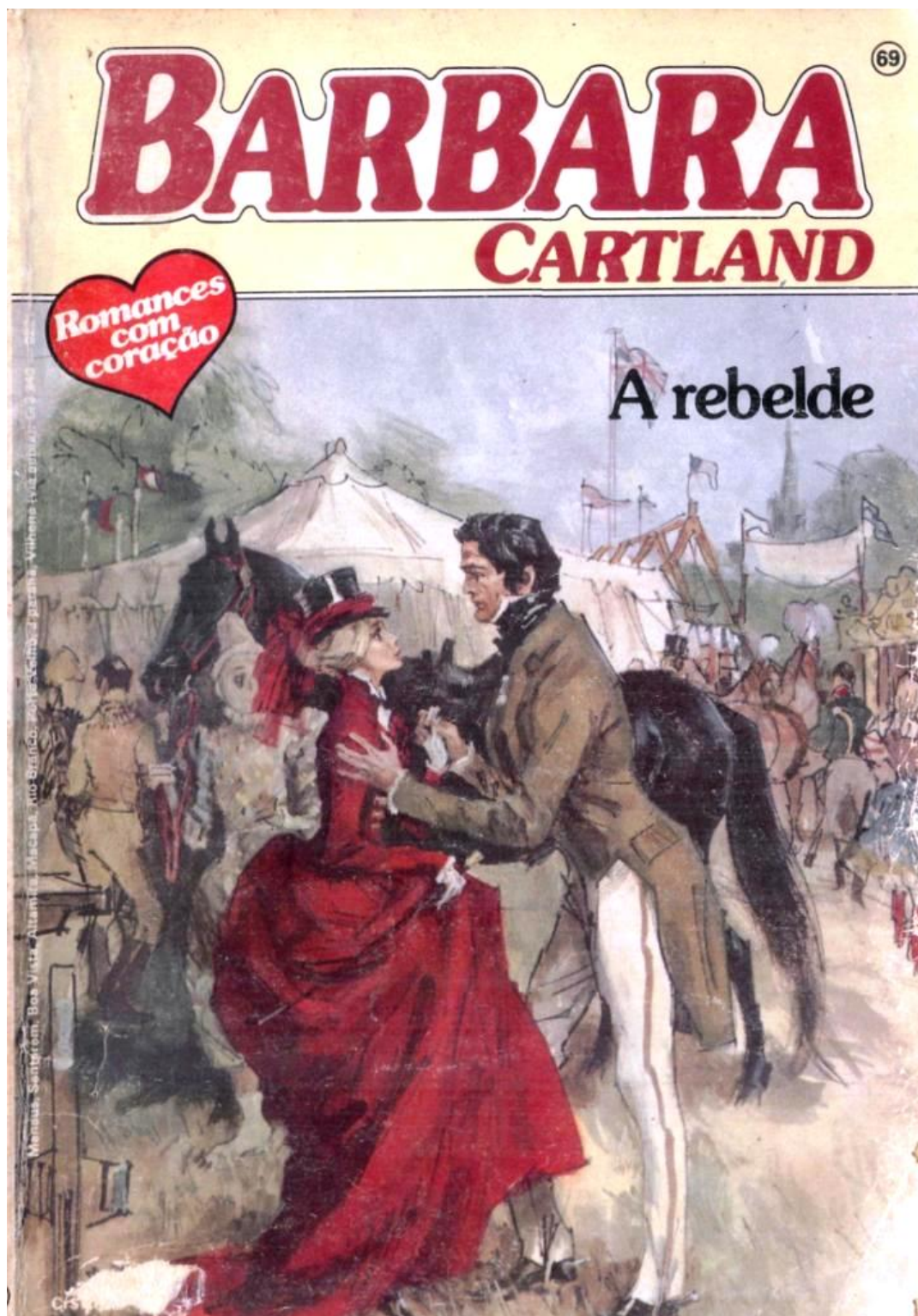




A Rebelde

Barbara Cartland

Coleção Barbara Cartland n° 69



Livros Abril
Título original: **"The Elusive Earl"**
Copyright: © Cartland Promotions 1976
Tradução: D.T. Chiarelli
Copyright para a língua portuguesa: 1983 Abril S.A. Cultural e Industrial — São Paulo
Composto e impresso em oficinas próprias

– Não aceite ser hóspede de minha mãe. É uma cilada! – O aviso da linda Calixta deixou o conde Osric perplexo e curioso. E seu orgulho ficou seriamente abalado, quando a jovem explicou que a mãe estava tramando casar os dois. Aquela garota atrevida achava que era algum tolo? E que petulância, mostrar tanto desagrado por um dos homens mais cobiçados da Inglaterra! Entre ofendido e divertido, resolveu aceitar o convite. Claro que não cairia na cilada de lady Chevington. Mas aconteceu pior do que isso: apaixonou-se perdidamente por Calixta, a única mulher que não queria seu amor. Uma jovem rebelde, capaz das maiores loucuras para fugir dele!

CAPÍTULO I

1838

Os cavalos entraram na reta e a multidão que assistia à corrida no Newmarket Heath suspirou, ao perceber que o favorito, usando as cores azul e vermelho de lorde Arkrie, estava em primeiro lugar. Cerca de duzentos metros depois, outro cavalo se aproximou pelo lado de fora. Corria com facilidade e com uma segurança que parecia faltar aos outros competidores, que estavam agora agrupados contra as grades.

A multidão deu outro suspiro de aprovação, quando percebeu o que estava acontecendo. Por um momento, os dois cavalos ficaram pescoço a pescoço. Em seguida, o que veio por fora, usando laranja e negro - cores bem conhecidas no mundo das corridas —, passou para o primeiro posto, um corpo na frente.

A alegria extravasou na multidão, e lorde Arkrie disse, com amargura:

— Maldição, Helstone! Acho que você fez algum pacto com o diabo! Esta corrida era minha!

O conde de Helstone não respondeu ao desabafo. Apenas virou-se lentamente para sair do palanque e ir para o recinto onde os cavalos eram desarreados.

No caminho, recebeu cumprimentos dos amigos. Alguns, sinceros; outros, invejosos e sarcásticos.

— Tem que levar todos os prêmios, Helstone? — perguntou um velho nobre, num tom descontente.

— Só as mulheres — respondeu o conde, e deixou o nobre resmungando, pois não foi capaz de encontrar uma resposta adequada.

O conde de Helstone chegou exatamente no momento em que seu cavalo Delos recebia os aplausos. O jóquei, um rapaz magro, de aparência quase cadavérica, que raramente era visto sorrindo, desmontou.

— Muito bem, Marson! — disse o conde. — Seu tempo foi excelente!

— Obrigado, senhor. Fiz exatamente o que o senhor mandou.

— Com excelentes resultados.

Deu um tapinha em seu cavalo e saiu, sem esperar os resultados da

pesagem.

Lorde Yaxley acompanhou-o no caminho de volta para o Jóquei Clube.

— Ganhou uma boa quantia, Osric! — comentou. — Não que precise dela!

— Você apostou nele? — perguntou o conde. O amigo hesitou por um momento.

— Para ser sincero, dividi minhas apostas. Arkrie tinha tanta certeza de que o cavalo dele chegaria em primeiro lugar!

— Faz semanas que ele está se vangloriando disso.

— Então, você resolveu acabar com a pose dele? — perguntou lorde Yaxley, com um sorriso. — Bem, consegui! Ouvi dizer que ele apostou três mil guinéus na corrida. Daqui para frente, será um grande inimigo seu.

— O que não é novidade nenhuma!

Chegaram ao palanque do Jóquei e foram para o bar nos fundos.

— Posso lhe oferecer um drinque? — perguntou o conde.

— Acho que é o mínimo que pode fazer, Osric. Droga, dinheiro sempre chama dinheiro. Era o que meu velho pai costumava dizer.

— Você devia confiar nos amigos. Eu lhe falei que Delos era um bom cavalo.

— O problema é que você não disse com ênfase suficiente! — reclamou lorde Yaxley. Arkrie estava gritando os méritos do animal dele aos quatro ventos.

Helstone não respondeu. Apenas pegou a taça de champanhe que lhe foi servida. O amigo brindou:

— À sua saúde, Osric! E que continue, como sempre, tendo sucesso em tudo o que faz!

— Está exagerando.

— Ao contrário. Você é invariavelmente o primeiro, e não só nas corridas de cavalos! — Lançou um olhar enviesado para o amigo e acrescentou, num tom irritado: — Maldição, Osric, podia parecer um pouco mais alegre! Afinal, acabou de ganhar uma das melhores corridas da temporada e provou que seus puros-sangues são superiores aos de qualquer outro. Devia estar pulando de alegria!

— Prefiro deixar essas extravagâncias para os jovens, meu caro. Além disso, embora seja extremamente satisfatório provar que meus cavalos são superiores, com meu treinador e meu jóquei preparados para fazer tudo o

que mando, não vejo razão para pular de alegria.

Lorde Yaxley colocou a taça sobre a mesa com uma batida seca.

— Você me deixa nervoso, Osric. Às vezes, sinto saudade de quando era mais jovem e mais alegre, daquela época em que vivíamos alegres e descompassados, como se a vida não passasse de uma grande aventura. Por que está tudo tão diferente agora?

— Já lhe disse: ficamos mais velhos, só isso.

— Não acredito que seja por causa da idade. Acho que é só uma questão de cansaço. Você já deve estar cansado dessa boa vida que vem levando. Deve andar irritado com a vida social intensa, participando de jantares, bailes e caçadas, que, afinal, não levam a nada.

— Um grupo de nobres se aproximou dos dois amigos para cumprimentar o conde e a conversa foi interrompida.

À noite, já na elegante casa de campo do conde, onde lorde Yaxley estava hospedado, ele voltou a atacar:

— Acho que você ofendeu muitos amigos, saindo assim tão cedo do jantar que ofereceram em sua homenagem, Osric.

— Ninguém notou. Já estavam muito bêbados para perceberem alguma coisa!

— E você, por outro lado, está sempre sóbrio demais para o meu gosto!

Lorde Yaxley sentou numa confortável poltrona em frente à lareira.

— Detesto beber à noite — murmurou o conde Osric de Helstone. — Se bebo bastante, não consigo levantar-me cedo na manhã seguinte para apreciar os treinos dos meus cavalos.

— Quem o ouvir falar vai pensar que é um santo!

— Sabe muito bem que não sou santo coisa nenhuma.

— Bom, pelo menos em relação à comida e à bebida, você age como um santo, Osric! Quanto aos outros pecados...

— Ora, parece que está querendo se meter na minha vida particular. Posso saber por quê?

— Porque me preocupo com você — respondeu lorde Yaxley. — E porque somos amigos há bastante tempo. Não gosto de vê-lo assim tão aborrecido e indiferente.

— Quem lhe disse que estou aborrecido?

— Mas isto é óbvio! — Observei você o dia todo e não percebi nenhum

sinal de alegria pelo fato de Delos ter vencido o cavalo de Arkrie. Isso não é normal, Osric.

O conde não respondeu. Sentou em outra poltrona, de frente para o fogo.

— O que o preocupa? — perguntou Yaxley, interessado. — É Genevieve?

— Talvez.

— Está pensando em casar com ela?

— E por que deveria?

— Bem, ela anda contando a todo mundo que está apaixonada por você.

— É uma pena, pois deve estar fazendo um papel ridículo, mas garanto que não a encorajei a ficar falando a todos sobre nossa relação.

— Genevieve ficaria muito bem na outra cabeceira de sua mesa, usando as jóias da família Helstone.

Osric demorou um pouco para responder:

— Não quero casar com ela. Yaxley suspirou, aliviado.

— Fico feliz em ouvir isso, Osric. Não sabia se você estava ou não realmente apaixonado por Genevieve, mas tenho certeza de que, se casasse com ela, sua vida seria muito desagradável. — Fez uma pausa e acrescentou:

— Genevieve é muito presunçosa. Já reparou como fica, quando percebe que alguém a está observando? Passar a vida toda com ela deve ser um inferno.

Osric não respondeu, o amigo insistiu:

— Se o problema não é Genevieve, qual é então?

— Não existe problema algum.

— Como não? Você anda muito aborrecido, indiferente. Precisa fazer alguma coisa nesse estado, Osric!

— O que sugere?

— Ora, é fácil. Pode se dedicar com mais empenho às competições. Existem tantos prêmios para conseguir! Ou então, por que não parte para uma viagem, para escalar alguma montanha inexplorada, por exemplo? Faça alguma coisa nova!

— Quem sabe eu devesse me alistar numa guerra qualquer. Talvez num campo de batalha eu me sentisse realmente vivo.

— Não sei se seria a solução para o seu caso. Para falar a verdade, acho que você deveria casar. Sinceramente, acredito que é a solidão que o aflige e,

onde quer que vá, ela estará a seu lado, até encontrar alguém para viver com você.

– Então, o casamento seria a solução para o meu caso, Yaxley?

– Mas não com Genevieve. Ela não lhe daria a paz de espírito de que precisa. Mas deve existir alguma mulher que possa deixá-lo feliz e em paz com a vida.

– Existem milhares delas, meu caro.

– Não estou falando de romances passageiros, idiota! – exclamou Yaxley. – Estou falando de casamento com uma garota agradável, uma jovem respeitável que lhe daria um filho. Isto, sim, seria uma experiência nova para você.

– Só que, para conseguir esse filho, eu teria que agüentar muita conversa mole e todos os caprichos de uma mocinha boba e sem inteligência. Não, Yaxley, acho que prefiro Genevieve a uma jovem sem experiência nenhuma!

– É, devo admitir que as jovens de hoje não são muito interessantes. Fui ao baile de debutantes da corte, na semana passada, e não vi nenhuma garota que valesse realmente a pena.

– Está aí a resposta para a sua sugestão.

– Uma debutante seria muito jovem para você, concordo. Faremos trinta anos este ano, e brincar de babá numa idade dessas não é muito interessante.

– Então, qual a alternativa?

– Ora, teríamos que encontrar uma mulher sofisticada, charmosa e inteligente para você. Uma jovem viúva, por exemplo.

– Então, voltamos novamente para Genevieve!

Caiu um pesado silêncio entre os dois, enquanto cada um pensava na atraente, irreprímível e escandalosa *lady* Genevieve Rodney.

Ela havia ficado viúva há apenas dois anos e já tinha caído na boca de todas as damas da corte, devido a seu comportamento livre e fora das regras de boa conduta. Os homens, porém, achavam Genevieve irresistível, e sua pequena mansão em Mayfair era cercada dia e noite pelos admiradores.

Não tinha causado muita surpresa, quando se deixara levar pelos encantos de Osric de Helstone. O conde não era apenas um dos homens mais ricos da Inglaterra, mas também, segundo a opinião das mulheres, o mais bonito. Entretanto, não era sem razão que lhe tinham colocado o apelido de

“Conde Esquivo”.

Desde que terminou a escola, Osric foi perseguido por mães ambiciosas e por mulheres que encontraram nele duas qualidades irresistíveis: beleza e riqueza. Mas Osric conseguiu esquivar-se de todas as manobras de casamento, preferindo continuar sua vida cheia de casos de amor passageiros.

A bela viúva Genevieve Rodney não tentou fingir que Osric era o primeiro homem por quem se apaixonava. Nem mesmo mentiu, dizendo que ele era o primeiro amante que tinha depois da morte do marido. Mas, durante os meses que ficaram juntos, Genevieve deixou bem claro que pretendia que ele fosse o último de seus amantes.

O coração de *lady* Genevieve era muito volúvel, e o conde nunca teve muita certeza se as declarações de amor que ela lhe fazia eram verdadeiras ou se estava mais interessada nele por causa da ascendência nobre.

De fato, os Helstone tinham sangue real e a árvore genealógica da família estava pontilhada de homens ilustres que muito contribuíram para a grandeza da Inglaterra.

Além da importância de sua família, Osric tinha trabalhado muito para alcançar uma boa posição social e, por méritos pessoais, conseguiu um lugar de destaque na Câmara dos Lordes, onde suas opiniões eram ouvidas com respeito.

Fora sua importância no mundo político e social, ninguém poderia negar que Osric também era muito importante no mundo dos esportes. Criava cavalos puro-sangue e importava garanhões árabes para melhorar sua criação.

No entanto, Delos, o cavalo que havia vencido a corrida de Newmarket, era descendente direto do famoso Eclipse, vencedor de muitas provas no passado e que tinha se tornado um animal lendário no mundo das corridas.

Eclipse tinha esse nome por causa do grande eclipse ocorrido em 1764, ano de seu nascimento, e pertencia a William, duque de Cumberland, falecido um ano após o nascimento do animal.

Na venda do espólio do duque, Eclipse foi então comprado pelo sr. William Wildeman por setenta e cinco guinéus.

Fez sua primeira aparição numa pista de corridas no Noblemen and Gentlemen's Plate, em Epsom, em 1769. Seu desempenho mostrou que ali

estava um fenômeno que ficaria para sempre na história das corridas.

Ainda garoto, o conde Osric de Helstone tinha ouvido o pai falar de Eclipse, suas vitórias sendo recordadas pelas famosas palavras: “Eclipse em primeiro, os outros em nenhum lugar”.

Tinha a sensação de que Delos, ou um dos outros cavalos de seu estábulo, podia provar ser tão bom. Porém, nunca se podia ter absoluta certeza, até que o animal participasse de várias das grandes corridas.

Talvez possuir um Eclipse ou um cavalo igual a ele seja a melhor ambição que um homem possa ter na vida, pensou Osric, naquele momento. Olhou para um quadro sobre a lareira: um retrato de Eclipse, pintado por George Stubbs. O castanho-escuro do cavalo era quebrado por uma mancha branca na cabeça e uma na perna traseira. Era um cavalo grande, para o padrão de sua época, e tinha um temperamento impetuoso e agressivo.

Yaxley seguiu o olhar do amigo e disse:

— Garanto-lhe que Delos fez uma apresentação espetacular, hoje. Acha que ele pode vencer o Derby?

— Ainda não resolvi se vou inscrevê-lo.

— Será pressionado a fazer isso.

— Garanto-lhe que farei apenas o que achar mais conveniente. Ninguém ainda conseguiu me pressionar a fazer algo que não quero.

O amigo admitiu que era verdade. Sabia melhor do que ninguém como Osric era decidido e inflexível. Sentia uma grande afeição pelo conde e eram amigos desde crianças. Tinham freqüentado a mesma escola, servido no mesmo regimento e, estranhamente, herdado seus títulos — no mesmo ano.

— Vencer o Derby seria uma grande satisfação — disse Yaxley.

— Concordo. Mas, se eu não inscrever Delos, há Zeus ou Péricles.

— O problema é que você tem muitas ameixas no pudim! — Lorde Yaxley sorriu.

— É, talvez. Osric levantou-se e atravessou a sala confortavelmente mobiliada. — E, depois do Derby, acha que devo tentar a Taça de Ouro de Ascot e St. Leger, não é?

— Por que não?

— O mesmo velho circuito... Tem razão, Willoughby, estou começando a achar tudo isso muito aborrecido. Acho que vou para o exterior.

— Para o exterior? — perguntou Yaxley, ficando ereto na cadeira. — Para que, meu Deus? E ainda mais, durante a temporada?

— Acho que esta temporada está extremamente sem graça. Aqueles bailes e festas intermináveis! Os convites jorrando, as conversas, os mexericos, os escândalos! Já fiz isso tantas vezes, meu Deus! É uma dor de cabeça!

— Você está bancando o difícil, só porque é uma das figuras mais requisitadas da temporada, Osric! Ora, não existe um só homem no país inteiro que não daria o braço direito para estar no seu lugar!

— Gostaria de ter alguma coisa pela qual me dispusesse a sacrificar meu braço direito.

Yaxley ficou em silêncio por um instante, sem tirar os olhos do rosto do amigo. Perguntou, calmamente:

— Está preocupado com alguma coisa em particular?

Osric não respondeu. Sentou na frente da lareira e ficou olhando as chamas.

— É Genevieve, não é? — disse Yaxley, depois de um momento.

— Em parte.

— O que ela fez?

— Já que quer saber a verdade, ela me disse que está grávida. Yaxley fitou-o, espantado.

— Não é verdade!

Osric desviou a atenção do fogo para olhar o amigo.

— O que quer dizer?

— Isso mesmo que você ouviu. — É mentira, porque, há muito tempo, Genevieve contou à minha irmã mais nova que, por causa de uma queda que levou durante uma caçada, quando menina, os médicos disseram que lhe seria impossível ter filhos! — Fez uma pausa e acrescentou: — Esta era uma das razões por que eu tinha tanto medo de que você casasse com ela. Sei que não tenho nada com isso e não queria interferir, mas teria lhe contado, antes que a levasse ao altar.

Osric recostou-se novamente na poltrona.

— Tem certeza disso, Willoughby?

— Absoluta. Minha irmã, que estava na mesma escola que Genevieve, contou-me sobre o acidente, na época. Quando ela casou com Rodney, ele queria um filho. Segundo minha irmã, eles consultaram meia dúzia de médicos, mas nenhum pôde fazer nada.

Houve um silêncio inquietante na sala.

– Se quer saber minha opinião, Genevieve está decidida a agarrá-lo por bem ou por mal, e essa história toda é uma trama, na esperança de que você se comporte como um cavalheiro.

Osric levantou-se.

– Obrigado, Willoughby! Tirou um peso da minha cabeça. E agora, acho que devemos ir nos deitar. Se queremos assistir às pequenas corridas, temos que sair de casa às seis horas.

– Bem, só posso dizer que dou graças a Deus por não ter bebido demais! – comentou Yaxley, enquanto se dirigiam para a porta.

Percebeu que Osric não queria mais discutir sobre *lady* Genevieve e, ao mesmo tempo, ficou feliz por ter dado aquelas informações ao amigo.

Osric era muito reservado em relação a seus casos de amor, e Yaxley tinha ficado com medo de nunca encontrar uma boa oportunidade para dizer tudo o que sabia sobre Genevieve. Agradeceu aos céus por ter conseguido conversar francamente com Osric a respeito de seu romance com a bela viúva.

Maldita Genevieve!, disse Yaxley a si mesmo, já no quarto. Tinha certeza de que o conde estava distante e aborrecido, aquele dia, por causa da possibilidade de ter que casar com aquela mulher.

Mas, com ou sem o problema de Genevieve, Yaxley conseguia entender por que o amigo tinha se cansado da vida social que levava. Nada de novo acontecia naquele mundo pequeno da corte!

Osric está certo, pensou, enquanto se deitava. Talvez o que ele precise mesmo seja ir para uma guerra! Osric precisa de um grande desafio para incentivá-lo, para que retome o gosto pela vida! Todo esse problema de insatisfação acontece porque tem muito dinheiro, só por isso, concluiu Yaxley. É tão rico, que não existe nada que não possa conseguir!

Osric era riquíssimo e admirado pela sociedade, além de ser, talvez, o homem mais bonito da Inglaterra. Tinha ótimos criados que o serviam com dedicação e fidelidade. Suas casas e fazendas eram administradas com perfeição. Todos trabalhavam para que a vida corresse sem problemas e aborrecimentos. Isso era o que o deixava insatisfeito: tinha tudo!

Lorde Yaxley virou-se e pegou no sono, não sem antes pensar que precisava continuar ajudando o amigo.

Depois da corrida da manhã seguinte, os dois voltaram para Londres, na belíssima carruagem de Osric, que, puxada por cavalos ágeis, fez a viagem

em tempo recorde.

Quando chegaram à Mansão Helstone, em Picadilly, Yaxley disse:

– Será que encontrarei você na recepção de hoje? Acho que nós dois fomos convidados para jantar na casa dos Devonshire.

– Fomos? – Osric parecia indiferente. – Meu secretário me dará a lista de compromissos.

– Ah, antes que me esqueça: você vai se hospedar na casa de *lady* Chevington para o Derby? Tenho certeza de que ela já o convidou.

– Acho que recebi, mesmo, o convite dela.

– Está pensando em aceitar?

– Por que não? A casa é muito confortável e fica perto de Epsom. Além do mais, ela oferece festas muito gostosas.

– Então, iremos juntos – disse Yaxley. Depois, sorrindo, perguntou:

– Não vai me levar em casa, Osric? Terei que ir a pé?

– Não, vou lhe dar uma carona.

Os dois homens partiram. A casa de Yaxley ficava a apenas alguns quarteirões de distância, e Osric logo estava de volta. Foi direto para a biblioteca.

– Chegaram muitas cartas, Grotham? – perguntou ao secretário.

– Chegaram muitos convites para festas e jantares, mas discutirei isso com o senhor depois. Há também alguma correspondência particular. Coloquei na sua escrivaninha.

Osric aproximou-se da escrivaninha e viu quatro envelopes escritos com caligrafia feminina.

O sr. Grotham era muito discreto e não abria a correspondência pessoal do conde, pois seus anos de experiência o ensinaram a reconhecer de longe uma carta de mulher.

Osric percebeu logo que as três eram de Genevieve. Apertou os lábios. Não tinha feito nenhum comentário com Yaxley sobre a mentira da amante, nem demonstrara nenhum sentimento ao amigo, mas, no íntimo, aquelas informações sobre Genevieve o deixaram simplesmente furioso.

Como ela se atrevia a tentar apanhá-lo com o truque mais antigo do mundo? E como tinha sido tão bobo de acreditar?

O fato de Genevieve estar apaixonada por ele não o perturbava, a não ser por ela viver querendo demonstrar sua paixão a todo momento, com atitudes e palavras inconvenientes.

Achava-a desejável, fascinante e uma das mulheres mais sensuais que tinha conhecido.

Genevieve o servia e ele a pagava por seus favores com diamantes e rubis, responsabilizando-se pelas contas exorbitantes que a amante fazia nas costureiras mais elegantes de Londres. Também a presenteara com uma carruagem e uma parelha de belos cavalos que deixaram as amigas mortas de inveja.

Mas nunca, nunca lhe havia passado pela cabeça casar com Genevieve. Era o tipo de mulher que nunca seria fiel. Osric sabia que, com o passar do tempo, ela não teria escrúpulos de se entregar a outro amante que também satisfizesse seus desejos.

O que não tinha percebido é que Genevieve o achava irresistível por causa de sua maneira esquiva. Havia algo nele que nenhuma mulher conseguia penetrar. Mesmo nos momentos de intimidade mais completa, Genevieve sabia que não o possuía inteiramente. Osric não se entregava, não a deixava dominá-lo. Talvez por isso mesmo, por saber que pela primeira vez ela se apaixonara perdidamente, apesar dos seus encantos, não conseguia dominar um homem.

Genevieve não tinha uma personalidade forte e suas emoções eram muito superficiais, mas era uma criatura ardente, com um desejo insaciável. Com Osric, sentia o coração insatisfeito, embora ele se mostrasse um amante muito competente.

Genevieve queria-o a seus pés. Queria-o submisso como os outros homens tinham sido. Queria agarrá-lo. E foi pelo fato de sempre se mostrar esquivo e parecer nunca se deixar dobrar aos seus encantos, que resolveu casar com ele.

Além de todos esses motivos, Osric também era um partido que nenhuma mulher deixaria passar sem tentar segurar para sempre. Fora sua vasta fortuna, suas fazendas e outras propriedades, bastava vê-lo, alto, de ombros largos, viril e sempre certo de sua masculinidade, para sentir o coração bater mais forte.

Genevieve usou todos os truques e artimanhas que sabia para agarrar o conde. Realizou todos os desejos dele, e Osric sempre foi muito generoso, mas nunca disse que a amava. Ficava sempre com uma expressão cínica no olhar e com um tom de zombaria na voz que a deixavam desnorteada.

Ela sabia que não era essencial na vida de Osric e isso a enervava.

Nunca tinha certeza se ele voltaria, quando a deixava. Nem se lembrava dela, quando não estava em seus braços.

Osric deixava-a louca de incerteza!

— Quando vai casar comigo? — perguntou ela, certa noite, em seus braços.

— É muito gananciosa, Genevieve.

— Gananciosa?

— Sim. Ontem, dei-lhe um colar de diamantes. Na semana passada, um de rubis. E acho que, na anterior, um broche de esmeraldas que a deixou fascinada... E agora, quer mais ainda?

— Apenas uma aliança de ouro, querido.

— É uma coisa que não posso arranjar.

— Por que não? Seríamos tão felizes, juntos...

— O que chama de felicidade?

— Estar com você. Sabe que eu o faço feliz. — Aconchegou-se ainda mais ao corpo de Osric. — Eu o amo. Case comigo. Por favor, case comigo!

Como resposta, ele a beijou com desejo e fogo, que logo os envolveram completamente. Ficaram cegos de paixão, naquela noite. Só depois que Osric foi embora, Genevieve percebeu que ele não lhe tinha dado uma resposta.

Agora, Osric estava cheio de raiva e havia uma expressão dura em seus olhos, quando fitou as três cartas. Afastou-se, furioso, pegando o quarto envelope. Olhou atentamente a caligrafia, mas não conseguiu descobrir quem era a remetente.

— Se não precisar mais de mim, vou me retirar, senhor — disse o sr. Grotham.

— Acho que tenho um jantar com os Devonshire, esta noite, não é mesmo?

— Sim, senhor. Já mandei providenciar a outra carruagem.

— Que resposta você mandou ao convite de *lady* Chevington para eu me hospedar na casa dela em Epsom?

— O senhor disse que pensaria no assunto quando voltasse.

— Então, pode responder que aceito.

— Ótimo, senhor. E posso parabenizá-lo pela vitória de ontem?

— Ah, então, já soube? Acho que Delos ainda será um grande campeão!

— É o que espero, senhor. É o que espero!

– Apostou nele, Grotham?

– Sim, senhor. Eu e os outros criados. Todos tivemos sorte em confiar no palpite do senhor.

– Obrigado.

O sr. Grotham saiu da biblioteca, fechando a porta com cuidado.

Osric resolveu abrir o envelope que tinha nas mãos. Leu a carta e ficou bastante surpreso.

Escritas numa letra muito bonita, no centro de um papel de fina qualidade, estavam estas palavras:

“Se o senhor quiser saber algo muito importante para o seu futuro, vá até o lado sul da ponte, sobre o Serpentine, às nove horas, sexta-feira. Dessa conversa depende o seu futuro. Não se esqueça!”

Que diabo será isso? - perguntou-se Osric. Não havia assinatura, e chegou a pensar que fosse uma brincadeira.

Já tinha recebido muitas cartas de mulheres que não conhecia, mas sempre assinavam e tomavam o cuidado de escrever seus endereços claramente, para que pudesse encontrá-las o mais rápido possível.

Mas não havia nada naquela carta, a não ser a mensagem misteriosa.

Será que era de alguma admiradora que queria marcar um encontro de amor e estava com vergonha de dizer o nome? Não... não podia ser. Osric chegou à conclusão de que tinha que ir ao encontro, pois podia ser verdade que lhe diriam algo muito importante sobre seu futuro.

Tocou um sininho que ficava sobre a escrivaninha e em seguida surgiu um criado.

– Mande Barker vir até aqui!

Poucos minutos depois, o mordomo entrou na biblioteca.

– Mandou me chamar, milorde?

– Sim. Lembra quem trouxe estas cartas?

– Sim, milorde. Eu estava no vestíbulo, quando um criado de *lady* Genevieve Rodney trouxe esses envelopes.

– E este?

– Foi trazido por um garoto todo esfarrapado, milorde. Fiquei surpreso por ver um envelope de papel tão fino ser entregue por um maltrapilho.

– Perguntou de quem era a carta? – Osric sabia que Barker era muito curioso.

– Como fiquei muito surpreso, resolvi fazer algumas perguntas ao garoto.

– E o que ele lhe contou?

– O garoto me disse que uma dama lhe deu meia libra para que trouxesse a carta. É um garoto que vive pelas ruas, fazendo biscates.

– Foi só isso que ele lhe disse?

– Sim, milorde.

Osric ficou ainda mais intrigado com todo aquele mistério. Quem poderia ser a mulher que queria se encontrar com ele? O que teria para lhe dizer?

Levantou-se da escrivaninha, resolvido a comparecer ao encontro na manhã seguinte, às nove horas.

Osric foi deitar mais tarde do que pretendia porque ficou muito envolvido numa discussão sobre política na casa dos Devonshire, que durou até a madrugada.

Levantou-se de mau humor, quando o criado particular o acordou às oito da manhã, como de costume. Tomou um banho rápido que já estava preparado e, vinte minutos depois, desceu para tomar o café da manhã.

Sentia uma forte dor de cabeça e pensou que talvez fosse por causa da quantidade de bebida que tomara na casa dos Devonshire. Decidiu que precisava de um pouco de ar fresco para se reanimar. O cavalo que tinha comprado na semana anterior já estava selado, à sua espera.

De repente, percebeu que tanto a dor de cabeça quanto o mau humor tinham passado como que por encanto, só pelo fato de ter saído à luz do sol.

Aquele cavalo era magnífico, ninguém podia negar! Os músculos estavam agitados, sob o pelo preto brilhante, enquanto jogava a cabeça para trás, e empinava de uma maneira que Osric percebeu ser um animal digno de ser domado por ele.

Dois cavaleiros se esforçavam para segurar o garanhão. Osric levou algum tempo para conseguir controlá-lo, pois o animal pulava e empinava sobre as patas traseiras para mostrar sua independência.

Rumaram para Piccadilly e chegaram a Hyde Park antes que Osric percebesse.

Não havia nada de que gostasse mais do que uma batalha com um cavalo decidido a não se submeter à sua vontade. Conduziu o garanhão, num passo rápido, para o Row.

Como estava fora de qualquer ambiente elegante, onde era considerado socialmente incorreto galopar, o conde deixou o cavalo em liberdade e galopou rapidamente sobre a grama, até ver um brilho prateado à sua frente e perceber que se aproximavam do Serpentine.

Forçando o cavalo a trotar, ele tirou o relógio de dentro do bolso.

Eram exatamente nove horas!

Osric pretendia não ser pontual. Não fazia mal deixar alguém tão importante como a autora do bilhete esperando. Mas, por causa da velocidade com que tinha galopado, chegou na hora.

Cavalgou na direção da ponte. Não havia ninguém lá.

Deve ter sido uma brincadeira, pensou.

Entretanto, como estava curioso para saber por que alguém se preocupava em lhe pregar uma peça, Osric fez o garanhão parar e ficou olhando para a longa linha de água prateada.

O cavalo estava um pouco agitado, e ele tinha acabado de resolver ir embora e continuar sua cavalgada, quando viu uma mulher vindo em sua direção. Usava uma roupa de montaria verde, e o véu que envolvia o chapéu voava como uma bandeira. Montava um puro-sangue.

Depois, para seu espanto, enquanto o cavalo se aproximava, parecendo galopar para cima dele, a mulher se jogou da sela e caiu no chão, exatamente à sua frente.

Osric ficou tão surpreso que, por um momento, só conseguiu ficar olhando para ela. Depois, como estivesse deitada imóvel, desmontou rapidamente, amarrou as rédeas num poste lateral da ponte e foi socorrê-la.

A mulher estava com os olhos fechados, mas os abriu quando se inclinou sobre ela.

— Você é o conde de Helstone?

— Sim. Você está bem?

— Claro que estou! — respondeu, com voz surpreendentemente firme.

— Tenho algo a lhe dizer e precisamos ser rápidos!

Estava claro que não tinha se machucado nem sentia dores, mas continuou deitada, embora agora se apoiasse sobre um cotovelo.

Era muito atraente. Tinha cabelos avermelhados, pele muito clara e grandes olhos verdes-acinzentados que pareciam quase preencher o rosto pequeno.

Era moça, embora a voz tivesse um tom decidido que Osric não

associava com uma jovem.

— Você foi convidado para ficar na casa de *lady* Chevington durante as corridas de Epsom? — perguntou ela.

— Fui.

— Tem que recusar! Escreva dando uma desculpa qualquer, mas não aceite o convite, em hipótese alguma!

— Mas por quê? E o que você tem a ver com isto?

A garota ia responder, quando ouviram um som de galope e um cavaleiro veio rapidamente na direção deles.

Era um homem de meia-idade e, quando viu a patroa deitada no chão, disse, consternado:

— O que aconteceu, srta. Calixta? Machucou-se?

— Não, estou bem, Jenkins. Vá pegar Centauro.

— Ora, srta. Calixta, sabe que não serei capaz de fazer isso... — começou o homem.

Osric fitou-o.

— Você ouviu o que a senhorita disse. Vá buscar o cavalo e traga-o aqui!

O cavaleiro reconheceu o tom de autoridade e tocou o quepe.

— Está bem, senhor. Esporeou o cavalo e afastou-se.

A garota sentou. Depois, para espanto de Osric, juntou os lábios e emitiu um assobio longo e baixo, seguido por um mais curto.

Um pouco à esquerda deles, o cavalo em que tinha vindo imediatamente levantou a cabeça. O cavaleiro estava quase alcançando-o, mas, com sua aproximação, o cavalo trotou por alguns metros e parou.

O cavaleiro seguiu-o, e a mesma cena se repetiu.

O conde olhou para a garota.

— Você o ensinou a se comportar assim? E não foi ele que a jogou ... você se jogou!

— Lógico que Centauro nunca me jogaria! É que eu queria conversar com você e, se Jenkins soubesse que tínhamos um encontro, contaria à mamãe.

— Quem é sua mãe? — *Lady* Chevington. Osric fitou-a, perplexo.

— Então, por que está me dizendo para não aceitar o convite de sua mãe para ir a Epsom?

— Porque, se você for, ela o fará casar comigo!

Por um momento, Osric pensou que era brincadeira. Mas, quando observou seus olhos, percebeu a expressão séria. Sem dúvida, a moça tinha certeza do que falava.

— Garanto-lhe que sei tomar conta de mim — disse Osric, com um leve sorriso nos lábios. — Se ficar na sua casa para as corridas, não vou pedir sua mão em casamento, se é isso que a está preocupando!

— Não seja ridículo! Você não entendeu. É lógico que não estou com medo de que peça minha mão! O que estou lhe dizendo é que estão lhe preparando uma armadilha e se verá obrigado a me pedir em casamento. Não haverá outra saída honrosa, vai ver!

Osric riu.

— Não posso nem imaginar uma situação em que me veja obrigado a fazer algo que não queira. Fique tranqüila, nada do que teme vai acontecer.

Calixta levantou-se.

— Você é louco! Eu já devia saber que estava perdendo tempo, quando resolvi escrever. — Tirou a poeira de seu traje de montaria e continuou: — Por que acha que o duque de Frampton casou com minha irmã Ambrosine? Ou o marquês de Northaw, com minha irmã Beryl?

Esperou que Osric respondesse. Como ele não disse nada, Calixta continuou:

— Eles se viram obrigados a casar porque minha mãe colocou na cabeça que queria que fossem seus genros. Agora, ela resolveu que você será... meu marido!

— Pelo jeito como fala, essa idéia deve deixá-la cheia de horror — disse Osric, sarcástico.

— Pensei que tivesse um pouco mais de bom senso. Nunca imaginei que fosse levar esse assunto na brincadeira! — Ela o observava furiosa. — Pode ir para Chevington Court, se quiser, mas fique sabendo que não casarei com você, aconteça o que acontecer!

— E o que pode acontecer?

— Você verá! E é bom que saiba que minha mãe vai ganhar cinco mil libras numa aposta, quando a notícia de nosso noivado sair publicado na *Gazettel*.

— Fique tranqüila, sua mãe perderá a aposta.

Osric viu o olhar furioso que Calixta lhe lançou antes de desviar os olhos para observar seu criado correndo atrás do cavalo.

Era óbvio que o animal estava se divertindo às custas do pobre homem. Ele corria para um lado e parava. Quando o criado chegava perto, galopava em outra direção e parava.

Calixta deu um assobio e imediatamente, sem hesitação, o animal veio trotando em sua direção.

Ela acariciou o pescoço do animal e afagou o focinho.

– Foi você mesma que o treinou? – perguntou Osríc.

– É claro! Ele entende tudo o que falo. É por isso que seu nome é Centauro.

– Uma criatura metade homem, metade animal – disse Osríc, sorrindo.

– Bem, pelo menos, você entende um pouco de mitologia grega. Já é alguma coisa... – Olhou para o belo cavalo de Osríc. – Que animal maravilhoso! – exclamou, num tom de voz diferente.

– É minha mais nova aquisição – disse ele, preparando-se para montar.

Calixta também montou.

– Muito obrigada por ter atendido ao meu bilhete – disse, em voz baixa, para que o criado que se aproximava não a ouvisse. – Despeça-se do cavalheiro, Centauro!

Para surpresa de Osríc, Centauro colocou uma das patas dianteiras para a frente, curvou a outra e abaixou a cabeça.

Em seguida, sem lançar um último olhar para o conde, Calixta virou o animal e partiu.

Osríc observou-a se afastando; cavalgava com muita perícia e elegância. Depois, lembrando-se do que ela lhe havia dito e da maneira como se jogara à sua frente, ele sorriu.

Precisava descobrir o que existia por trás de todo aquele mistério.

CAPÍTULO II

Genevieve Rodney olhou para o vestido de baile que madame Madeleine, a costureira mais cara de Londres, lhe mostrava, e deu um gritinho de contentamento.

— É maravilhoso!

— Tinha certeza de que a senhora gostaria. Chegou ontem de Paris. Assim que o tirei da caixa, vi que parecia ter sido feito para a senhora.

— Mas deve ser caríssimo... — murmurou Genevieve, pensativa, observando os detalhes do vestido. O corpete era todo recoberto de rendas venezianas, e as três saias rodadas de seda, presas ao corpete por um lindo laço de cetim enfeitado com flores. Gostaria muito de ficar com aquele vestido, mas lembrou que Osric tinha acabado de pagar sua conta, grande e antiga, com madame Madeleine na semana anterior.

A costureira, como boa comerciante que era, não disse nada; apenas suspendeu o vestido e virou-o para que Genevieve pudesse admirar a qualidade do acabamento e a graça do decote. Colocou-o sobre a cama e arrumou os enfeites de veludo das três saias, antes de dizer:

— Este vestido é para ocasiões muito especiais, *lady* Genevieve!

Talvez para um dos três bailes oficiais que Sua Majestade dará para celebrar a coroação.

Genevieve não disse nada e madame Madeleine continuou:

— Espero ter o privilégio de vestir a senhora para a cerimônia da coroação. Será a mulher mais linda; principalmente, se permitir que eu lhe desenhe o vestido e escolha a cor mais adequada.

Depois de alguns instantes, Genevieve perguntou:

— Que cor acha que devo usar?

— As damas de honra usarão vestidos brancos e prateados, com tiaras de prata enfeitadas com botões de rosa. Acho que ficarão muito graciosas. Mas, para a senhora... — Fez uma pausa, para ver se Genevieve estava realmente atenta, e sugeriu: — Mas, para a senhora, pensei num vestido de gaze com o corpete azul-pavão bem decotado para realçar seu busto. A saia deverá ser verde-azulada e enorme, com uma cauda amarrada por um laço de cetim negro para combinar com seus cabelos.

– Interessante...

– Trouxe um desenho para que tenha uma idéia.

Madame tirou de uma pasta uma folha de papel onde estava desenhada a graciosa figura de Genevieve usando o vestido descrito. O modelo realçava seus ombros belíssimos e a cauda era bem longa.

– Muito original! E, como você mesma disse, ficaria lindo em mim.

– Principalmente se usasse um colar de esmeraldas e diamantes - sugeriu madame. – O verde deixa seus olhos misteriosos e provocantes.

Genevieve riu, divertida.

– Madeleine, você é uma ótima negociante, e muito mais encorajadora do que a cigana que visitei na semana passada para saber do meu futuro.

– Posso dizer seu futuro sem ler a palma de sua mão, *lady* Genevieve. Tudo está escrito em seu rosto: quem poderá ter mais sucesso na alta sociedade londrina do que a senhora?

Genevieve riu novamente.

– Deixe o desenho comigo. O vestido vai ficar caríssimo, mas talvez valha a pena mandar fazê-lo para deixar todas as mulheres loucas de inveja no dia da coroação.

Madeleine sorriu.

– E os outros vestidos?

– Ficarei com eles também. Mas só mande a conta daqui a três semanas. Você terá que esperar um pouco.

– Tenho certeza de que a senhora não precisa se preocupar com questão de dinheiro – murmurou, com uma insinuação velada que passou despercebida a Genevieve.

Madame Madeleine sabia que Genevieve tinha quem lhe pagasse todas as contas e compreendia perfeitamente que Genevieve queria um prazo maior, até achar o momento oportuno para falar ao conde Osric.

– Os vestidos ficarão perfeitos na senhora. Se precisar de algo mais, é só mandar me chamar, que virei no mesmo instante.

– É sempre muito gentil, Madeleine.

Deixando os vestidos sobre a cama coberta com uma colcha de cetim, *madame* Madeleine saiu do quarto, e Genevieve mirou-se no espelho, com um sorriso de satisfação.

Tinha ficado feliz com a roupa que usaria na coroação, sabia que não

passaria despercebida. As pessoas estavam falando muito sobre a ocasião. Afinal, não era todo dia que uma garota de apenas dezenove anos subia ao trono.

Não havia dúvida de que a rainha tinha se tornado muito simpática aos súditos e que seus ministros estavam fazendo o impossível para que a coroação se tornasse um acontecimento inesquecível. O parlamento tinha liberado uma verba de duzentas mil libras para a cerimônia.

O que eu não faria com uma soma dessas! - disse Genevieve a si mesma.

Na sociedade, só se falava no dia 28 de junho, quando Victoria seria coroada rainha da Inglaterra. Seria um grande acontecimento, e Genevieve não o perderia por nada no mundo! Queria ser uma das figuras de maior destaque na ocasião. Estaria usando um lindo vestido que realçaria ainda mais sua beleza e, sem dúvida, causaria muito espanto, quando entrasse na abadia de braço dado com... o conde Osric de Helstone!

Não pôde conter um sorriso de satisfação. Osric não era um homem fácil de se lidar. Na verdade, era o mais difícil que encontrara na vida, mas tinha colocado na cabeça que casaria com ele, e ninguém conseguiria demovê-la.

Se nosso noivado for anunciado antes da coroação, ele ficará sentado a meu lado na abadia! - pensou Genevieve, deliciada.

Sabia da fama de esquivo de Osric, mas confiava muito em si mesma e tinha certeza de que acabaria concordando em casar com ela.

Seria tão bom ser a condessa de Helstone! Além de tê-lo como marido, seria dona de vastíssimas propriedades e poderia dormir tranqüila, pois sua velhice estaria garantida! Quantas festas daria na mansão dos Helstone! Até podia se ver andando pelos vastos salões, usando roupas e jóias caríssimas, enquanto as outras mulheres a olhariam com inveja, por ela ter conseguido agarrar o “Conde Esquivo”.

Condessa de Helstone!

De repente, ouviu alguém bater à porta e uma das criadas entrou no quarto. A garota parecia temerosa, sem saber direito como se dirigir à patroa. Genevieve tinha um gênio difícil e a criadagem morria de medo de seus humores.

— O que foi? — perguntou, bruscamente.

— O primeiro-ministro está lá embaixo, senhora.

– O primeiro-ministro? E por que não me avisou antes, sua bobalhona?

Genevieve voltou-se, deu uma olhada no espelho e ficou satisfeita com o que viu, não se preocupando em trocar de roupa. Embora já fosse um pouco tarde, resolveu descer com aquele *négligé* que deixava quase que totalmente à mostra as belas curvas de seu corpo.

A criada abriu mais a porta e Genevieve passou, apressada, em direção à escada. Não gostava de deixar o visconde Melbourne esperando. Ele era seu primo num grau distante e tinha sido muito amigo de seu pai, o duque de Harrogate. Genevieve conhecia-o desde criança.

Quando entrou na sala de estar e viu Melbourne esperando-a, correu para ele, dando um gritinho de alegria.

Mesmo com cinquenta e nove anos, o primeiro-ministro ainda era um homem muito bonito. Tinha sido bastante atraente quando jovem, e as pessoas admiravam principalmente seus olhos e a forma da sua cabeça. Gostava muito da companhia das mulheres e era extremamente atraído por elas.

Era muito sofisticado e experiente. Seus olhos brilharam, com um misto de admiração e divertimento, quando viu como *lady* Genevieve estava vestida.

Ela o abraçou e beijou-lhe o rosto.

– Primo William, que gentileza, ter vindo! Eu sabia que responderia a meu bilhete, mas não esperava vê-lo tão depressa!

– Sabe que estou sempre pronto a ajudá-la, quando precisa.

– Obrigada! – disse Genevieve, pegando-o pela mão e fazendo-o sentar no sofá a seu lado. – Quer beber alguma coisa? Um copo de madeira? Ou prefere champanhe?

– Não quero nada, a não ser olhar para você! Está em ótima forma, minha cara. Não conheço ninguém que consiga estar tão bonita a esta hora da manhã.

– Obrigada, primo William! Mas agora vamos ao assunto. Preciso muito de sua ajuda.

Ele ergueu as sobrancelhas e esperou.

– Claro que foi um descuido, tenho certeza disso, mas não recebi meu convite para a coroação – disse Genevieve.

Quase como se não percebesse o que estava fazendo, lorde Melbourne

largou a mão. Não olhou para Genevieve, quando disse, calmamente:

– Não foi um descuido.

Houve um momento de silêncio, antes que ela perguntasse, com um tom de voz incrédulo:

– Quer dizer que não serei convidada?

– A rainha cortou seu nome da lista que lhe foi apresentada.

– Não posso acreditar! Como ela se atreve? Lorde Melbourne suspirou.

– Você tem sido bastante indiscreta, minha querida.

– Está se referindo a... Osric Helstone?

– Ele é um dos muitos, mas talvez sua ligação com ele e os comentários que tem gerado acabaram culminando nisso.

– Quer dizer que aquelas velhas fingidas ficaram irritadas? Aquelas velhas viúvas emboloradas, que correm atrás dele há anos, tentando fazê-lo casar com suas filhas bobas, resolveram de uma vez por todas que, se não o conseguiriam, ninguém mais deve conseguir? – desabafou Genevieve, com os olhos faiscando.

– Você pode ter uma ponta de razão. Porém, minha cara, os tempos mudaram. O que era permitido nos alegres dias da Regência e apreciado por George IV agora é visto com desagrado e mais severamente!

Havia um leve sorriso nos lábios dele, como se estivesse se lembrando de como tinha desfrutado a sociedade livre e desordeira daquela época, quando as senhoras tinham um comportamento quase tão escandaloso como o dos homens.

– O rei Guilherme e a rainha Adelaide, como você sabe, fizeram o máximo para refinar a conduta e a moral – continuou ele.

Genevieve riu, com sarcasmo.

– O rei estava longe de ser a pessoa mais indicada a fazer isso, considerando que teve dez filhos com a sra. Jordan!

– Entretanto, ele impôs padrões de comportamento e a maioria das pessoas se conformou.

– Nunca fui uma conformista!

– Sei disso, mas deve compreender que a rainha é muito jovem, muito inocente e muito bondosa!

Genevieve estava prestes a fazer um comentário irônico, quando lembrou que todos acreditavam que lorde Melbourne estava apaixonado pela

rainha.

Devia ser muito engraçado ver aquele homem, já com uma certa idade e com fama de ter sido responsável por no mínimo dois divórcios, dizendo frases inocentes à jovem rainha.

Os amigos achavam incrível que Melbourne passasse a maior parte de seu tempo livre jogando dama ou armando quebra-cabeças com Victoria. Genevieve tinha ouvido dizer também que os olhos dele quase sempre ficavam cheios de lágrimas, quando falava com a rainha. Não acreditava muito nisso, mas, por via das dúvidas, preferiu mudar de tática:

– Você poderá persuadir Sua Majestade, William, de que toda a minha família se consideraria insultada, caso eu não fosse convidada para a coroação, não é mesmo?

Genevieve sabia que aquele não era um argumento muito convincente. Seu pai tinha morrido, a mãe vivia completamente afastada em Dorset e nunca aparecia na corte. Seus outros parentes, e havia muitos, desaprovavam seu comportamento e achariam muito certo se a rainha lhe desse uma lição.

Percebendo que o primo não parecia muito impressionado, ela disse, rapidamente:

– A rainha nunca poderá me impedir de comparecer à cerimônia de coroação, pois vou casar com Osric de Helstone!

Melbourne olhou-a, sem acreditar.

– O “Conde Esquivo”? Tem certeza?

– É claro que sim!

– Então, isso altera tudo. Quer dizer que Helstone pediu-a em casamento?

Genevieve abaixou os olhos.

– Ainda não. Mas pedirá, fique sossegado.

– Pela sua felicidade, espero que isso aconteça.

Ele se levantou e foi até a lareira. Depois de alguns instantes, disse:

– Conheço-a desde que era uma garotinha, Genevieve. Seu pai foi um de meus melhores amigos e sua mãe foi muito gentil comigo, nos tempos de minha mulher, quando passei por uma fase muito difícil.

Genevieve sabia que se referia à época em que casara contra a vontade da família, com a linda e excêntrica *lady* Caroline Ponsonby, filha única do conde de Bessborough, que escandalizou a sociedade da época com sua paixão por lord Byron.

Ela morrera há dez anos, em 1828, e a mãe de Genevieve sempre falava de como Melbourne tratara bem a esposa, que morreu louca, depois de sua paixão por Byron.

Não tinha sido aquela a única desgraça na vida do visconde. Seu único filho, Augustus, além de doente mental, morrera um ano antes da mãe.

— Papai e mamãe sempre gostaram muito de você — disse Genevieve.
— E eu também.

— Então, espero que dê ouvidos aos meus conselhos.

— A vida é curta e quero me divertir, meu caro.

— As mulheres podem ser muito cruéis com uma mulher mais bonita do que elas e que, ainda por cima, tenta infringir as regras sociais.

— Estávamos falando de Osric, William.

— Eu sei, e espero, para seu próprio bem, que consiga fazer com que ele case com você, coisa que nenhuma mulher até hoje conseguiu. Só me parece que você se esqueceu de algo.

— O quê? — perguntou Genevieve, demonstrando um certo nervosismo.

— Um homem geralmente gosta de se divertir com mulheres fáceis e volúveis, mas, quando escolhe uma esposa, quer alguém que satisfaça mais do que seu desejo carnal.

— O que quer dizer com isso?

— Quero dizer que normalmente o homem prefere casar com uma mulher pura e virgem. Acho que todos têm um ideal dentro do coração em relação à mulher que usará seu sobrenome.

— Pura e virgem? — repetiu Genevieve, incrédula.

La começou a rir, quando percebeu que, de fato, tinha sido aquele desejo que fizera Melbourne decidir casar-se com Caroline Ponsonby, quando ela era jovem e ingênua, e que o fazia agora estar apaixonado pela jovem rainha!

— Já é um pouco tarde para você querer que eu seja pura e virgem.

— É verdade. E Helstone talvez ache muito atraentes suas atitudes liberadas, seu jeito sensual de ser e sua maneira de não se importar com as regras sociais. Mas tem certeza de que vai querer você como esposa?

— Ele se casará comigo - disse Genevieve, obstinada.

— Nesse caso, não há mais nada que eu possa dizer — murmurou Melbourne.

Genevieve levantou-se, aproximou-se do primo e pousou a mão em seu ombro.

— Se Osric casar comigo, William, farei o possível para me comportar segundo as regras sociais. Como mulher dele, não poderei ser excluída da corte.

— Não, se você se comportar direitinho.

— Pode ter certeza de que me comportarei direitinho. E agora, vai me convidar para a coroação?

— Impossível, querida. A não ser, é claro, que seu noivado seja anunciado antes do dia 28 de junho.

Os lábios de Genevieve tremeram de raiva.

— Então, tenho uma data marcada para conseguir assistir à coroação, não é? Pode deixar, William, eu irei a essa cerimônia!

— Vamos ver, querida.

Assim que ouviu a carruagem do primo se afastar, Genevieve pegou um vaso de porcelana que estava no vestíbulo e atirou-o ao chão, louca de raiva.

Depois, xingou em voz alta toda a sociedade, todas aquelas mulheres feias e rancorosas da corte que adoravam mexericar sobre ela nos ouvidos da rainha.

Os criados ouviram-na gritar pela casa inteira e ficaram morrendo de medo de que sua fúria acabasse caindo sobre eles.

Ainda gritando e xingando, ela subiu a escadaria e entrou no quarto, onde encontrou duas criadas que trabalhavam na limpeza dos móveis. Passando pela mais nova, Genevieve a esbofeteou; em seguida, jogou uma escova de cabelo na mais velha, fazendo com que as duas pobres mulheres saíssem aterrorizadas do aposento.

Meia hora depois, no entanto, Genevieve já estava sorrindo e cheia de esperança no coração, quando vieram lhe avisar que o conde Osric de Helstone a esperava na sala de estar.

Desceu para recebê-lo, usando um vestido novo de musselina rosa, todo enfeitado de veludo vermelho.

Olhando para ele, assim que entrou na sala, Genevieve pensou pela primeira vez que Melbourne e Osric tinham algo em comum: ambos possuíam uma aparência de segurança e de bem-estar físico.

— Estava esperando você Osric!

– Quero lhe falar.

– Algo importante? – perguntou ela, aproximando-se e erguendo a cabeça para que a beijasse.

Osric simplesmente encarou-a com olhos duros e frios.

– Sente, Genevieve. Quero discutir algumas coisas com você. Teve a impressão de ver uma certa inquietação nos olhos dela, mas Genevieve sentou no sofá, sem dizer nada.

– Estou esperando – murmurou, depois de alguns segundos.

– Na última vez que nos vimos, você me disse que estava grávida.

– É verdade. – Sorriu. – Pensei que fosse agradar-lhe a idéia de ter um herdeiro para usar seu sobrenome. Não é isso que todo homem deseja?

– Em certos casos, sim. Mas quero ter certeza de que essa criança é minha.

Genevieve arregalou os olhos.

– Osric, como pode duvidar de uma coisa dessas? Sabe muito bem que não houve mais ninguém em minha vida, depois que nos apaixonamos! Você é tudo para mim, tudo! Como pode imaginar que eu o traí?

– Há também outra coisa de grande importância.

– E o que é?

– Quero estar absolutamente certo de que está realmente grávida.

– Como pode duvidar disso? É claro que a gravidez ainda está no começo, mas uma mulher sempre sabe essas coisas, e tenho certeza absoluta de que espero um filho seu. – Fez uma pausa e continuou, com um tom de voz quente e cheio de esperança: – Quando casaremos, Osric? Já não agüento mais esperar!

– Antes de decidirmos qualquer coisa sobre isso, quero que *sir* James Clark a examine.

– *Sir* James Clark? Quem é ele?

– O médico particular da rainha. Um dos melhores ginecologistas. Houve um momento de silêncio. Depois, Genevieve disse, sorrindo:

– Ora, Osric, ainda é muito cedo para que um ginecologista me examine. Estou muito bem, acredite! Nunca me senti melhor em toda a minha vida.

– Quero que *sir* James a examine para saber se está realmente grávida. Se estiver, prometo casar com você.

Genevieve encarou-o, furiosa.

— Não vejo razão alguma para me submeter a um exame tão humilhante! — gritou.

— Por que não diz a verdade? Sabe muito bem que não está grávida. Não está esperando um bebê, porque nunca poderá engravidar!

Genevieve não respondeu. Qual seria a melhor solução: concordar com ele e se fazer de arrependida, ou continuar com a mentira? O que fazer?

— Soube que você é estéril — murmurou Osric, depois de alguns segundos. — Tentou dar um filho a Rodney e falhou.

— Quem lhe disse isso? — perguntou, cheia de raiva. Em seguida exclamou: — Já sei quem foi! Willoughby Yaxley! Ele deve ter ouvido essas tolices da boca daquela nojenta da irmã dele! Sempre odiei Louise!

— Mas ela falou a verdade.

— Muito bem, eu não estou grávida, no momento. Mas isso não significa que não engravide um dia desses!

Osric tirou um envelope do paletó e o colocou sobre a lareira.

— O que é isso? — perguntou ela, agressiva.

— É um cheque. Certamente cobrirá minhas contas com você. Adeus, Genevieve!

— Adeus?! — gritou. — Está me abandonando? Não pode fazer isso, Osric!

— Se existe algo que detesto, é ser enganado. Só sinto que nossa relação tenha acabado desta forma. Não queria que acontecesse assim.

— Não pode me abandonar! — gritou Genevieve, levantando-se do sofá e correndo para ele. — Eu o amo, querido! Sabe disso! Se menti, foi para ver se conseguia fazer você casar comigo. Menti porque o amo muito!

— E acha que mentiras são bons alicerces para um casamento?__

Depois de alguns segundos, ele riu e continuou: — Você só faz reforçar minha decisão de continuar solteiro.

Genevieve tentou abraçá-lo, mas ele se esquivou.

— Não há mais nada a dizer — murmurou, caminhando para a porta. Ela correu atrás dele.

— Por favor, Osric, ouça-me! Explicarei tudo! Eu lhe direi por que menti para você. Precisa me entender...

— Já entendi tudo perfeitamente! — Abriu a porta da sala e foi em direção ao vestíbulo.

— Osric, não me abandone! Vamos conversar... por favor...

Genevieve caiu sobre o tapete do vestíbulo e suas últimas palavras não foram mais do que um simples gemido.

Já em sua casa, Osric sentia-se aliviado por ter colocado um ponto final naquele romance. Já estava ficando cansado de Genevieve e, principalmente, da mania que tinha de querer casar-se com ele a todo custo.

Sim, ela o excitava a maior parte do tempo, mas algumas vezes tinha a impressão de que, por mais que Genevieve tentasse agradá-lo, por mais que se enfeitasse, não o satisfazia inteiramente.

Mais uma vez, Osric disse a si mesmo que a beleza não era tudo numa mulher.

Era difícil imaginar outra mais bonita do que Genevieve, mas ele sentia que seu caráter não correspondia à aparência.

Sabia que tinha sido generoso com ela e que aquele último cheque iria deixá-la despreocupada por um bom tempo, até que encontrasse outro amante.

De repente, percebeu que não tinha ficado nem um pouco triste, ao notar o desespero de Genevieve na hora do rompimento. Normalmente, não gostava de cenas de separação, quando ficava claro que a mulher que abandonava estava apaixonada por ele. Mas Osric tinha certeza de que, se Genevieve possuía de fato um coração, este não pulsava sinceramente por ele. Era muito mais apaixonada por sua fortuna.

Quando era bem jovem, Osric pensava em encontrar, um dia, uma mulher que o amasse simplesmente por sua personalidade e caráter, sem levar em conta seu título de conde e sua grande fortuna. Mas logo percebeu que jamais encontraria alguém assim. Todas eram iguais a Genevieve, que só se preocupava em agarrar um homem rico, que lhe pagasse todas as contas.

— Mentirosas e trapaceiras, é o que são! — disse em voz alta, entrando na biblioteca.

— Disse alguma coisa, milorde? — perguntou o sr. Grotham, que trabalhava em sua escrivaninha.

— Estava pensando em voz alta.

O sr. Grotham passou-lhe a agenda com os compromissos para os próximos dias. Osric examinou-os por um instante e depois disse:

— Cancele tudo. Estou indo para o campo.

— Para o campo, senhor?

— Sim, tenho muitas coisas a fazer em minha fazenda. Além do mais,

já estou farto de Londres!

— Ótimo, senhor. Vou mandar preparar a carruagem e enviarei um criado na frente para que arrume tudo para a sua chegada.

— Parto em meia hora — disse Osric.

O sr. Grotham saiu apressado da biblioteca.

No entanto, Osric achou a antiga propriedade dos pais muito vazia e silenciosa, e percebeu imediatamente que também ali sentia-se aborrecido.

A mansão tinha sido construída por seus antepassados para estar sempre cheia de gente, de crianças...

Ao entardecer, após o jantar, Osric foi para o terraço. O clima estava ameno e os últimos raios de sol brilhavam atrás dos velhos carvalhos.

Aquele momento era sublime, e Osric desejou de repente ter alguém a seu lado para compartilhar aquela sensação de deslumbramento. Pensou em Genevieve, mas sabia que nunca conseguiria viver feliz com ela naquela casa, onde sua mãe vivera com severidade e retidão.

Talvez gostasse de compartilhar aquela casa com alguma jovem inocente, como a rainha, por exemplo. Mas em seguida lembrou-se do que seu amigo Charles Greville havia dito sobre as conversas da rainha. Segundo Greville, a jovem Victoria não sabia manter uma conversação mais profunda, só falava banalidades.

Não, não queria alguém como a rainha! Detestava pessoas banais!

Depois de dois ou três dias percorrendo as fazendas, visitando inquilinos e discutindo com o administrador, Osric voltou para Londres.

— Onde foi que se meteu, esses dias? — perguntou Yaxley, ao encontrá-lo finalmente em casa.

— Fui para o campo.

— Nesta época do ano? Esqueceu o baile de Richmond? A rainha compareceu, e muitas pessoas estranharam o fato de você não ter aparecido.

— Ora, fico contente com tamanha consideração, Yaxley — respondeu Osric, irônico.

— Mas é claro que todos estranharam sua ausência! Ninguém imaginava que pudesse ter ficado aborrecido com as últimas novidades.

— Aborrecido? Novidades?

— Ainda não sabe?

— O quê?

— Que Genevieve anunciou seu noivado com lord Bowden? —

Enquanto falava, Yaxley observava atentamente a expressão do amigo, mas este permanecia impassível. — Não ficou surpreso? — perguntou, depois de uma pequena pausa.

— Não. Sabia que Bowden estava apaixonado por ela há algum tempo.

— Ele tem sessenta anos! Genevieve está atrás do dinheiro dele! Osric também pensava assim, mas não comentou nada.

O que os dois não sabiam é que Genevieve tinha forjado aquele noivado apenas para poder participar da cerimônia da coroação!

Três dias depois, os dois amigos viajavam em direção a Epsom. De repente, Osric pediu a Yaxley:

— Conte-me alguma coisa sobre nossa anfitriã, *lady* Chevington. Conheço-a muito pouco, pois só estive uma vez em sua casa, no ano passado.

— Eu me lembro. Foi depois daquela péssima corrida... péssima financeiramente, quero dizer.

— Ganhei algum dinheiro com ela.

— Você sempre ganha, Osric! Mas o que quer saber sobre *lady* Chevington?

— Conte-me qualquer coisa.

— Bem, deve saber que o marido dela, *sir* Hugo, que morreu há alguns anos, era uma pessoa muito querida em nossa sociedade.

— Lembro-me muito bem dele, embora *sir* Hugo fosse muito mais velho do que eu.

— Ele já tinha uma certa idade, quando casou. Hugo apaixonou-se pela viúva de *sir* Joseph Harkney, um negociante muito rico.

— Negociante? — perguntou Osric, espantado.

— Harkney trabalhava com navios, acho eu, o que é mais respeitável do que mexer com comércio. Mas pertenceu à nata da nossa sociedade, sabe?

— Interessante.

— Pois é. Aparentemente, Eleanor Harkney foi a mulher mais bonita de sua época. Até hoje é muito atraente.

— Também acho.

— É também extremamente inteligente e ambiciosa. Antes de casar com *sir* Hugo, soube muito bem administrar a fortuna do primeiro marido, e passou a viver com muita classe e elegância. Talvez, para que as pessoas se esquecessem de que não tinha nascido na alta sociedade.

— Entendo. Realmente, ela vive num luxo que deve fazer inveja a

muitas mulheres da nobreza.

— *Sir* Hugo, coitado, não tinha muito dinheiro, mas era apaixonado por corridas de cavalo. *Lady* Chevington comprou aquele enorme palacete em Epsom para que ele pudesse ficar mais perto dos cavalos de que tanto gostava.

— E com *sir* Hugo como anfitrião, não houve um membro da família real inglesa que se recusasse a passar pelo menos dois dias naquele palacete elegante e cheio de luxo, não é verdade, Yaxley?

— Sim.

— Conte-me o resto da história.

— Bem, além do palacete em Epsom, eles possuíam uma bela mansão em Londres e um castelo na Escócia. Quando *sir* Hugo morreu, *lady* Chevington já tinha se tornado uma pessoa muito respeitada socialmente, pois, além de sua fortuna, havia conseguido casar duas das filhas com um duque e um marquês.

— E as filhas são bonitas?

— Bonitas e ricas!

— Então, não se deve acreditar em certos comentários que dizem que tanto Frampton quanto Northaw foram obrigados a casar com as filhas de *lady* Chevington, não é?

— Acho que não. Tanto um quanto o outro não são pobres e não casariam por dinheiro.

— É verdade.

— Como serão esses dias na casa de *lady* Chevington? — perguntou de repente Yaxley. — Normalmente, ela sabe muito bem como escolher os convidados. Sabe que não se devem convidar só políticos, ou só idiotas, ou só intelectuais. Procura sempre variar seus convidados, para que não se aborreçam.

— E em que categoria nós estaríamos, Yaxley?

— Bem, eu estou na dos idiotas, mas você, Osric, está numa categoria especial, como os seus cavalos! Por falar nisso, Delos vencerá as corridas?

— Se fosse você, eu apostaria nele.

— Arkrie disse que o cavalo dele tem mais chance. O que acha?

— Bem, Yaxley, você é quem sabe. Aposte naquele que considerar o melhor. Já dei minha opinião.

CAPÍTULO III

A casa de campo de *lady* Chevington deixava transparecer que a viúva vivia na abundância e no luxo.

A residência era enorme, mas não muito bonita. Era uma construção muito antiga, e, com o passar dos anos, os vários proprietários foram anexando outras dependências para aumentá-la, o que acabou descaracterizando o estilo original.

Quando Osric entrou no vestíbulo oval, pensou que nunca tinha visto antes tantos criados, todos usando uniformes escuros, como se a dona da casa quisesse deixar claro aos convidados que, apesar de não ter nascido nobre, tinha muito dinheiro.

Osric percebeu que estava sendo muito observador e muito crítico em relação a *lady* Chevington, mas talvez fosse por causa daquela estranha conversa com Calixta alguns dias atrás.

Assim que a anfitriã entrou no salão para recebê-lo, lembrou-se imediatamente de tudo o que Yaxley havia lhe contado sobre ela.

Era óbvio que devia ter sido muito bonita na juventude, pois ainda mantinha uma aparência agradável e jovial, apesar da idade. Além de simpática, *lady* Chevington era uma ótima anfitriã. Sabia como deixar um hóspede à vontade e fazia o possível para que todos se sentissem como se estivessem em casa.

Osric teve essa sensação quando, na manhã seguinte, logo ao acordar, um criado lhe entregou todos os jornais londrinos do dia. Eram trazidos de Londres por um mensageiro dos Chevington que tinha como função recolher os jornais na capital, durante a madrugada, e levá-los para Epsom o mais rápido possível.

Embora Osric tivesse levado seu criado particular, havia outro criado da casa a seu inteiro dispor, e estava certo de que nas cocheiras seus cavalos estavam sendo tratados com todo carinho e atenção.

A primeira pessoa que encontrou na mansão foi o diretor-geral de corridas, lorde George Bentinck, cuja função era dirigir e observar as principais carreiras do país, além de resolver possíveis problemas surgidos durante as provas.

Bentinck era um homem muito bonito e tinha muitos interesses em comum com Osric. Era sensível e orgulhoso, agradável e dominador, um amigo fiel, mas que podia se tornar um inimigo extremamente vingativo.

Osric ficou muito contente por encontrar também, na casa dos Chevington, lorde Palmerston, o secretário do Exterior. Palmerston era bem mais velho do que ele, mas muito jovial, o que o fazia ter amizade com pessoas de diferentes idades e de todos os tipos. Tinha um temperamento extrovertido e gostava muito de conversas animadas e de mulheres. Com as mulheres, era sempre espirituoso e cheio de audácia, e todos sabiam que a rainha, felizmente, não tinha conhecimento dos passeios noturnos de seu secretário pelo castelo de Windsor. Estavam presentes também membros importantes do Parlamento, além de diversos nobres dos mais proeminentes no mundo das corridas.

Depois de uma rápida olhada nos convidados, Osric teve certeza de que ia se divertir. Ficou mais certo disto quando viu na festa muitas mulheres casadas bonitas e charmosas.

Havia poucas pessoas jovens, com exceção das duas filhas de *lady* Chevington, a duquesa de Frampton e a marquesa de Northaw, com os maridos, e, claro, Calixta.

Ao chegar com Yaxley, Osric não a viu, mas ela estava no salão, quando desceu para o jantar. A anfitriã apresentou-o a várias pessoas que ainda não conhecia e depois disse, num tom de voz que ele imaginou ser especial:

— Acho que ainda não conhece minha filha Calixta, não?

Calixta fez uma reverência e Osric retribuiu. Percebeu que não tinha se enganado ao pensar que era encantadora, quando a conhecera.

Usava um elegante vestido branco e prateado, discreto o bastante para uma debutante, mas de um extremo bom gosto que só o dinheiro pode comprar. Seus cabelos, penteados em longos cachos em volta do pequeno rosto, brilhavam com fortes tons vermelhos, à luz dos candelabros, e Osric notou que os olhos esverdeados tinham uma expressão sarcástica, quando o fitou.

A moça afastou-se antes que trocassem uma única palavra, mas, intimamente, Osric esperou sentar perto dela no jantar. Para sua surpresa, Calixta ficou no outro lado da mesa e ele foi distraído divertida e espiritualmente pela esposa de um velho nobre que tinha atraído sua

atenção para um breve mas intenso romance dois anos antes.

A comida, como imaginara, estava deliciosa. Havia um criado de libré atrás de cada cadeira, e um gastrônomo acharia difícil pôr defeito no vinho.

Quando o jantar terminou, os homens ficaram muito tempo na sala de jantar. Finalmente, ao se reunirem às mulheres no salão, Osric notou que Calixta não estava presente.

O que a moça havia falado sobre *lady* Chevington não passava de imaginação, pensou ele, sentando para jogar cartas.

Como o dia seguinte seria cheio de corridas, as mulheres foram deitar cedo, mas Osric ficou discutindo os prováveis vencedores das provas até depois da meia-noite.

Finalmente, quase relutando, pois a conversa estava muito interessante, foi para o quarto e, depois de trocar algumas palavras com Yaxley, fechou a porta.

Dispensou o criado e despiu-se sem sua ajuda. Vestido com um belo roupão de cetim negro, Osric passeou pelo quarto, admirando a decoração elegante. Todos os móveis eram de madeira escura, forrados com tapeçarias finas em tons caramelados. As paredes eram revestidas de madeira e a imensa janela dava para um pequeno terraço, coberta por uma bela cortina de veludo que combinava com os estofamentos das cadeiras e poltronas.

O quarto estava quente. Osric foi até a janela e abriu o cortinado.

A noite lá fora parecia agradável. Assustou-se um pouco, quando, de repente, ouviu um assobio. Era o mesmo som que tinha ouvido Calixta emitir quando dava ordens a Centauro. Abriu a porta-janela e foi para o terraço.

A noite estava clara, as estrelas brilhavam na imensidão do céu e a Lua resplandecente iluminava tudo com seus raios de prata, deixando o lago lá embaixo, à distância, e as árvores do jardim envoltos numa atmosfera de mistério e encantamento.

Ouviu o assobio novamente e percebeu que vinha de trás de um pé de magnólia que ficava logo abaixo de sua janela e cujos galhos podia tocar com as mãos. Osric olhou com atenção e viu Calixta.

- Quero falar com você! — disse ela, em voz baixa.
- Sobre o quê?
- Sobre você, claro. Eu lhe disse para não vir!
- Não podemos conversar desse jeito. É melhor eu descer até aí.
- Não faça isso! É muito mais fácil subir daqui para o interior de casa

do que alguém conseguir descer por esta árvore.

Osric olhou para o pé de magnólia. Era uma árvore muito velha, mas parecia forte, e os galhos suportariam muito bem o peso de um homem.

Quando subiu na balaustrada para alcançar o primeiro galho mais grosso da árvore, Osric ouviu Calixta dizer:

— Você devia ter ficado onde estava. Não quero que se machuque para que não venha botar a culpa em mim depois.

— Não sou nenhum velhinho decrépito! — Alguma coisa lhe dizia que aquela garota o considerava já um velho imprecioso.

De fato, não era muito fácil descer por aquela árvore, mas Osric era muito mais ágil do que a maioria de seus amigos. Com cuidado e prestando atenção para não rasgar o roupão, foi passando de um galho para o outro até encontrar o tronco. Finalmente, alcançou o chão.

— Já que desceu, acho melhor sairmos de sob as janelas, embora mamãe durma do outro lado da casa — disse Calixta, caminhando por entre as árvores, em direção ao lago.

Enquanto a acompanhava, Osric notou, surpreso, que ela usava um tipo de calça comprida que tinha estado muito em moda para os homens durante o reinado de George IV. Sobre aquela roupa, estranha para uma mulher, vestia um casaco de jóquei com as cores da casa dos Chevington.

Caminharam em silêncio até chegarem às margens do lago. Havia um banco escondido por um pé de madressilva. Osric percebeu que, naquele lugar, ninguém conseguiria vê-los.

— O fato de estarmos sozinhos aqui não é muito comprometedor? — perguntou, malicioso. — Se sua mãe nos descobrir, estaremos perdidos.

— Mamãe tem seus próprios meios para conseguir o que quer.

— Sobre o que queria falar comigo?

— Quero que tome muito cuidado. Não deu importância quando eu lhe disse para não vir para cá; por isso, tome muito cuidado.

— Deve estar imaginando coisas. Não nego que sua mãe gostaria de ter-me como genro, mas não posso admitir que esteja tramando algo para me obrigar a casar com você.

Calixta riu, divertida.

— Como acha que Ambrosine conseguiu um marido tão importante?

Havia um tom sarcástico na voz dela, e Osric, lembrando que o duque bebera muito durante o jantar, resolveu não dizer nada.

— Vou dizer-lhe uma coisa: meu cunhado é um alcoólatra! — Aquela palavra soava ainda mais forte em seus lábios. Depois de um momento, ela continuou: — Uma noite, quando ele estava aqui, mamãe percebeu que tinha bebido mais do que o normal. Para falar a verdade, meu cunhado teve que ser carregado para o quarto por dois criados. Quando ele desceu, na manhã seguinte, mamãe recebeu-o cheia de alegria e beijou-o no rosto. “Meu querido”, disse ela, “não pode imaginar o quanto me deixou feliz!” Bem, o duque a olhava sem entender nada e minha mãe continuou: “Fiquei muito aborrecida por você ter se aproximado de Ambrosine sem minha permissão, mas, como a pediu em casamento, eu o perdôo, meu caro!”

— E o que disse o duque? — perguntou Osric.

— O que poderia dizer? Mamãe foi muito esperta, pois falou com ele quando estavam a sós. O duque não conseguia se lembrar de nada que tinha feito ou dito na noite anterior e imaginou que, realmente, havia pedido minha irmã em casamento num momento de grande embriaguez.

— Tudo isso é verdade mesmo?

— E acha que minha irmã gostou de casar com o duque? Ele não tinha nada a oferecer, exceto o título! Se ainda não está acreditando, deixe-me contar o caso de Beryl.

— Sua outra irmã? /

— Sim. Somos quatro: Ambrosine, Beryl, eu e Deidre, que tem apenas catorze anos e está como interna no colégio.

— Conte, então.

— Todos nós sabíamos, quando o marquês de Northaw veio passar uns dias aqui em casa, que ele tinha um caso com uma mulher casada que mamãe também havia convidado para ser nossa hóspede.

— Por que ela fez isso?

— Para ter certeza de que ele não iria embora de um momento para o outro.

— E o que aconteceu?

— Era óbvio que o marquês não estava interessado em Beryl e ela também fazia tudo para evitar a presença do marquês, de quem não gostava. Mas mamãe é muito inteligente.

— O que fez sua mãe?

— Fez com que minha irmã e ele se encontrassem sozinhos no jardim de inverno. Beryl contou-me, mais tarde, que se comportava com frieza e

desdém, naquela ocasião, falando com o marquês sobre plantas, quando mamãe colocou seu plano em ação.

— E qual era o plano?

— Mamãe tinha soltado dois ratos dentro do jardim de inverno, pois sabia que Beryl tinha horror a esses animaizinhos. Então, ficou do lado de fora com alguns amigos da família, prestando atenção para ver se ouvia algum barulho estranho. Quando Beryl viu os ratos, gritou e pulou no pescoço do marquês, em busca de proteção. Era o momento que mamãe tanto esperava: imediatamente, entrou no jardim de inverno e pegou os dois em “flagrante”.

— Meu Deus!

— Mamãe correu para Beryl e beijou-a, feliz, enquanto o marquês era cumprimentado pelas outras pessoas. Não houve chance para que pudesse explicar que tudo não passava de um terrível mal-entendido.

— Tenho que admitir que sua mãe tem muita imaginação.

— Para falar a verdade, nem imagino o que ela pode estar preparando para você!

— Ainda acredita que pretende mesmo forçar um casamento entre nós?

Havia um tom incrédulo na voz dele, embora imaginasse que devia haver algum fundo de verdade no que Calixta estava contando.

— Há um mês, mamãe me disse que era hora de eu casar e que tinha escolhido um marido para mim.

— Disse isso de repente, sem qualquer aviso anterior?

— Já faz algum tempo que ela diz que devo casar depressa. Sabe, perdi um ano de minha vida social.

— O que quer dizer com isso?

— Bem, imediatamente depois que mamãe anunciou o noivado de Beryl com o marquês, a avó dele faleceu e eles não puderam casar durante doze meses. Assim, como mamãe não quis ter mais do que uma filha por vez nas recepções, tive que ficar na sala de aula por mais um ano. Já estou com dezenove!

Osric riu.

— Ainda é muito jovem; especialmente para mim.

— Sim, claro. Você tem quase trinta anos, fiquei sabendo.

— Estava me contando o que sua mãe disse — provocou Osric.

— Mamãe me disse apenas que já havia escolhido meu marido e que era para eu me comportar direito quando ela me apresentasse a ele, pois, se eu fizesse os meus trejeitos de menina levada, nenhum homem decente casaria comigo.

Osríc riu novamente.

— Sem dúvida, ela foi muito direta. Não posso imaginar que sua mãe aprovasse o jeito como está agora.

— Está chocado por eu não usar saia? Seria muito difícil subir numa árvore de saia, e acho mais fácil ensinar os truques a Centauro quando estou vestida assim. Lógico que fico bem distante da vista de mamãe. Ela teria um ataque do coração, se me visse agora conversando com você!

— Eu não me surpreenderia. Calixta deu uma risada.

— Está chocado! Que engraçado! Pela sua reputação, pensei que nada que eu fizesse o surpreenderia!

— Minha reputação?

— As pessoas comentam sobre você, e sou uma boa ouvinte. Seu charme é muito admirado por homens e mulheres.

Ela não falou em tom de elogio, e Osríc observou:

— Não estou particularmente interessado em mexericos. Quero saber o que sua mãe lhe disse.

— Mamãe me informou que não havia outro mais rico, mais distinto e mais *persona grata* na sociedade do que o “Conde Esquivo”! Disse que seria um desafio conseguir agarrá-lo, pois você tem fama de escapar de qualquer caçada, mas que conseguiria que fosse meu marido a todo custo. — Calixta olhou para o lago. — Foi depois dessa conversa que resolvi avisá-lo.

— Não quer casar comigo?

— Acha que alguma garota gostaria de casar nessas circunstâncias? E, para dizer a verdade, resolvi que nada nem ninguém me forçará a casar, a não ser que eu queira.

— Está dizendo que quer estar apaixonada pelo homem com quem casar?

— É isso mesmo! — Ergueu o queixo, desafiadora, e acrescentou: — Tenho certeza de que você acha engraçado, como a maioria dos amigos de mamãe, que eu queira amar meu marido e ser amada por ele.

— Não disse que acho engraçado.

— Não disse, mas pensa. Sei muito bem que todo mundo acharia uma

grande sorte em me tornar sua esposa, não importa de que maneira você fosse arrastado ao casamento. Mas não tenho intenção de me conformar com o que é aceito pelas moças da minha idade.

— Terá que casar, mais cedo ou mais tarde.

— Quando casar, será com alguém que eu tiver escolhido - disse Calixta, bruscamente. — Imagino que considere isso impossível, mas, a não ser que eu encontre um homem a quem ame de todo coração, juro que prefiro ficar solteira para sempre.

— Sua mãe permitiria?

— Prefiro fugir a concordar com as intrigas dela.

— Não será fácil — disse Osric, calmamente.

Ela ficou em silêncio e ele notou que sua silhueta, delineada contra as águas prateadas do lago, era muito bonita. Sabia que havia muitos homens prontos a jogar os corações aos pés dela e amá-la como queria.

Era duro e quase cruel ter certeza, e Osric estava certo de que o idealismo de Calixta seria subjugado pela determinação da mãe e que, mais cedo ou mais tarde, ela casaria, sem ter qualquer participação na decisão.

— Sei o que está pensando — disse a moça, em voz baixa. — Porém, talvez por ser mais velha do que Ambrosine e Beryl eram na época, e talvez também por ser mais consciente do que elas, eu não seja coagida como você pensa que serei.

— Espero que tenha razão. Ao mesmo tempo, vejo muitas dificuldades e armadilhas à sua frente; principalmente se sua mãe age do jeito que me contou.

— Mamãe tem um pulso de ferro sob aquele ar doce e charmoso — Calixta falou, completamente indiferente, como se falasse de uma estranha.

— Devo lhe agradecer por me avisar e por ter sido tão franca. Também serei honesto, Calixta: como você, não tenho vontade de casar. Na verdade, estou decidido a continuar solteiro.

— Então, tenha cuidado com mamãe! Não devemos ficar sozinhos, nem mesmo por um segundo! Mudei o meu lugar à mesa do jantar desta noite. Sem dúvida, mamãe está furiosa comigo, e amanhã estaremos perto um do outro, quer queiramos, quer não.

— Não gostaria que você me considerasse tão grosseiro, a ponto de não dizer que a acho muito interessante e imprevisível!

— Quero conversar com você sobre seus cavalos. Por que lhes dá

nomes gregos?

– Acho-os mais bonitos. Como o seu, que também é grego.

– Ontem à noite, enquanto lia o *Livro de Criação de Cavalos*, de James Weatherby, estava pensando que detestaria ter um cavalo chamado Barbatana ou Bigode – disse Calixta, com um tom de interesse.

– Barbatana foi descrito por seu tratador como “o cavalo mais baixo, comprido e com as piores patas que já se viram na face da terra”.

Calixta riu.

– Entretanto, tanto Barbatana quanto Bigode foram vencedores do Derby – continuou Osric.

– E Esguicho é um nome mais feio ainda! – disse a moça, pensativamente.

– O pai de Marske, que foi o pai de Eclipse – observou Osric.

Viu a surpresa estampada nos olhos dela, quando comentou:

– Sabe um bocado sobre cavalos, não?

– Acho que sei um pouco – murmurou Osric.

– Isso não é comum. A maioria dos proprietários, pelo menos os que costumam vir aqui, compra o que lhes é recomendado, aceita a opinião do tratador sobre as corridas de que deve participar e nem mesmo se preocupa em supervisionar o treinamento dos animais.

– Acho que está sendo muito rigorosa.

– Centauro é um descendente de Godolphin. Sabe quem foi ele?

– Sei. Godolphin, Darley e Byerley foram a linhagem árabe que deu origem a todos os puros-sangues neste país.

– Você realmente sabe do que está falando – disse Calixta, com um tom de admiração que não tinha antes.

– Se Centauro não for árabe, pode ser berbere.

Disse isso para ver o quanto Calixta realmente conhecia sobre o assunto e se sabia que os cavalos berberes eram do Norte da África e os melhores, depois dos árabes.

– Quando os cavalos árabes vieram para a Inglaterra, na época de Charles II, o duque de Newcastle amava os animais espanhóis.

Disse que eram como príncipes, e os berberes, como cavaleiros da mesma espécie.

– Sem dúvida, ele tinha razão, pois era um dos maiores proprietários de seu tempo.

Calixta esfregou as mãos.

— Oh, há tanta coisa que quero lhe perguntar, tanta coisa que quero que me conte! É uma pena não podermos nos encontrar de maneira habitual, mas é impossível, completamente impossível!

— Ainda acho que está exagerando o poder de sua mãe.

— Não estou disposta a me arriscar. Você está?

— Não, e acho que devíamos voltar para casa. Se por acaso fôssemos descobertos aqui, tenho certeza de que não haveria escapatória para nós dois!

— Você cederia assim tão facilmente? — perguntou Calixta, com a ironia de novo na voz.

— Eu lutaria como um cavalo árabe. Mas, se alguém me laçasse com perícia, poderia ser difícil escapar.

— Bem, eu o avisei. Sua única proteção é ficar com os outros convidados e não andar por aí sozinho. Não fale comigo, se puder evitar.

— É uma tristeza, Calixta, pois conversar com você é uma experiência nova e interessante.

— Só porque sou novidade, uma garota peralta, diferente das mulheres a quem você vive enganando!

— Quem ouvir você dizer isso, o que pensará de mim? — perguntou Osric, erguendo as sobrancelhas.

— Mas é verdade! Se ouvisse o que as mulheres comentam a seu respeito! Pelo que dizem, vive como um sultão, cheio de mulheres loucas para satisfazerem seus desejos!

— Tem a língua muito afiada, Calixta. Talvez nunca encontre um homem com coragem suficiente para suportar essa sua língua comprida. Uma esposa linguaruda é tão difícil de controlar como um cavalo selvagem.

— Por falar nisso, gostaria que tivesse visto sua cara, quando me viu cair do Centauro e pensou que eu estivesse machucada disse ela, rindo.

— Para mim, foi uma experiência nova uma jovem jogar-se aos meus pés literalmente.

— Nem mesmo aquele criado estúpido que me acompanhava acreditou que Centauro tivesse me jogado no chão! — Depois de uma pausa, ela continuou: — Gostaria de lhe mostrar algumas coisas que Centauro sabe fazer. É fantástico! Mas, se você mostrar algum interesse por ele, mamãe vai pensar que está querendo me conquistar.

— É... existem muitos obstáculos nos separando. — Osric sorriu,

irônico.

— Leve a sério o que digo! Sei muito bem que, quando lhe contei sobre as intenções de minha mãe, você não me levou a sério.

— Tem que concordar em que tudo isso mais parece uma brincadeira.

— Então, continue pensando assim! Não vai ser nada engraçado no dia em que você se levantar e descobrir que está casado comigo!

— Realmente, isso não seria nada engraçado.

— Então, tome cuidado! — Calixta levantou-se do banco e ficou observando o lago por alguns instantes.

Era magra e, vestida com aquela roupa estranha, passaria facilmente por um adolescente. Seus cabelos estavam cuidadosamente escondidos sob um chapéu de jôquei que lhe dava uma expressão travessa.

— Já imaginou como deve ser bom vir até este lugar com alguém a quem se ama? Ficar admirando a neblina que dança sobre o lago, imaginando que são ninfas que brincam ao luar! Sentir a magia da noite e saber que todas as estrelas estão no firmamento para alegrar ainda mais o seu amor? Já imaginou que maravilha?

Havia um tom muito doce e musical na voz dela que Osric nunca tinha ouvido antes.

— Acho que isso que descreveu é o que todos desejam na vida, mas o amor só traz tristeza e desengano.

— Então, o amor é enganador como você! — exclamou Calixta, virando-se para ele.

— Não gosto de ser chamado de enganador.

— Ora, mas deu motivos para que o chamasse assim! Ninguém o mandou viver dando falsas esperanças às mulheres!

— Sua mãe a chama de peralta, mas acho que você é um demônio, garota!

— Muito obrigada! Pena não estar com um belo vestido para lhe fazer um agradecimento cerimonioso! — Depois de um instante, ela falou: — Mas, como já é muito tarde, deixe que este demônio aqui o acompanhe de volta, para que não se perca.

Calixta virou-se rapidamente e Osric teve alguma dificuldade para acompanhá-la. Em poucos minutos, chegaram ao pé de magnólia.

— Não há necessidade de subir na árvore até seu quarto — disse ela.

— Eu trouxe a chave da porta dos fundos. Tudo o que tem a fazer é subir a

escada com cuidado e ir direto para a cama. Se, por azar, encontrar alguém, diga que estava sem sono e que resolveu passear pelo jardim dos fundos.

Sem esperar por uma resposta, Calixta começou a andar rente à casa. Logo parou em frente a uma pequena porta e tirou uma chave do bolso da calça.

— Boa noite — sussurrou, depois que Osric entrou.

— Boa noite, Calixta. Muito obrigado por tudo o que me contou. Ela não respondeu, e Osric notou que seus olhos brilhavam. Em seguida, Calixta fechou a porta atrás dele, voltando a trancá-la pelo lado de fora. Ela entraria na casa pela outra ala.

Na manhã seguinte, Osric custou a acreditar que tinha realmente falado com Calixta na noite anterior, mas não teve muito tempo para ficar pensando no assunto.

Levantou-se cedo e saiu com lorde Yaxley para ver o treinamento dos cavalos e para julgar qual daqueles animais magníficos estaria mais apto a vencer o grande prêmio de Epsom.

Encontrou um grande número de amigos na pista de exercícios, e não havia dúvidas de que muitos deles olhavam para seus animais com um pouco de medo. Sem dúvida, os cavalos de Osric tinham todas as chances de vencer.

Seus cavalos correriam em todas as provas, e Osric só via um rival para eles: o cavalo de lorde Hillsborough. Mas Delos chegaria para a grande corrida na manhã seguinte, e o treinador havia garantido a Osric que o animal estava em excelentes condições.

Quando voltaram à mansão para o café da manhã a fim de se trocarem para assistir às primeiras provas, Osric não se admirou de não ver Calixta à mesa.

Ouviu *lady* Chevington perguntando pela filha a um dos criados.

— A srta. Calixta já saiu, senhora. Ela queria chegar cedo às provas.

— Ela foi a cavalo?

— Sim, senhora.

— Calixta sabia muito bem que eu queria que fosse comigo na carruagem — murmurou a mãe, zangada. Em seguida, percebendo que de nada adiantaria ficar brava com mais aquele ato de rebeldia da moça, *lady* Chevington voltou a se ocupar de seus convidados e não falou mais na filha.

Osric pensou ter visto Calixta por alguns instantes durante as provas,

do outro lado da pista. Estava quase certo de que montava Centauro, pois aquele belo animal era inconfundível. Mas, se fosse mesmo Calixta, era estranho ela não ter ido assistir às provas nos camarotes reservados à sua família e aos hóspedes, preferindo ficar montada, passeando do lado da pista.

Um dos cavalos de Osric venceu a segunda prova espetacularmente e outro venceu a terceira com a vantagem de uma cabeça. Ele ficou tão feliz, que achou melhor voltar para a mansão, para que seus rivais não percebessem seu júbilo.

– Ficou contente, não é, Osric? – perguntou Yaxley.

– Muito.

– Quero só ver amanhã, quando seu cavalo vencer o grande prêmio.

– Não sei se vencerá, Yaxley. Amanhã competirão os melhores animais da Inglaterra, e não estou certo da vitória de Delos.

– É claro que vai ganhar! E digo-lhe mais, Osric: será uma vitória que alegrará a todos. Uma multidão está apostando em Delos, e, para falar a verdade, não é que eles confiem só no animal, mas confiam em você!

– Está sendo tão gentil, que estou estranhando, Yaxley – murmurou Osric, com cinismo.

– Não seja tolo! Sabe muito bem que é o único proprietário de cavalos que se preocupa em dar sugestões acertadas para os apostadores.

No dia seguinte, Osric olhava intensamente para os cavalos prontos para a largada do grande prêmio. Daquela distância, era impossível ver seu animal, entre aquele monte de casacos e quepes coloridos.

Foi dada a partida, e os cavalos dispararam. Havia em cada assistente um misto de medo e encantamento.

Aos poucos, Osric percebeu que Delos estava entre os primeiros colocados. Corria ao lado de outro cavalo e seria entre eles que a prova se decidiria.

Cheio de contentamento, viu Delos se distanciar do rival. Primeiro, ficou uma cabeça na frente; em seguida, meio corpo. Logo depois, acelerou ainda mais o galope e se distanciou do outro animal. Delos foi o vencedor do grande prêmio!

– Parabéns, Osric!

– Bravo!

– Que corrida incrível!

Todos pareciam falar ao mesmo tempo, e Osric estava cheio de

contentamento por mais aquela vitória espetacular.

Seu treinador estava tão excitado que dizia coisas incoerentes a cada instante, e havia lágrimas nos olhos do jóquei, quando Osric o cumprimentou.

Só Delos parecia completamente indiferente, sem dar sinais de cansaço, depois daquela prova difícil.

De volta à casa de *lady* Chevington, Osric foi recebido com alegria e gritos de vitória, pela anfitriã e pelos outros convidados. Todos estavam felizes, pois tinham apostado em Delos e ganhado um bom dinheiro.

O jantar seria o mais agradável de todos, porque haveria outros convidados, além dos hóspedes. Depois haveria um pequeno baile, e Osric imaginou que seria ótimo dançar com Calixta para tê-la nos braços por alguns minutos.

Mas enquanto pensava nesse seu novo desejo, *lady* Chevington conversava severamente com a filha:

— No jantar de ontem você mudou de lugar, à mesa. Assim como anteontem — disse zangada. — Sabe muito bem que quero que sente ao lado do conde de Helstone!

— Desculpe, mamãe, mas acontece que eu queria muito falar com lorde George Bentinck e pensei que a senhora não se importaria se eu trocasse de lugar à mesa.

— Pois me importei muito! Planejei os lugares à mesa com muito cuidado e, como sabe, quero que converse mais com o conde.

— A senhora não está ainda com aquela idéia ridícula de me casar com ele, não é?

— Não é nada ridícula, e farei até o impossível para que isso aconteça.

— Então, sinto muito, mas vou desapontá-la. Não tenho a mínima vontade de casar com ele, e, ao que tudo indica, o conde não se interessa por garotas novas como eu!

— As garotas novas costumam casar, Calixta, e é isso o que quero para você.

— Acho que nunca casarei, mamãe, e muito menos com o conde de Helstone.

— Terá que ser gentil com ele, Calixta — disse *lady* Chevington, nervosa. — Quero que dance bastante com ele, esta noite.

— Sinto muito, mamãe, mas acho que dificilmente dançarei, esta noite.

– Ora, por quê?

– Estou com dor de garganta. Meu nariz está entupido e tenho certeza de que estou pegando uma forte gripe.

– Não acredito! Vá descansar um pouco e esteja pronta para o jantar.

– Vamos ver, mamãe – murmurou Calixta.

Duas horas depois, *lady* Chevington estava levando seus convidados para a sala de jantar, quando o mordomo veio até ela e disse, quase ao seu ouvido:

– A srta. Calixta pediu para avisar que está muito resfriada e que se sente muito doente para descer esta noite.

Apenas por um momento, *lady* Chevington pareceu contrariada. Seus lábios apertaram-se com fúria, mas em seguida virou-se para um dos convidados e disse, alegremente:

– Vamos ter um jantar e um baile maravilhosos, esta noite, meu caro!

CAPÍTULO IV

Osric ouviu o que o mordomo disse para *lady* Chevington e, sorrindo, pensou que Calixta estava sendo cuidadosa demais.

Ao mesmo tempo, isso significava que naquela noite ele não precisava se preocupar, se ficasse separado dos outros hóspedes ou se ficasse inesperadamente sozinho com Calixta em algum lugar da casa!

Forçou-se a tirar a moça da cabeça e sentou com os amigos que queriam discutir o desempenho de todos os cavalos que tinham participado da corrida.

— Agora, você tem que tentar a Tríplice Coroa, Osric — disse Yaxley, e lorde George Bentinck concordou.

Tríplice Coroa significava um cavalo ganhar o Derby, o St. Leger e dois mil guinéus.

— Estava pensando em inscrever Delos em Ascot — disse Osric, pensativo.

— Você tem outros dois cavalos em seus estábulos que com certeza me fariam recuar, se os inscrevesse na Taça de Ouro — observou lorde Bentinck.

— Eu reservaria Delos para o St. Leger.

— Talvez você tenha razão.

Outro proprietário comentou, amargamente:

— Ninguém vai impedir Helstone de arrebatrar todos os prêmios do ano? Se ele inscrever Delos, vou ter que retirar o meu animal.

Os outros riram, mas ele continuou: — Estou sempre pronto a me curvar diante dos melhores. Só Deus sabe como Helstone consegue produzir melhores puros-sangues do que qualquer um de nós.

— Acho que não é só uma questão de criação, mas também de treinamento — disse Bentinck. — Helstone tem seus próprios métodos, que sempre achei revolucionários.

— E quem pode negar isso?

Mais uma vez, o jantar foi delicioso. Quando os homens se reuniram às mulheres no salão, Osric dirigiu-se para as mesas de cartas, não se sentindo disposto a continuar flertando com uma bela aristocrata que tinha sentado a seu lado durante o jantar.

Naquela noite, as mulheres não se retiraram cedo porque havia baile, e já passava da meia-noite quando finalmente todos se despediram.

— Diverti-me muito, mamãe - Osric ouviu a duquesa de Frampton dizer. — É uma pena que Calixta esteja resfriada.

— Foi muito desagradável da parte dela — disse *lady* Chevington, num tom muito diferente da voz suave que tinha usado com os hóspedes.

— Espero que ela esteja melhor para ir à corrida amanhã. — A duquesa riu. — A senhora sabe que, por nada no mundo, Calixta perderia uma corrida.

Lady Chevington não respondeu. Depois, cada um pegando candelabros de prata com uma vela acesa, o grupo subiu lentamente a escada na direção dos quartos.

Osric foi um dos últimos, pois demorou um pouco, avisando o mordomo de que iria embora depois das corridas, na tarde seguinte.

Tinha resolvido que três noites em Chevington Court eram o bastante e estava certo de que Calixta ficaria contente em vê-lo pelas costas.

Ao pé da escada, encontrou *lady* Chevington conversando com lordes Bentinck e Palmerston sobre as dependências que tinham sido anexadas à casa através dos anos.

— É uma maravilhosa mistura de diferentes estilos e épocas — disse lorde Palmerston.

— O mais surpreendente é que cada parte parece ser o que há de melhor no período — observou Bentinck. — Onde estamos agora é um belo estilo George I, enquanto a estufa e a biblioteca são exemplos perfeitos do estilo Rainha Anne.

— Foi de propósito que mantive as características individuais.

Acho a ala elisabetana a mais atraente — disse *lady* Chevington. —

Ainda sinto uma pontada no coração, quando penso no quanto esta casa já foi descaracterizada. Mas a ala original eu mantenho impecável.

— Tenho certeza de que sim — respondeu lorde Bentinck.

— O seu gosto é impecável, senhora! — Lorde Palmerston tinha um tom quase carinhoso.

— Como eu adoraria ter uma casa toda em estilo Tudor! — exclamou *lady* Chevington, subindo a escada. — Há um quadro desta casa de 1560, quando era chamada de “Parada da Rainha”, porque Elizabeth dormia aqui. Preciso mostrá-lo aos senhores.

— Gostaria de vê-lo — disse lorde Bentinck. — A senhora tem muita sorte por possuir um quadro tão antigo.

— Esta casa aparece como fundo de vários quadros, mas este é o único onde está em primeiro plano. — Ao chegarem ao topo da escada, ela se virou para Osric: — O quadro de que estamos falando está em seu quarto, conde. Acaso se importaria se eu fosse mostrá-lo aos cavalheiros?

— Claro que não.

Atravessaram o corredor, e ele abriu a porta do quarto dele.

Os quatro carregavam velas desnecessárias, pois havia dois

candelabros acesos em cada lado da cama e mais seis velas numa mesa perto da lareira.

Levantando os olhos para o quadro sobre a cornija da lareira, Osric pensou que *lady* Chevington tinha razão: de fato, a pintura era extremamente interessante e incomum.

A grande casa de tijolos vermelhos, cercada pelo verde das árvores e bosques, brilhava como uma jóia. De repente, quando se aproximou da lareira, Osric ouviu uma súbita exclamação e virou-se.

Lady Chevington e os dois homens não olhavam para a pintura, e sim, para a cama.

Sem acreditar em seus olhos, Osric viu Calixta deitada, com os cabelos espalhados sobre o travesseiro, e dormindo profundamente!

Por um momento, ninguém se moveu. Depois, num tom cheio de indignação, *lady* Chevington exclamou:

— Francamente, senhor!

Por um momento, Osric não conseguiu pensar numa resposta. Discretamente, lordes Bentinck e Palmerston se encaminharam para a porta.

Osric percebeu um leve sorriso de divertimento e, talvez de simpatia nos lábios de Palmerston. Ele mesmo tinha se envolvido em tantas aventuras amorosas, que não podia deixar de se identificar com outro pecador.

Lady Chevington aproximou-se da cama e pegou Calixta pelos ombros. Sacudiu-a tão violentamente, que Osric percebeu que ela devia estar drogada.

A moça abriu os olhos lentamente, como se as pálpebras estivessem pesadas, e apareceu uma expressão de espanto neles, ao ver a mãe, sem saber onde estava ou o que acontecia.

— Levante-se, Calixta!

Com um esforço óbvio, Calixta desviou os olhos do rosto da mãe para onde Osric estava parado, no outro lado do quarto.

— Onde... estou? O que... está acontecendo?

— Como se não soubesse! Estou muito envergonhada, Calixta, mas aqui não é o lugar nem a hora para discutir o seu comportamento.

Virou-se e pegou o roupão que estava numa cadeira próxima. Osric notou que ela não precisou procurá-lo, pois obviamente sabia exatamente onde estava.

Puxou a filha da cama e jogou o roupão sobre seus ombros.

— Você vai subir comigo agora!

Passou o braço nos ombros da moça e conduziu-a para a porta. Osric não se moveu, observando-as, até que Calixta o encarou com desespero nos olhos.

— Conversarei com o senhor amanhã cedo — disse *lady* Chevington quando chegou à porta.

Por um momento, Osric olhou para a porta fechada; depois, sentou no braço de uma poltrona com os lábios apertados.

Calixta estava certa, absolutamente certa, e tinha sido um tolo em duvidar dela.

Por que não tinha acreditado que a moça sabia do que estava falando? Por que não recusara o convite, como ela pedira?

Era inacreditável ter subestimado a sagacidade e determinação de *lady* Chevington, principalmente depois de ficar sabendo das armadilhas que tinha preparado para o duque e o marquês casarem com suas outras filhas.

Agora, não havia uma maneira honrada de recusar-se a casar com Calixta. Tinha certeza de que nem lorde Palmerston nem lorde Bentinck acreditariam, por um momento sequer, que não havia encorajado a moça a ir para sua cama. Sua reputação com as mulheres deporia contra ele, em qualquer tentativa de provar sua inocência no incidente.

Só existia uma solução para o problema: casar com Calixta.

Lady Chevington não só teria um genro rico e importante, como também ganharia sua aposta!

Nada disso!, pensou Osric, furioso. Provaria que tudo havia sido tramado e planejado muito antes de ele chegar ali.

A meiguice de *lady* Chevington, sua capacidade de fazer amigos, sua hospitalidade, os divertimentos em profusão que providenciava para os convidados a tornaram muito popular.

Como lorde Yaxley tinha dito, podia ser conhecida como ambiciosa, mas obviamente ninguém imaginava a que ponto era capaz de chegar para conseguir o que queria e dar às filhas a posição social que considerava essencial para a felicidade delas.

— Maldita! Tem que haver uma saída!

Porém, sabia que não podia fazer nada, além de aceitar e tomar Calixta como esposa.

Podia ter sido pior, pensou.

Ainda enquanto praguejava contra a idéia de ter sido enganado,

lembrou que, pelo menos, a moça era inteligente, gostava de cavalos e era encantadora.

Entretanto, assim como Calixta, ele também queria casar por amor. E, se não conseguisse encontrar o amor, preferia uma noiva da sua escolha, e não da escolha de *lady* Chevington!

Levantou-se e começou a andar pelo quarto.

Tinha a sensação de que as paredes estavam se fechando, de que as janelas tinham barras de ferro, e a porta, cadeados. Era um prisioneiro! Prisioneiro de uma mulher inteligente demais para ele, que o havia logrado, deixando-o sem saída!

Na manhã seguinte, a primeira idéia de Osric foi sair da casa, antes que alguém acordasse, e voltar para Londres. Depois, concluiu que seria uma atitude muito covarde.

Sabia muito bem que, se estava sofrendo, Calixta também estava, e não conseguia esquecer a expressão de desespero nos olhos dela, quando a mãe a levava do quarto na noite anterior.

Preciso conversar com ela, pensou. Talvez Calixta encontre a solução que não consegui encontrar.

Tinha certeza de que Calixta iria querer desafiar a mãe, que se recusaria a casar com ele... mas ela era menor de idade!

Mesmo se tivesse vinte e um anos, os pais tinham total autoridade sobre os filhos, e as garotas casavam com quem era escolhido para elas, sem discutir.

Osric pensou em contar tudo a lorde Yaxley, mas concluiu que, quanto menos pessoas soubessem do incidente, mais fácil para Calixta.

Caso se tornasse público o fato de ter sido encontrada em sua cama, desabariam sobre ela as censuras mais severas das grandes damas da sociedade.

Além disso, Osric sabia muito bem que muitas mulheres mais jovens e bonitas ficariam encantadas em difamar e expor ao ridículo alguém que tinha capturado o “Conde Esquivo”, já que elas não haviam sido capazes.

Lady Chevington já devia ter pedido aos lordes Bentinck e Palmerston que jurassem manter segredo; de qualquer maneira, eram cavalheiros e sabiam que deviam ter cuidado com o que dissessem sobre uma jovem.

Deus permita que isso tudo não chegue aos ouvidos da rainha! Osric pensou. Tranqüilizou-se. Se Victoria não sabia das aventuras amorosas de seu

secretário do Exterior, não era possível que ouvisse falar de Calixta.

Lorde Palmerston era conhecido como “Cupido”, entre os amigos, mas, por mais que assediasse uma mulher bonita, ele era um grande cavalheiro, e Osric tinha certeza de que podia confiar em que não diria nada que prejudicasse a reputação de Calixta.

Lorde Bentinck era mais puritano e devia ter ficado verdadeiramente chocado, ao ver uma mulher solteira na cama de Osric. Mas também era um cavalheiro.

Foi com uma expressão dura no rosto que Osric desceu para o café da manhã.

Na mansão Chevington, era comum os homens tomarem o desjejum no térreo, e as mulheres, em seus quartos.

Osric chegou cedo. Só Yaxley, um político e um proeminente turfista estavam sentados à mesa, lendo as colunas esportivas dos jornais.

— Os jornais falam em Delos em termos brilhantes, Osric — disse Yaxley. — Falam dele como de um outro Eclipse, o que deve deixar você muito satisfeito.

Osric não respondeu. Foi verificar os diversos pratos suculentos arrumados numa mesa lateral, onde vários criados esperavam instruções para servir.

Depois de escolher o que queria, sentou à mesa e o mordomo perguntou se queria chá, café ou cerveja inglesa.

Pediu café, notando que os outros tomavam cerveja e licor.

— O que sugere para a primeira corrida? — perguntou Yaxley. Como sempre, estava muito falador, o que deixava os outros homens irritados.

— Eu diria que o cavalo de lorde Derby é o melhor palpite - respondeu Osric, falando pela primeira vez.

— Achei que diria isso, mas alguns jornais recomendam um estrangeiro chamado o Caçador.

— Eu o vi correr em Doncaster - interferiu o turfista. — Pessoalmente, acho que não teve muita resistência, mas pode ser que consiga vencer numa prova de curta distância.

No momento em que Yaxley se preparava para argumentar sobre os méritos de outros cavalos na corrida, mais hóspedes chegaram à sala, entre eles lordes Bentinck e Palmerston.

Os dois cumprimentaram Osric de uma maneira que deixou claro que

não precisava se preocupar com o que tinham testemunhado na noite anterior.

Yaxley prendeu lorde Bentinck numa longa discussão sobre os erros e acertos de uma acusação de fraude que acontecera na última corrida da véspera, e Osric pôde se concentrar em tentar ler o jornal que tinha à sua frente e terminar o desjejum em silêncio.

Tomou uma segunda xícara de café e estava se levantando, quando o mordomo se aproximou.

— Com licença, milorde, mas *lady* Chevington gostaria de ter uma palavrinha com o senhor no *boudoir*.

— Irei imediatamente.

O mordomo abriu a porta e precedeu-o pela escada e por um corredor que levava à parte da casa onde *lady* Chevington tinha sua suíte particular.

Enquanto caminhavam, Osric pensava se devia acusá-la de planejar aquela armadilha. Concluiu que não ganharia nada fazendo uma cena.

Claro que *lady* Chevington negaria. Seria muito fácil, para ela, dizer que estava esperando a filha para o jantar e o baile. Porém, quando, no último momento, Calixta não apareceu, tinha lhe sido impossível, com tantos convidados na casa, entrar em contato com a moça, até que todos se recolhessem.

Não, pensou Osric, não posso fazer nada, a não ser enfrentar o que aconteceu e esperar até conversar com Calixta.

O mordomo abriu a porta, e ele entrou no *boudoir* de *lady* Chevington.

Era exatamente como esperava: perfumado por flores e decorado de forma estranha, todo em tons de azul.

Havia uma bela coleção de quadros franceses nas paredes e, por uma rápida olhada nos objetos de arte nas mesas laterais, Osric percebeu que *lady* Chevington tinha colecionado muitos tesouros que qualquer amante de arte gostaria de possuir.

Usando um vestido de musselina estampada, enfeitado com rendas, sua anfitriã estava sentada à escrivaninha.

Levantou-se quando Osric entrou. Ficou em silêncio, até o mordomo sair e fechar a porta.

— Mandei chamá-lo, senhor, porque aconteceu uma coisa muito desagradável.

Osric ergueu as sobrancelhas, mas não respondeu.

— Calixta fugiu!

Aquilo absolutamente não era o que esperava que ela dissesse e ficou muito espantado.

— Fugiu? Para onde?

— Não faço idéia, mas fiquei sabendo que ela saiu ao alvorecer, em seu cavalo Centauro.

— A senhora acha que ela pode ter ido para a casa de amigos?

— Não é provável. Já mandei um criado até a casa da única jovem nos arredores com quem Calixta tem um pouco de intimidade, mas tenho quase certeza de que a família está viajando. Além disso, não acredito que minha filha pediria ajuda a eles.

— A senhora acha que ela está procurando ajuda?

— Fiquei pensando se ela não lhe disse nada que pudesse nos dar uma idéia de onde se esconderia.

— A senhora está admitindo que Calixta queria se esconder? — perguntou Osric, acusador.

— Não estou admitindo nada! Imagino que a menina esteja embarçada, depois do que aconteceu ontem à noite, e não acho que ficará fora muito tempo. Entretanto, enquanto isso, acho melhor nenhum de nós dois comentar isso com ninguém.

— Não tenho nada a dizer. Vamos ser francos um com um outro?

— Certamente — respondeu *lady* Chevington, encarando-o. — Claro que o senhor vai casar com Calixta, mas o noivado não poderá ser anunciado até ela ser encontrada.

— Tenho certeza de que ela sabia disso, quando fugiu de casa. *Lady* Chevington atravessou a sala e aproximou-se da lareira.

— Não estou nada satisfeita com esta situação. Aonde Calixta pode ter ido? E como cuidará dela e do cavalo?

— Imagino que tenha levado algum dinheiro. A mulher encolheu os ombros.

— Honestamente, não sei. A srta. Ainstoorth, preceptora da minha filha mais nova, me informou que ela devia ter algumas libras, não mais do que isso.

— Algumas libras? — É ridículo!

— É encorajador. — Quando Calixta descobrir que não pode viver com o pouco que levou, voltará para casa. É óbvio, não?

— Acho que a senhora não está pensando seriamente no problema.

Faz idéia do que pode acontecer a uma garota tão atraente como Calixta, viajando sozinha, sem proteção e sem dinheiro?

A expressão de Osric era de raiva, e *lady* Chevington percebeu.

— Estou tão perturbada como o senhor parece estar. Ao mesmo tempo, o que fazer? Poderia informar a polícia, mas acho que é do interesse de Calixta evitar um escândalo. Como o senhor sabe, ninguém acreditaria, por um momento sequer, que ela fugiu sozinha.

— Ela fugiu de mim e do que a senhora planejou tão friamente para nós dois!

— Não vejo razão para discutir outra coisa que não seja a situação atual de Calixta — respondeu *lady* Chevington, ignorando a insinuação que Osric não conseguiu deixar de fazer. — Só podemos esperar que, depois de percorrer quilômetros, ela recupere o bom senso e volte para casa. Na verdade, espero encontrá-la aqui esta noite, quando voltarmos das corridas.

— Pretendo partir para Londres direto das corridas — disse Osric, friamente. — Meu criado particular partirá na minha carruagem de viagem, logo que a bagagem estiver pronta.

— Se é o que deseja... Como deverei estar em Londres amanhã, espero que, com Calixta, possamos combinar um encontro para discutirmos em que data o anúncio do noivado deve ser colocado na *Gazette*.

— Estarei em casa o dia inteiro.

Osric fez uma reverência e saiu, antes que *lady* Chevington pudesse responder.

Enquanto atravessava o corredor, ia pensando que tinha detectado uma inegável expressão de triunfo nos enormes olhos azuis da mulher, o que o fez ter muita vontade de lhe dizer exatamente o que achava de seu comportamento.

Porém, era uma pessoa muito contida e sabia que não ganharia nada perdendo o controle. O importante era ver e conversar com Calixta; como isso agora era impraticável, só lhe restava voltar para Londres o mais depressa possível.

Passou um dia muito infeliz, não conseguindo se concentrar nos cavalos. Finalmente; acabou indo embora, antes da última corrida.

— Não entendo o que está acontecendo com você, Osric — disse Yaxley várias vezes. — Nunca o vi tão mal-humorado. Até parece que perdeu

o Derby, em vez de ganhá-lo!

Osric não o esclareceu sobre o que se passava. Ao contrário, dirigiu a carruagem em silêncio, numa velocidade maior do que a habitual, sentindo que precisava do conforto e da segurança de sua casa.

Mil vezes amaldiçoou o dia em que entrara na Mansão Chevington. Não só ele iria sofrer agora, mas Calixta também.

Deixou Yaxley em casa e foi para a Mansão Helstone, onde o sr. Grotham o esperava com muitos convites, nenhum dos quais ele queria aceitar.

Embora não achasse provável, esperava que Calixta tivesse se comunicado com ele, mas, entre as cartas colocadas em sua escrivaninha, nenhuma tinha a letra do bilhete que ela havia lhe mandado, pedindo que a encontrasse na ponte sobre o Serpentine.

Aonde a moça poderia ter ido?

Isto o deixara intrigado o dia inteiro. Nunca tinha pensado no que uma garota podia fazer quando fugia de casa.

Claro que existiam muitas que fugiam da autoridade paterna pulando as janelas dos quartos à noite, mas sempre havia alguém para lhes segurar a escada e para esperá-las com uma carruagem.

Calixta, porém, estava sozinha, tendo apenas Centauro como companhia.

Osric imaginava que, sua beleza e o porte de seu cavalo chamariam a atenção por onde passassem e todos que a vissem achariam estranho não estar acompanhada.

Desejou ter conversado com os tratadores de cavalos dos estábulos de *lady* Chevington antes de partir de Epsom. Depois, concluiu que eles não poderiam ter-lhe dito mais do que já haviam contado à patroa.

Se Calixta partira por volta das quatro da madrugada, tinha tido pelo menos quatro horas de vantagem, antes que alguém descobrisse sua fuga.

Teria ido para o norte, sul, leste ou oeste?

Estava absolutamente certo de que ela não iria para Londres, mas, como se preocupava e se sentia parcialmente culpado, mandou um criado até a mansão de *lady* Chevington em Park Lane para saber se a srta. Calixta ou seu cavalo tinha aparecido durante a noite.

A resposta foi que ainda não havia sinal dela, mas Osric concluiu que estava se preocupando sem necessidade. Com certeza, depois de passar uma

noite em alguma hospedaria obscura de algum vilarejo, ela voltaria para casa e enfrentaria a situação.

Entretanto, descobriu que estava sendo muito otimista, quando *lady* Chevington foi procurá-lo, às três horas da tarde seguinte.

Osric achou que havia uma clara expressão de ansiedade nos olhos dela, e a primeira pergunta que fez, depois de ser anunciada, foi:

– Teve notícias de Calixta?

– Era o que eu pretendia lhe perguntar – respondeu Osric.

– Aonde acha que ela pode ter ido?

– Não faço idéia, senhora. Calixta não tem amigos em algum lugar distante como Cornwall? Talvez tenha resolvido colocar o máximo de distância possível entre nós dois.

– Não me lembro de ninguém. – *Lady* Chevington ficou em silêncio por um momento. – Sempre mantive minhas filhas dentro de casa, até terem idade para debutar. Detesto a adolescência, quando as garotas sempre são irritantes. Calixta tinha governanta, tutores, professores, mas não tinha muitos conhecidos ou amigos de sua idade.

Intimamente, Osric pensou que era por isso que a moça se apegara tanto a seu cavalo e passava tanto tempo com ele. Também por isso era uma garota tão bem informada, que lia muito, o que não era comum.

Porém, devia ter cuidado para não demonstrar que sabia essas coisas sobre Calixta. Assim, ficou em silêncio, enquanto *lady* Chevington continuava:

– Temos que encontrá-la! Deve estar em algum lugar perto de casa, e não é possível que ninguém a tenha notado. O senhor acha que deveríamos contratar um detetive?

Osric pensou na sugestão.

– Conheço um homem que está aposentado, mas que possui um grande conhecimento da zona rural. Gostaria que eu tivesse uma conversa com ele?

– Ficaria muito grata. E, claro, não há de que se preocupar com dinheiro.

– Claro que não.

Despediram-se friamente, mas Osric teve a sensação de que *lady* Chevington estava muito mais agitada e preocupada com Calixta do que admitia. Pensou se imaginava que a moça se rebelaria contra sua autoridade

como as duas outras filhas não tinham sido capazes de fazer.

Osric mandou chamar o ex-detetive da polícia e ficou sabendo que ele estava com artrite no quadril e não podia trabalhar.

Mesmo assim, explicou-lhe que Calixta tinha fugido de casa e contou sobre o cavalo que montava.

— Tem alguma idéia, Robinson, de para onde uma moça poderia ir?

— O senhor disse que o cavalo é magnífico?

— Não é só magnífico! A srta. Chevington ensinou-o a fazer alguns truques incomuns. Vi alguns. Ele vem quando é chamado, se mantém fora de alcance quando outra pessoa tenta apanhá-lo, faz reverência quando é mandado! Tenho certeza de que tem todo um repertório que pode demonstrar, se necessário.

— Então, é óbvio, senhor, que essa jovem dama, se está com pouco dinheiro, deve ter tentado se juntar a um circo.

— Um circo? — repetiu Osric, perplexo.

— Estão sempre procurando cavalos assim, senhor, e jóqueis que possam dominá-los.

— Mas como ela entraria em contato com um circo? O ex-detetive sorriu.

— Se o senhor me permite a ousadia, digo que os nobres sempre viajam para o interior e não vêem o que está acontecendo. Nesta época do ano, há circos em todo lugar. Alguns grandes, outros pequenos. Alguns tão pobres, que é difícil sustentar os animais e não deviam ser permitidos. Mas, em qualquer lugar onde armam suas tendas, sempre há uma platéia, pelo menos para rir das graças dos palhaços.

— Entendo.

Agora se lembrava de ter visto algumas tendas e caravanas de circo no caminho para Newmarket e para Epsom, mas simplesmente não podia imaginar Calixta associada àqueles vagabundos!

Porém, era uma idéia!

— Se ela não se juntar a um circo, senhor, como fará para viver, se tem pouco dinheiro? Pode ser que encontre alguém que lhe ofereça uma refeição, mas que não será tão gentil a ponto de alimentar um cavalo!

A idéia de Calixta estar à mercê de um tipo de homem que se aproximaria dela porque estava sozinha e lhe ofereceria comida com segundas intenções deixou Osric furioso.

— Muito obrigado pelas sugestões, Robinson. Só sinto que você não possa ir procurar essa jovem.

— Se quiser, posso arranjar um rapaz que faz o tipo de trabalho que eu fazia, senhor.

— Vou pensar nisso. Mais uma vez, obrigado por ter vindo, Robinson.

Osric colocou duas moedas de ouro na mão do homem, e este foi embora.

Osric sentou-se à escrivaninha.

Um circo era uma idéia ridícula, pensou. Mas qual era a outra possibilidade?

Três dias se passaram.

Lady Chevington apareceu novamente, e agora já não conseguia disfarçar que estava muito preocupada.

— Descobri todos os detalhes do desaparecimento de Calixta. — disse ela. — Estava usando a roupa de montaria de verão, que é verde, com cadarços brancos.

Osric lembrou que era a roupa que Calixta usava quando a conheceu, mas não disse nada.

— Levou também dois vestidos de musselina, muito simples, do tipo que usava em casa pela manhã, e algumas roupas íntimas. Foram enroladas num xale branco, amarrado na parte de trás da sela. — *Lady Chevington* suspirou. — Claro que meu cavaleiro-chefe não estava trabalhando, àquela hora da madrugada, e Calixta não permitiu que o acordassem. Acordou um dos ajudantes para selar Centauro, e ele foi tão estúpido que nem pensou em perguntar onde ela ia. Só lembra que Calixta agradeceu e foi embora. — Fez uma pausa e continuou: — A criada que servia Calixta disse que ela só tinha três moedas de ouro e algumas de prata. Não levou nenhuma jóia.

Osric não fez nenhum comentário. Depois de alguns momentos, *lady Chevington* disse, em tom de súplica:

— Temos que encontrá-la! Apesar de o senhor pensar o contrário, amo minhas filhas e talvez ame mais Calixta do que as outras. Ela é a mais parecida com meu marido.

Osric estava para fazer um comentário rude sobre o fato de que tinha uma maneira estranha de mostrar afeição, quando percebeu sua expressão de sofrimento. Compreendeu que, empurrando as filhas para casamentos vantajosos, ela não estava pensando só na posição social das moças, como

também na posição que gostaria de ter ocupado na idade delas. *Lady Chevington* tentava lhes dar a sensação de segurança e confiança que nunca tivera por não ser da nobreza.

Era um amor distorcido, mas era amor, e não só cobiça, como *Osric* tinha pensado no começo.

— Só vejo uma saída — disse ele, depois de alguns instantes. — Tenho que procurar *Calixta* pessoalmente.

— Faria isso, senhor? Ficaria muito, muito agradecida, mesmo. Depois que *lady Chevington* foi embora, *Osric* pensou que era uma coisa muito fácil de dizer, mas quase impossível de colocar em prática.

Por onde começaria a procurar *Calixta*? Realmente, não sabia.

Entretanto, como essa busca lhe desse uma sensação de força e, de uma maneira estranha, de aventura, cancelou seus compromissos.

Montado no garanhão preto a que se afeiçoara, partiu na manhã seguinte para o sul, pensando em investigar em todos os circos que encontrasse pelo caminho.

Estava uma manhã fresca, com um vento frio que não era esperado em junho.

O frio deixou *Orestes*, o nome grego com que *Osric* rebatizara o garanhão, muito mais agitado do que normalmente. Saíram da cidade num bom galope e logo estavam em campo aberto.

Encontrou o primeiro circo por volta do meio-dia. Foi o primeiro de muitos, e *Osric* descobriria que existia algo de deprimente e comum a todos eles. Sempre havia um elefante velho e três ou quatro leões sarnentos, normalmente sem dentes e apáticos demais para serem uma ameaça, a não ser na imaginação das criancinhas.

Havia sempre um homem da corda bamba que se equilibrava num fio sobre as cabeças da platéia, arrancando exclamações de horror, enquanto se balançava de um lado para o outro com uma sombrinha ou em uma bicicleta.

Os trapezistas variavam em habilidade, mas os números eram sempre os mesmos.

Os melhores circos tinham times de cavalos brancos e malhados. Suas crinas e caudas eram longas e bem cuidadas, e, pelo modo como brilhavam, *Osric* sabia que os animais eram bem alimentados.

Mas, nos circos menores, os cavalos eram tão inferiores como seus cavaleiros, e alguns pareciam quase não agüentar três homens subindo nas

suas costas e apoiando-se uns nos ombros dos outros.

Em todos os circos, porém, os risos e a alegria dependiam dos palhaços. Sempre havia meia dúzia de gigantes, anões e monstros que faziam as crianças chorarem de tanto rir.

As pessoas mais velhas também enxugavam lágrimas de riso, enquanto os palhaços se jogavam no chão, passavam rasteiras uns nos outros, espirravam água, corriam pelo picadeiro segurando as caudas dos cavalos ou tiravam ovos do nariz das crianças sentadas nas primeiras filas da platéia.

Depois de passar quatro dias viajando pelo interior, dormindo na primeira hospedaria que encontrava quando anoitecia, Osric começou a pensar que devia estar na pista errada.

Não viu Calixta, com sua meiguice e elegância, em nenhum dos circos que visitou nos vários vilarejos que percorreu, como também não viu Centauro entre os cavalos.

Achou que talvez ela já tivesse aparecido na mansão Chevington ou em Londres, e que, quanto mais depressa voltasse para descobrir se isto tinha mesmo acontecido, melhor.

Ao mesmo tempo, não podia deixar de admitir que, se não estivesse tão preocupado com Calixta, teria aproveitado muito os últimos dias. Sentira uma liberdade que nunca havia experimentado antes, em ficar longe dos criados e camareiros, da rotina dos seus negócios e da companhia dos amigos. Não se lembrava de quando tinha ficado sozinho por tanto tempo, mas nunca se sentira tão bem. Em parte, isso se devia à comida simples das hospedarias e à grande quantidade de exercício que estava fazendo.

Enquanto galopava em Orestes, através dos campos, Osric tinha a sensação de que o cavalo se sentia como ele. Orestes podia não estar tão brilhante, e a sela e as rédeas, tão bem polidas como quando partiram de Londres, mas talvez houvesse uma alegria nos dois em sentirem que tinham escapado da rotina de suas vidas bem ordenadas.

Mesmo assim, Osric se convenceu de que precisava voltar. Calixta já devia ter sido encontrada e, com toda certeza, seus empregados e muitos amigos, como lorde Yaxley, estavam ansiosos por sua segurança.

Voltou por Hertfordshire, tendo feito um longo circuito através de outros municípios, tomando Epsom como o centro em torno do qual sua busca girou.

Eram seis horas da tarde, quando chegou à aldeia de Potters Bar.

Calculou que dali a uma hora, mais ou menos, estaria em Londres. Quando virou a cabeça de Orestes na direção da estrada principal, viu as tendas de outro circo.

Era maior do que os que tinha encontrado nos últimos dois dias.

A “grande tenda”, como era chamada a tenda principal, estava no centro de um campo, cercada por várias outras menores, carroças e carretas, que transportavam as jaulas dos animais selvagens.

Estava havendo um espetáculo, e o primeiro impulso de Osric foi ir embora, pois já era tarde. Mas, já que estava ali, não custava fazer uma última tentativa, antes de abandonar a sugestão do ex-detetive de polícia de que Calixta teria se reunido a um circo.

Não quis deixar Orestes muito perto da grande tenda para evitar que as crianças que saíssem da apresentação o irritassem. O garanhão tinha o hábito de dar coices, e Osric sabia que seria perigoso para qualquer um que se aproximasse muito.

Vendo algumas árvores no fim do campo, galopou naquela direção.

Chegando lá, notou que um garoto o tinha seguido. Estava vestido miseravelmente, mas parecia de confiança, e Osric perguntou:

– Quer tomar conta do cavalo para mim?

O garoto sorriu, ansioso.

– Quero, moço. Vou tomar conta dele direitinho, vou sim!

– Acho bom. Quando voltar, lhe darei um *shilling*.

Os olhos do menino se iluminaram de contentamento.

– Um *shilling*, moço? O senhor disse... um *shilling*?

– Um *shilling*, se tomar conta do cavalo e não deixar ninguém mexer com ele. Pode deixá-lo pastar, mas fique segurando as rédeas.

– Pode deixar comigo, moço.

Osric desmontou e deixou as rédeas na mão do garoto.

Caminhou para a grande tenda. Ao se aproximar, ouviu gritos e risadas e concluiu que os palhaços deviam estar se apresentando.

De repente, sentiu-se cansado e achou que seria muito esforço assistir a mais uma longa apresentação de leões e acrobatas, equilibristas e cavalos sem graça.

Parou na entrada, olhando para dentro da tenda, e uma voz áspera disse:

– Seis *pence* os melhores lugares, dois *pence* e um *penny* os outros.

– Vocês têm algum número diferente? – perguntou Osric. – Ou algum cavalo especial?

O homem da bilheteria estava para responder que ele pagasse, se quisesse ver, mas observou melhor o conde e mudou de idéia.

– Temos um número muito especial, senhor.

– Qual é? – perguntou Osric, sem muito entusiasmo.

– A “Dama Mascarada e Seu Companheiro Semi-humano”. Osric ficou subitamente tenso.

– Ela vai se apresentar daqui a cinco minutos, senhor.

Osric colocou um *shilling* na mesa da bilheteria, na frente do homem, e esqueceu de pedir o troco. Entrou na tenda e sentou no lugar mais próximo do picadeiro que conseguiu.

Os palhaços estavam saindo, passando rasteiras um no outro, e atrás deles havia um gigante com pernas de pau que, obviamente, era o favorito das crianças.

Quando desapareceram, o apresentador entrou no picadeiro.

– Senhoras e senhores! Temos a honra de apresentar o número mais intrigante, feito por uma mulher misteriosa e seu companheiro que, embora pareça um cavalo, na verdade é semi-humano. Senhoras e senhores, a Dama Mascarada!

Houve uma salva de palmas e Calixta surgiu.

Usava um traje de montaria vermelho, coberto de estrelas e lantejoulas prateadas. Uma máscara de veludo negro com renda na borda estilo veneziano cobria quase totalmente seu rosto, mas Osric teria reconhecido sua figura e a maneira soberba como cavalgava em qualquer lugar em que a visse.

Centauro também estava disfarçado. A estrela branca tinha desaparecido do focinho e as manchas brancas das pernas também. Estava todo negro, mas o pêlo brilhava e a crina e a cauda tinham sido cuidadosamente escovadas.

Calixta levou-o primeiro a dar volta pelo picadeiro; depois, começou a apresentar seus truques.

Osric ficou fascinado e a platéia também permaneceu encantada e sem fazer barulho.

Centauro levantou-se nas pernas traseiras, ajoelhou-se e colocou o focinho no chão; dançou, fez uma dezena de truques diferentes, todos com

uma graça que fez Osric se lembrar dos famosos garanhões brancos Lipizzan da Escola Espanhola de Montaria, em Viena.

Quando os aplausos pararam, uma carruagem de papelão entrou no picadeiro, movida por alguns homens que andavam dentro dela.

Havia um cocheiro na caixa, que era puxada por um pônei pequeno e de aparência miserável.

Calixta tirou uma pistola do bolso do colete e assaltou a carruagem.

Os homens protestaram. Enquanto isso, Centauro segurou nos dentes uma grande mala cheia de ouro falso e, afastando-se, entregou-a a um velho pobre no outro lado do picadeiro.

As crianças gritavam e batiam palmas de alegria. Os homens, então, saíram da carruagem, apontando seus revólveres para Calixta e Centauro.

Calixta conduziu o cavalo para um lado do picadeiro, perto de onde Osric estava sentado.

— Calma, garoto! — ele ouviu-a dizer.

Quando todos os revólveres estavam apontados para ele, o cavalo atravessou o picadeiro galopando, saltou espetacularmente por sobre a carruagem e desapareceu.

Houve muito aplauso e Calixta e Centauro voltaram, o cavalo abaixando a cabeça do mesmo jeito como tinha abaixado para Osric, perto do Serpentine. Fez reverências em todas as direções e depois os dois desapareceram.

O número seguinte começou.

Era o “Homem-Fortaleza”: arrogante e musculoso, pegava pesos enormes para demonstrar sua força, e, pelo que já tinha visto, Osric sabia que ele não só levantaria aqueles pesos, mas também equilibraria três, quatro ou talvez seis pessoas na cabeça e nos ombros.

Esperou a apresentação começar e saiu. Tinha que encontrar Calixta e, o mais importante, convencê-la a voltar com ele.

Passou por trás da grande tenda e encontrou, como esperava, as jaulas com os animais selvagens: leões e tigres. Pareciam mais novos e saudáveis do que os que tinha visto em outros circos.

Havia muitos cavalos que já tinham se apresentado no picadeiro ou que estavam se preparando para entrar em cena. Nos circos, os cavalos eram negros, tinham penas presas à cabeça e selas e rédeas coloridas, impressionando muito.

Ninguém prestou atenção a Osric, enquanto caminhava por entre as carroças, pintadas alegremente, com o nome do circo escrito em letras imensas.

Chegou às tendas, onde havia murmúrio de vozes, pessoas passando apressadas, homens carregando objetos para a grande tenda, cachorros latindo e uma confusão geral de sons e movimentos.

Afinal, viu Calixta. Conversava com várias mulheres do lado de fora de suas carroças. Estava sem o chapéu e a máscara, mas ainda usava o espetacular traje de montaria.

As mulheres riam de algo que ela havia dito, e Osric se afastou. Não queria encontrar Calixta na frente de outras pessoas, pois talvez isso a deixasse irritada.

Manteve-se fora do alcance da visão de Calixta e viu-a se afastar do grupo de mulheres e caminhar na direção de uma pequena carroça pintada, um pouco distante das outras, fora do acampamento.

Seguiu-a. Centauro a esperava.

— Vou trocar de roupa primeiro - ouviu Calixta dizer, quando chegou à carroça.

Como se compreendesse, o cavalo ficou esperando na frente dos degraus balançando a cauda porque os mosquitos o incomodavam.

Osric também esperou, com os olhos fixos na carroça, mas não se atrevendo a chegar muito perto, até que fosse possível conversar com Calixta sozinho.

Ela apareceu no topo da escada, usando o que parecia uma saia longa vermelho-brilhante e uma blusa branca com um xale jogado sobre os ombros.

Justamente no momento em que Osric estava para se aproximar, apareceu um outro homem, magro e alto, usando roupas de palhaço, o rosto branco e a boca pintada de vermelho.

— Quer que tire a sela de Centauro para você, *chérie* — perguntou, com forte sotaque francês.

— Obrigada, Colot, mas você pode se atrasar para a sua entrada.

— Entro depois de Manzani, e sabe quanto tempo ele leva para agradecer os aplausos.

Calixta riu.

— Ele gosta de ser aplaudido!

— Ele é muito convencido, *oui*? Calixta riu outra vez.

- Todos nós gostamos de ser apreciados.
- Você, *chérie*, foi maravilhosa, *ce soir*!
- Obrigada, Colot.

O palhaço tirou a sela de Centauro e colocou-a ao lado da porta da carroça.

Calixta guardou a sela, e o cavalo, disposto a mostrar que ainda lhe restava um pouco de bom humor, afastou-se para onde a grama era mais doce.

Ouviram os aplausos vindos da grande tenda.

- É melhor você ir, Colot — disse Calixta, apressada.

Como se percebesse que tinha se atrasado, o palhaço virou-se e correu por entre as tendas e *trailers*, segurando o chapéu alto.

Um momento depois, justamente quando mais uma vez Osric estava se aproximando de Calixta, apareceu outro homem.

Usava uma longa capa vermelha sobre a calça apertada, e Osric imediatamente o reconheceu como o “Homem-Fortaleza” que tinha visto entrar no picadeiro.

Enquanto se aproximava de Calixta, demonstrava ser uma figura dominadora.

- Você deve ter sido um grande sucesso, Manzani — disse a moça. — Ouvi os aplausos daqui.

- Nós dois somos um grande sucesso.

Falou com um leve sotaque, num tom de voz grave e forte que Osric achou irritante.

- Quero conversar com você. Calixta negou com um gesto da cabeça.

- Preciso descansar. Esqueceu que vamos embora esta noite? Teremos que passar a noite inteira acordados.

- Eu a ajudarei.

- Posso me arranjar sozinha, obrigada.

- Quero ajudar. Sabe que sempre quero ajudá-la.

- É muito gentil, mas posso dar conta de tudo muito bem, sozinha.

- Nenhuma mulher pode ficar sozinha. Nós dois formamos um ótimo par. Logo largaremos este circo pobre e nos reuniremos a um dos grandes. Eles vão nos receber muito bem e ficaremos ricos, muito ricos!

- É muita gentileza sua, Manzani, mas prefiro trabalhar sozinha.

- Não posso deixá-la fazer isso.

Enquanto conversavam, Osric foi se aproximando, ainda escondido atrás das carroças. Agora conseguia ouvir todas as palavras que diziam e viu também a expressão de incerteza de Calixta.

— Você vai comigo — disse o “Homem-Fortaleza”, esticando os braços. — Será minha mulher e viveremos felizes, muito felizes, juntos!

— Não!

Ela queria correr para se refugiar na carroça, mas Manzani segurou-a, abraçando-a.

Calixta deu um gritinho. Osric aproximou-se, decidido.

— Pare! — ordenou. — Deixe a senhorita em paz!

CAPÍTULO V

Por um momento, Calixta e Manzani ficaram surpresos e em silêncio. Enquanto o “Homem-Fortaleza” virava o rosto para Osric, a moça disse, num sussurro:

— Como me encontrou?

Osric não respondeu. Caminhou em sua direção e disse:

— Vim levá-la para casa.

Manzani colocou-se entre os dois, gritando:

— Suma daqui! Ninguém chamou você!

— Tenho direitos sobre esta dama!

— Isso é o que vamos ver, meu caro! — gritou Manzani, erguendo o punho para dar um soco em Osric, que só não recebeu o golpe na face porque conseguiu desviar-se a tempo.

Mas o soco pegou-lhe o ombro e o fez cambalear. Antes que pudesse recuperar o equilíbrio direito, Manzani desferiu outro golpe. Mas desta vez Osric estava preparado e aparou o soco com rapidez.

Porém Manzani levava vantagem na luta. Além de mais forte e mais pesado, era violento e lutava com experiência, enquanto Osric, além de não ter o hábito de lutar, estava de botas altas e vestia uma scbrecasaca justa que dificultava os movimentos.

Mesmo em total desvantagem, Osric conseguiu desviar-se de um golpe e deu um soco no rosto do outro que o deixou furioso.

Todos no circo sabiam que o “Homem-Fortaleza” ficava nervoso à toa e que sempre brigava com qualquer um. Olhava para o conde com uma expressão irada e, sem que este tivesse tempo para desferir outro golpe, Manzani abraçou-o com toda força, como se quisesse sufocá-lo. Osric pensou realmente que não teria condições de se livrar daquele abraço assassino e ficou muito surpreso, quando, sem mais nem menos, viu-se livre de repente.

Mas foi por pouco tempo. Antes que pudesse tentar qualquer coisa, Manzani atacou-o com um soco certeiro no rosto, e o jovem caiu no chão, desacordado.

Calixta deu um grito de horror! Mesmo com Osric estendido no chão, inconsciente, Manzani se ajoelhou sobre seu corpo inerte e continuou a socá-

lo com mais violência ainda.

Desesperada, Calixta apanhou na carroça um grosso bastão de ferro e bateu com toda a força que tinha na cabeça de Manzani. O “Homem-Fortaleza” tombou imediatamente na grama.

Calixta jogou o bastão para o lado e correu para Osríc. O conde de Helstone permanecia inconsciente e escorria um pouco de sangue de seu queixo. Ela observou-o com tristeza e, de repente, uma voz familiar disse a seu lado.

– O que aconteceu, querida?

– Ajude-me, ajude-me, Colot – murmurou Calixta, num soluço.

– Quem é ele?

– Meu marido! – respondeu, depois de pensar um instante.

– *Votre mari*? Manzani o matará, quando voltar a si.

– Sim, eu sei. Precisamos sumir com ele daqui. – Limpou com o lenço o sangue que escorria do queixo de Osríc e depois levantou-se apressadamente, dizendo: – O cavalo dele deve estar aqui por perto. Veja se o encontra, por favor, Colot!

O palhaço saiu imediatamente à procura de Orestes.

Calixta então assobiou e em seguida Centauro surgiu, trotando em sua direção.

Ela apanhou os arreios do animal, que estavam na carroça, e deixou Centauro pronto para a fuga. Depois de uma rápida olhada para os dois homens ainda estirados no chão, Calixta entrou na carroça para colocar tudo o que possuía dentro do mesmo xale branco onde trouxera suas coisas, ao fugir de casa. Apressada, amarrou fortemente as quatro pontas do xale e foi colocá-lo na parte mais alta da sela.

Ainda não havia sinal de Colot. Calixta entrou novamente na carroça e trocou de roupa, colocando o traje de montaria verde. Havia acabado de se vestir e estava colocando o chapéu, quando ouviu finalmente a voz de Colot se aproximando. Saiu apressada da carroça e viu que o palhaço caminhava em sua direção, acompanhado de um menino maltrapilho que segurava a rédea do cavalo de Osríc.

Colot percebeu que Centauro estava selado.

– *Hélas!* Você está fugindo?

– É preciso, Colot. Mas nada conseguirei sem sua ajuda. Osríc meu marido não pode cavalgar, nessas condições.

— Você sabe que farei tudo o que pedir — disse o francês, sorrindo. Calixta sorriu agradecida para ele e depois virou-se para o moleque:

— Conhece alguma hospedaria confortável por aqui?

— O moço ali me prometeu um dinheiro para eu tomar conta do cavalo - disse o garoto, apontando para Osric.

— Eu lhe pagarei, fique tranquilo — respondeu Calixta. — E lhe darei mais dinheiro, se me disser onde fica uma boa hospedaria por aqui.

— Mais dinheiro? — O garoto parecia muito interessado. — Obrigado, moça. Bom, tem aquela pensão, O Cachorro e o Pato, na aldeia.

Calixta lembrou-se de ter passado por lá em Potters Bar.

— Não existe nenhuma outra aqui por perto?

— Tem também a hospedaria Postin. Fica mais ou menos a um quilômetro daqui.

— Iremos para casa, então — decidiu Calixta. Depois, virando-se para Colot: — Temos que colocar meu... marido na sela. Você irá guiando o cavalo com ele sentado à sua frente e terá que tomar cuidado para que não caia.

Por um momento, pensou que Colot não fosse querer ajudá-la, mas felizmente ele correu a pegar Osric e, com o auxílio dela e do garoto, conseguiu colocá-lo na sela, à sua frente. Colot também era um bom cavaleiro e não havia perigo nenhum de deixar que Osric caísse.

Finalmente estavam prontos para fugir. Calixta sabia, pelo som dos aplausos e da música que vinha do circo, que o espetáculo estava prestes a acabar.

— Precisamos ir! — disse, apreensiva.

O menino segurou a rédea de Orestes e começou a andar. O cavalo parecia não notar o peso que carregava. Calixta, montada em Centauro, seguia logo atrás.

Ela morria de medo de que alguém os visse fugindo e tentasse impedi-los, ou então que perguntassem o que havia acontecido com Manzani. Ele continuava estirado no chão, na mesma posição que ficara ao cair, com sua imensa capa cobrindo-lhe quase todo o corpo.

Calixta estava com sorte, pois quase toda a companhia ainda se encontrava na tenda principal, e só sairia depois que todos os espectadores tivessem ido embora.

O público começava a deixar o circo pelo outro lado da grande tenda. Eram garotos, na maioria, que, em grande algazarra, imitavam as travessuras

dos palhaços, enquanto se dirigiam para suas casas.

Nos limites do vasto campo onde o circo estava instalado, Calixta viu um grupo de grandes árvores que os esconderia dos olhares curiosos. Virando-se para trás, ela chegou à conclusão de que estava pondo um ponto final num capítulo muito interessante de sua vida.

Fora completamente por acaso que encontrara o Grande Circo de Carmo nos campos de Guildford, em Potters Bar, no dia em que fugira de casa. Já tinha percorrido uns vinte quilômetros e procurava por uma hospedaria onde pudesse dar de beber a Centauro e onde pudesse comer um pouco também, quando um bando de cavalos que estavam sendo treinados chamou sua atenção. Formavam uma grande roda e trotavam com ritmo, um atrás do outro, com graça e segurança. Calixta logo notou como obedeciam imediatamente às palavras de comando que o treinador dizia.

O treinador, que, segundo Calixta veio a saber, era também o proprietário do circo, assim que a viu, foi conversar com ela. Admirou Centauro e depois perguntou a Calixta se não queria ver sua apresentação naquela tarde.

A moça perguntou-lhe como treinava seus cavalos. O Mestre - era este seu apelido - respondeu a todas as perguntas, e ela achou que seria interessante mostrar a ele algumas habilidades que havia ensinado a Centauro, inclusive como seu animal era capaz de dançar com graça, a uma simples palavra de comando.

— Mas, afinal, quem é a senhorita? — perguntou o Mestre, depois de cumprimentá-la pela atuação de Centauro. — Para onde está indo?

— Meu nome não tem importância nenhuma, e, no momento, não estava indo para lugar nenhum, senhor.

Ele não lhe fez mais nenhuma pergunta. Calixta percebeu, mais tarde, que o pessoal de circo nunca mostrava curiosidade sobre o passado das pessoas.

— Neste caso, por que a senhorita não fica conosco? — sugeriu o Mestre.

Por um momento, Calixta pensou que ele estava brincando. Depois, quando percebeu que ele falava a sério, viu que aquela seria uma ótima solução para seus problemas.

Calixta não acreditava que sua mãe, ou mesmo Osric pudessem imaginar que a encontrariam num circo, e tinha consciência de que, se

continuasse vagando sem destino pelas estradas e pelas aldeias, começaria a chamar a atenção. Além do mais, havia um outro problema do qual só tinha se lembrado depois de fugir de casa: estava sem dinheiro nenhum!

Calixta não estava acostumada a pensar em dinheiro, pois sempre as governantas ou sua mãe se encarregavam de comprar-lhe tudo o que desejava. Quando resolveu fugir, estava tão nervosa e envergonhada com o que tinha acontecido, que nem se lembrou de apanhar mais dinheiro para poder pelo menos pagar a comida de Centauro.

Foi só quando já estava bem longe de Epsom, que se lembrou de que deveria ter apanhado suas jóias. Mas estava tão desesperada para fugir que em nenhum momento aquela idéia lhe passou pela cabeça.

O convite do Mestre era a solução para seus problemas. Depois que conheceu as outras pessoas do circo, começou a gostar daquele tipo de vida diferente. Nunca imaginou que efeito causaria naquela gente, sendo ela, além de mulher, muito bonita e educada.

Colot apaixonou-se por ela assim que a viu, e Calixta ficou muito agradecida pela dedicação que ele lhe devotava e pela maneira como a ajudou a cuidar de Centauro e a puxar sua carroça para um pouco mais distante das outras da ala feminina do circo. Calixta queria ficar longe do barulho que as artistas viviam fazendo.

Manzani, o “Homem-Fortaleza”, foi o único no circo com quem não simpatizou. Era descendente de checos e turcos, embora usasse aquele nome italiano porque o achava mais romântico.

Ele era violento, ciumento e parecia muito cruel. Calixta morria de medo dele. Tentava evitá-lo a todo custo, mas não era fácil, e mais de uma vez ela chegou a pensar em pedir ao Mestre para mandar Manzani deixá-la em paz.

Tinha sido muito azar Osric aparecer justamente na hora em que aquele homem violento estava se declarando abertamente a ela, pela primeira vez.

Enquanto cavalgava atrás de Orestes, Calixta ia pensativa, esperando que Osric a desculpasse por tê-lo envolvido naquela aventura desagradável e humilhante.

Ele sabia lutar muito bem, mas Manzani era muito mais forte e experiente; além de tudo, lutava com selvageria, sem respeitar nenhuma regra. Talvez, se Osric não estivesse com aquela sobrecasaca e com aquelas

botas desconfortáveis, tivesse dado uma boa lição em Manzani!

Sem dúvida, o conde ficaria muito bravo, quando se recuperasse e se lembrasse de que tinha levado uma surra de um artista de circo, só para tentar salvá-la de uma situação embaraçosa. Mas Calixta não podia fazer nada para remediar o que havia acontecido! Só o que tinha a fazer era cuidar de Osric, para que ele se restabelecesse completamente.

Será que Manzani o machucara muito? Ela sabia que o “Homem-Fortaleza” era incrivelmente forte, pois certa noite o tinha visto brigar com um soldado bêbado. Deixara o pobre homem amassado, com murros e pontapés.

Finalmente ela avistou a hospedaria.

— Agora vou na frente para acertar tudo com o proprietário — disse a Colot.

Esporeou Centauro e galopou em direção à hospedaria. Entrou no pátio e, quando o moço da estrebaria apareceu, Calixta disse, com uma voz autoritária:

— Quero falar com o proprietário imediatamente!

O dono da hospedaria devia tê-la visto pela janela, pois ele apareceu imediatamente na porta e fez uma reverência cerimoniosa.

Calixta tinha colocado o chapéu com o véu esvoaçante, enquanto cavalgava pelo campo, e, embora parecesse um pouco cansada, não havia dúvida de que seu traje elegante e a beleza de Centauro despertavam muito respeito.

— O senhor é o proprietário?

— Sim, senhora. Será um prazer arrumar acomodações para a senhora.

— Não estou sozinha. Meu marido e eu fomos assaltados por ladrões, enquanto viajávamos para Londres. Ele brigou valentemente com os bandidos e seria assassinado se, por sorte, não chegassem algumas pessoas de um circo que viajava pela mesma estrada. Uma dessas pessoas está trazendo meu marido para cá, e ficaria contente se o senhor arrumasse para nós o melhor quarto e mandasse chamar um médico imediatamente.

— Claro, senhora, claro! — O proprietário fez outra reverência.

— Essas estradas estão cheias de ladrões. Vivem infernizando a vida dos viajantes e os soldados não conseguem prendê-los. Mas farei de tudo para que a senhora e seu marido fiquem bem acomodados.

— Obrigada.

Assim que terminaram de falar, Orestes entrou no pátio.

Apesar de o queixo de Osríc ainda sangrar e de um de seus olhos estar inchado pelo soco de Manzani, ele continuava com sua figura elegante, e ninguém duvidaria de que pertencia à nobreza.

O proprietário chamou dois empregados, que desmontaram Osríc cuidadosamente e o levaram para dentro.

Colot também desmontou e Calixta pediu ao dono da estalagem que levasse os dois cavalos para o estábulo e lhes desse de comer e beber.

Abrindo a bolsinha, tirou uma moeda para dar ao garoto.

— Promete que não contará a ninguém do circo para onde viemos - perguntou, antes de entregar a moeda.

— Prometo, moça.

Entregou-lhe o dinheiro, e o menino saiu em disparada, talvez com medo de que Calixta se arrependesse e pegasse a moeda de volta. Ela estendeu a mão para Colot. — Obrigada por tudo.

— Então, nunca mais nos veremos? — perguntou ele, e havia muita tristeza em seus olhos.

— Sempre pensarei em você com gratidão, meu amigo. Ele sorriu tristemente e murmurou:

— Talvez um dia voltemos a nos encontrar. *Au revoir*.

— *Au revoir*, Colot. Sempre me lembrarei de você como o mais gentil e verdadeiro de todos os meus amigos.

Virou-se e entrou na hospedaria, para não ver a amargura nos olhos do palhaço.

O proprietário, com os outros homens, havia carregado Osríc para o andar de cima, tendo-o despido e colocado sobre uma grande cama, num quarto agradável e limpo.

Havia uma grande janela que dava para um jardim na parte de trás da hospedaria. Além dele se avistava uma paisagem calma que se perdia na linha do horizonte.

— Já mandei chamar o médico, senhora — disse uma voz de mulher.

Calixta virou-se para a porta e viu uma típica mulher do campo, limpa e simpática. Sem dúvida, a esposa do dono da hospedaria.

A mulher carregava o xale de Calixta em uma das mãos e, na outra, uma mochila que estava na sela de Orestes, onde Osríc guardava seus pertences.

— Sinto muito pelo que aconteceu com seu marido, senhora. Esses ladrões deviam levar uma boa surra, isso sim!

— Tivemos sorte em sairmos vivos do assalto. Enquanto falava, percebeu que a mulher olhou por um momento para suas mãos sem luvas. Calixta disse imediatamente: — Eles levaram todas as minhas jóias, inclusive minha aliança, mas meu marido lutou com os ladrões, quando tentaram pegar sua carteira.

Calixta imaginava que os donos da hospedaria deviam estar com medo de que não tivesse dinheiro para pagá-los. Tinha certeza de que Osric havia trazido algum dinheiro, pois, afinal, o conde de Helstone não devia ser tão bobo quanto ela para viajar sem um tostão no bolso!

— Que desgraça! — murmurou a mulher. — E uma aliança é algo tão importante para uma mulher! Não é mesmo, senhora?

— É, sim — murmurou Calixta. Olhou para ver se Osric já dava sinais de melhora e então perguntou: — Queria saber se têm um quarto ao lado deste, onde eu possa dormir. Meu marido deve ficar quieto nesta cama e não pode ser perturbado de forma alguma, mas quero estar perto dele para cuidar de seus ferimentos.

— Entendo, senhora. Há um pequeno quarto de vestir que tem aquela porta de comunicação com este quarto. — A mulher abriu a porta e mostrou a Calixta o pequeno aposento, que, por sinal, era bem maior do que a carroça onde morara no circo.

Percebendo que a mulher olhava com curiosidade para o xale branco que segurava, Calixta murmurou:

— Os ladrões levaram todos os nossos pertences mais valiosos. Só consegui recuperar algumas poucas roupas que coloquei neste xale. Dentro dele estão dois vestidos que gostaria que a senhora passasse a ferro para mim.

Naquele momento, o proprietário entrou e Calixta agradeceu por todas as providências que tinha tomado.

— Posso saber o nome de vocês, senhora?

— É claro. Somos o sr. e a sra. Helstone. Moramos em Londres.

— O médico já deve estar quase chegando. Vamos deixá-los descansar agora.

Os dois saíram. Depois de fechar a porta do quarto principal, Calixta foi ver como estava Osric.

Alguma fatalidade os empurrava um para o outro, pensou, desolada, observando Osric ainda desacordado.

Tinha feito o possível para que ele não entrasse em sua vida, mas ele insistira; e agora, depois de ela fugir de casa para livrá-lo do artilheiro preparado por sua mãe, Osric aparecia novamente. Não havia nada que pudesse fazer, exceto cuidar para que se restabelecesse.

Calixta sabia que ele não gostaria que ela mandasse um recado para sua casa, pedindo que os criados enviassem uma carruagem para pegar o patrão. Osric se sentiria muito humilhado, se os empregados o vissem naquelas condições. Sabia também que, se mandasse chamar alguém, teria que pensar em muitas explicações que o comprometeriam ainda mais. Não, o melhor era deixar tudo como estava.

O médico chegou mais depressa do que esperava. Parecia um profissional muito experiente.

Examinou Osric e disse:

— Seu marido é um homem muito forte, sra. Helstone. Ele não está muito mal. Deve ter quebrado apenas uma ou duas costelas. Vou enfaixá-lo. Sentirá um pouco de dor, mas logo ficará completamente curado.

— Fico muito contente em ouvir isso, doutor. O senhor não acha que o queixo dele foi quebrado também?

— Não, senhora. Seu marido ficará alguns dias com o olho roxo, o que, com certeza, vai tirar um pouco de seu charme — disse o médico sorrindo. — Mas dê graças a Deus pelo fato de os bandidos não terem quebrado seu queixo nem o nariz.

— O nariz?

— O último homem que eles atacaram ficou com o nariz defeituoso para sempre, além de ter ficado com as duas pernas engessadas por seis semanas.

Enfaixou Osric com cuidado e depois pediu para que Calixta colocasse compressas de banha de ganso nas contusões, prometendo voltar na manhã seguinte.

— Por quanto tempo ele continuará inconsciente, doutor?

— Ele não ficará muito contente quando acordar e se lembrar do que aconteceu. Por isso, é melhor que continue desmaiado. Vou deixar um anestésico com a senhora. Seu marido sentirá muitas dores, ao acordar; o remédio dará algum alívio.

O médico entregou-lhe um vidrinho e se despediu.

A dona da hospedaria foi até o quarto e entregou a Calixta um dos vestidos de musselina que ela tinha pedido para passar.

A moça trocou de roupa e desceu para comer alguma coisa.

Um dos empregados da hospedaria ficou encarregado de não sair do lado de Osric, até que ela voltasse.

Depois da refeição, Calixta pediu um copo de limonada para Osric tomar, caso sentisse sede quando acordasse. Em seguida, subiu a escada, foi para o pequeno quarto de vestir, despiu-se, vestiu uma camisola fina que havia dentro do xale e ficou pronta para dormir. Já tinha se deitado, quando ouviu um som vindo do quarto principal.

Imediatamente, levantou-se, colocou o xale branco sobre os ombros e correu para ver se estava acontecendo algo com Osric.

Ele continuava inconsciente, mas balançava a cabeça de um lado para o outro. Calixta ajoelhou-se perto da cama e colocou-lhe a mão na testa. Felizmente, não tinha febre.

Maldito Manzani! Precisava ter batido em Osric daquele jeito?

Poucos minutos depois, ele abriu um único olho e fitou-o em Calixta.

— Você está bem — disse ela. — Um pouco machucado, mas não é nada grave.

— Ele fechou o olho e só depois de alguns minutos falou:

— Onde... estou?

— Estamos numa hospedaria. Sente sede?

Osric emitiu um som que Calixta compreendeu como uma espécie de “sim”. Colocou o copo de limonada entre os lábios dele, segurando-lhe a cabeça com o outro braço.

Imaginava que Osric tinha que fazer muito esforço para beber o suco, pois tanto seu queixo quanto os lábios estavam muito machucados.

Ele tomou alguns poucos goles e logo em seguida parou de beber. Olhou para Calixta demoradamente, e ela não saberia dizer se estava pensando no que fazia naquele lugar estranho, ou se, na verdade, não pensava em nada, apenas em seus ferimentos.

Depois de alguns minutos, ele voltou a dormir.

Osric abriu os olhos com a sensação de ter dormido uns dois dias seguidos.

Ainda sentia dores. Ao tentar se levantar, sentiu pontadas no peito e,

quando soltou uma praga, percebeu que tinha dificuldade para falar.

Seus olhos também doíam muito.

Quando o empregado o barbeou, viu no espelho a mancha azul que cobria metade de seu queixo e outra mancha avermelhada em volta do olho. Sua aparência era lamentável.

Quando ele se moveu, Calixta levantou-se da poltrona ao lado da janela e foi sentar a seu lado.

— Está melhor? - perguntou, em voz baixa. — Dormiu desde o meio-dia e agora já são quatro horas da tarde. — Não mencionou que o médico tinha dito que deveria ficar no mínimo uma semana de cama! — Você está se recuperando. Precisa ficar bom depressa. — Percebeu que Osric parecia interessado e continuou: — Quando eu estava no circo, havia um francês que tinha vários livros. Num deles, li a história de Godolphin. Está muito cansado para ouvi-la?

Osric sacudiu a cabeça devagar.

— Quando li a história, fiquei com medo de nunca mais encontrá-lo, pois aí não poderia contar-lhe tudo o que descobri. Talvez você, conheça alguma coisa sobre Godolphin, mas eu não sabia nada!

Osric a observava intensamente, enquanto ela falava:

— Godolphin, que antes era chamado Scham, era um cavalo árabe que foi dado ao rei Luís XV pelo governador de Túnis, em 1731. Com ele, e com mais sete cavalos que também faziam parte do presente, veio um escravo chamado Agba, que cuidava de Godolphin desde quando era um potrinho.

Seus olhos brilhavam, enquanto contava a Osric que o rei da França não era apenas um homem que não se interessava por cavalos, mas também um covarde, e que Scham era um ótimo animal, cheio de força e vigor.

O rei deu ordens a seu cavalariaço para se livrar dos cavalos que ganhara, e Scham e Agba foram cair nas mãos de um carroceiro. Eles comiam muito pouco e apanhavam todos os dias, e a única coisa boa que lhes aconteceu naquela fase de tristeza e desespero foi fazerem amizade com um gatinho que Scham gostava de acariciar com a língua.

— Mas a sorte deles mudou - continuou Calixta. — No ano seguinte, quando o calçamento da rua Dauphine, em Paris, estava liso de tanta neve, um grande número de pessoas parou para ver um carroceiro bater no lombo de um cavalo que estava jogado no chão. Ele tinha caído porque não conseguia agüentar o peso do carregamento de madeira que transportava. —

Calixta suspirou e continuou a história: — Por sorte, um inglês de nome Coke estava passando por ali. O sr. Coke, um homem muito religioso, comprou o cavalo para fazer uma boa ação. Quando foi mandar o cavalo para a Inglaterra, teve uma bela surpresa: além de Scham, teria que levar Agba e o gato também!

Então Calixta contou, com tristeza, que, já na Inglaterra, depois de ter recuperado totalmente a forma magnífica, Scham não permitia que ninguém o montasse, exceto Agba. Esta recusa obstinada do cavalo deixou o sr. Coke muito insatisfeito. Depois de levar muitos tombos de cima de Scham, o homem perdeu completamente a paciência.

Ao chegar neste ponto da história, Calixta cruzou os braços, apreensiva.

— Mais uma vez, Scham e seu fiel amigo Agba tiveram dias de azar. O novo proprietário do animal, um tal sr. Rodgers, estava chicoteando o cavalo, quando Agba o atacou, tentando defender seu amigo. Agba foi preso e levado para a prisão em Newgate.

Calixta disse a Osric que a vida de Scham e de seu fiel amigo Agba foi contada a Sarah Jennings, duquesa de Marlborough. Essa mulher ficou muito comovida com a história e pediu para que seu genro, lorde Godolphin, fosse a Newgate libertar o criado.

Agba levou lorde Godolphin até o estábulo onde se encontrava Scham, e o nobre, que se interessava por cavalos, acabou comprando-o.

No entanto, o lorde não parecia muito interessado em sua nova aquisição; deixou Scham em uma de suas fazendas e pareceu se esquecer dele. Mas Agba queria um futuro mais glorioso para seu amigo. Secretamente, fez com que Scham, que agora se chamava Godolphin, porque naquele tempo os cavalos tomavam o nome de seu proprietário, cruzasse com Roxana, uma égua magnífica!

Quando descobriram o que tinha acontecido, Scham e Agba foram mandados para uma outra fazenda. Roxana teve um filhote chamado Lath, que teve uma vida de grande sucesso, como Agba queria.

Calixta deu um profundo suspiro e disse:

— O resto da história você já sabe, não é? Não acha uma história incrível?

— Gostei muito — murmurou Osric.

— Scham, ou Godolphin, morreu com vinte e nove anos, logo depois

da morte do gato. Agba seguiu-os pouco tempo depois.

Osric sentia-se melhor e percebeu que toda a excitação de Calixta em contar-lhe aquela história tinha contribuído para isso.

Os dias passaram calmamente, até uma manhã, quando a moça entrou no quarto de Osric com um jornal na mão, depois de ter saído para exercitar-se com Centauro.

Ela cavalgava duas vezes por dia, uma hora e meia durante a manhã, com Centauro, e uma hora e meia à tarde, com Orestes.

Assim que conseguiu voltar a falar normalmente, Osric insistira para que Calixta lhe promettesse não se afastar muito das redondezas da hospedaria.

— Se tem medo de que o pessoal do circo me veja, pode ficar sossegado, porque eles foram embora naquela noite em que viemos para cá — disse Calixta. — Além do mais, não costumam se interessar muito pela vida particular das pessoas.

— Aquele homem que me atacou parecia muito preocupado com a sua vida... — Viu uma sombra de inquietação passar pelos olhos da moça e continuou: — Como pôde ser tão louca e irresponsável para fugir desacompanhada e sem dinheiro?

— Realmente, fui estúpida. Esqueci-me de que precisaria de dinheiro.

— É sempre bom andar com dinheiro; ainda mais, quando se está entre estranhos — disse Osric, secamente.

Calixta sorriu.

— Foi por isso que fiquei feliz ao ver que sua carteira estava cheia, quando viemos para cá! Mas o que você faria, se um ladrão o assaltasse?

— Tentaria resolver a situação.

— Acho que você sempre controla todas as situações, e isso não é comum entre as pessoas ricas!

— Fico contente ao ver que sabe apreciar minhas qualidades - respondeu Osric. — Pena não poder apreciar as suas também. Não tinha o direito de sumir de repente de casa!

Calixta não o encarou e demorou um pouco para responder:

— Achei que era a única coisa que podia fazer. Estava muito envergonhada pelo comportamento de mamãe.

— Sabia dos planos dela?

— Não. Como você iria embora no dia seguinte, eu só imaginava que

ela tentaria alguma coisa, para nos jogar um nos braços do outro.

— E foi por isso que não desceu para o jantar?

— Foi. Esperei mamãe descer e, no último momento, mandei avisá-la de que não me sentia bem. Pensei que ela não pudesse fazer nada, se eu ficasse no quarto. Mas ela conseguiu me enganar.

— Como?

— Mamãe encontrou tempo para subir ao meu quarto, levando-me um copo com remédio! Disse que não acreditava que eu estivesse resfriada e que não me deixaria assistir às corridas da manhã seguinte, se eu não tomasse o remédio. - Calixta fez uma pausa. — Eu conhecia os remédios de mamãe e sabia que eram intragáveis.

— Mesmo assim, você o bebeu. Devia ser um sonífero!

— Pois é. Bebi e depois perguntei à mamãe o que era aquilo. Ela me disse que era só um remédio que me deixaria mais forte. Em seguida, saiu do meu quarto e logo depois adormeci.

— Tenho que admitir que sua mãe é muito esperta.

— Como ela teve a coragem de fazer aquilo? Nunca a perdoarei!

— Alguém deve ter levado você para meu quarto e colocado em minha cama. E essa pessoa não foi sua mãe, tenho certeza.

— Acho que foram suas duas criadas particulares. São criaturas horríveis, que fazem tudo o que mamãe ordena. — Calixta ficou em silêncio por um instante e depois perguntou, ansiosa: — Pensava que eu soubesse do plano?

— Claro que não. Mas ainda acho que devia ter ficado para enfrentar a situação, ao invés de fugir.

— Para falar a verdade, foi uma grande aventura! Queria que tivesse visto como Centauro atuava bem no circo.

— Cheguei a vê-lo atuando. Assisti à sua apresentação, antes de ir falar com você perto das carroças.

— Centauro é mesmo ótimo, não?

— Magnífico.

— Será que agora você já está bem o suficiente para ouvir más notícias, Osric?

— O que você aprontou desta vez, Calixta?

— Seu cavalo não venceu a copa de Ascot!

— Meu Deus! Havia me esquecido de Ascot! Quem venceu, afinal?

- O cavalo de lorde Bentinck.
- Ótimo para ele.
- E o cavalo do duque de Portland venceu o grande prêmio de St. James. O que aconteceu com seus cavalos? Por que não venceram?
- Para falar a verdade, fiquei tão preocupado com você que me esqueci deles.
- Então, a culpa foi minha! Com tantos problemas que eu lhe trouxe, não sei como ainda conversa comigo!
- É que a acho uma boa enfermeira.
- Fico contente em ouvir isso, pois estava muito preocupada com seus ferimentos.
- Tenho certeza de que meus rivais adoraram minha ausência em Ascot, nas corridas. E, logicamente, também gostaram que meus cavalos não venceram as provas.
- Mas você e seus cavalos deveriam ter ganhado a Copa de Ouro! A rainha estava lá. O jornal conta tudo sobre a aparição dela nas corridas.
- Não precisa ler os mexericos. Prefiro ouvir as histórias que sabe contar sobre cavalos.
- Sei uma porção delas. Venho colhendo informações sobre os grandes cavalos desde que tinha quinze anos. Um dia, quero mostrar-lhe um caderno que tenho, onde anoto todas as histórias interessantes que encontro.
- Fez uma pausa. – Mas acho que nunca poderei mostrar-lhe o tal caderno. Não voltarei mais para casa...
- Claro que voltará – disse Osric, com firmeza. – Eu a levarei de volta e sei que sua mãe ficará feliz ao vê-la sã e salva.
- Como sabe disso?
- Sua mãe estava muito preocupada com você, Calixta, e me disse que, entre todas as filhas, era você a preferida, pois tem muito do seu pai.
- Se tivesse me contado isso há uns três anos... Eu adorava mamãe e queria muito que ela também gostasse de mim. Mas agora...
- Agora?
- Nunca a perdoarei por ter tentado me forçar a casar; por ter criado aquela situação humilhante para mim! – Suspirou e perguntou: – Ficou muito nervoso naquela noite? Qual foi sua reação?
- Acho que fiquei tão surpreso que não tive tempo para ficar furioso como deveria. Na verdade, foi a audácia do plano de sua mãe que me deixou

completamente aturdido.

– O que será que lorde Bentinck e lorde Palmerston pensaram?

– Eles não me disseram nada.

– Mas deve ter alguma idéia.

– Se tenho, não contarei a você. Eu a levarei para casa assim que estiver em condições de viajar. Tenho certeza de que pouquíssimas pessoas saberão de sua fuga. – Osric notou a expressão contrafeita de Calixta e disse: – Menina, menina! Não pode estragar sua vida porque sua mãe agiu errado com você.

– Está sugerindo que case mesmo com você?

– Não temos outra alternativa. E, como já percebemos que nos damos bem, nosso casamento até que será agradável. Temos muito em comum, especialmente os cavalos. Com sua ajuda, conseguirei treinar um cavalo para que vença oitocentas e sessenta e duas corridas, como Eclipse; ou mil e quarenta e duas, como Herod.

– Seria muito interessante, mas tenho certeza de que você conseguiria fazer tudo isso sozinho.

– Acho que seria agradável fazermos certas coisas juntos. Falando francamente, se eu tivesse que casar com alguém, preferiria que fosse com você.

– Obrigada, mas sabe tão bem como eu que nada é tão perfeito, quando não existe o amor.

– Como sabe disso, se nunca amou?

– Ora, não é preciso ter-me apaixonado para saber que o amor é importante para que um casamento dê certo.

– Nem sempre, Calixta. Estou certo de que um casamento baseado em confiança mútua e em interesses comuns pode ser muito feliz.

Calixta não respondeu e ele se recostou nos travesseiros, observando os raios de sol nos cabelos dela. Percebeu que estava triste, mas resolveu não dizer mais nada naquele momento.

Calixta parecia perdida em seus pensamentos, e Osric, por um instante, desejou saber o que ela pensava a seu respeito. Pela primeira vez na vida, não estava seguro sobre seus sentimentos em relação a uma mulher.

CAPÍTULO VI

— Calixta, você está nas nuvens?

Calixta assustou-se com a voz de Osric e percebeu que tinha ficado alguns minutos completamente alheia à presença dele.

— Em que estava pensando?

— Em Orestes — disse Calixta, sorrindo. — Estava pensando que você cuida dele muito bem.

— Só pensa em cavalos? — perguntou, um pouco irritado.

— Tenho fascínio por eles. Ontem à noite pensei no quanto fui estúpida por não ter pedido a Colot aquele livro francês onde achei a história de Godolphin. Havia outras histórias, e tenho certeza de que você gostaria de ouvi-las. Colot me daria o livro porque...

— Por quê? — provocou Osric.

— Oh, nada — disse ela, desviando o olhar.

— Acho que ia dizer que ele lhe daria o livro porque estava apaixonado por você. É verdade, não é?

— Sim, é verdade — ela respondeu, depois de um momento. — Mas ele era muito gentil e não me importunava como Manzani.

— Ele a beijou?

— Claro que não!

— Então, como sabe que estava apaixonado por você?

— Dava para notar sua paixão pela maneira como fazia as coisas para mim e pela maneira como... falava. Sei que percebia que éramos muito diferentes um do outro e que eu não era uma simples artista de circo... - Calixta voltou a ficar em silêncio.

— Vamos, conte-me mais sobre esse seu romance.

— Não foi um caso de amor. Além do mais, você não tem o direito de querer saber essas coisas.

— Como seu futuro marido, tenho todos os direitos.

— Todo mundo acha que os palhaços não passam de pessoas grosseiras, vulgares... mas Colot era diferente, talvez por ser francês.

— Por que ele era diferente?

— Não sei explicar direito. — Tente!

— Bem... acho que Colot pensava que eu representava seu ideal de mulher. Ele lia muito e adorava poesia. Recitou muitos poemas para mim, que falavam sempre de um homem que vivia procurando alguém inatingível... alguém que ele queria encontrar, mas sabia que, na verdade, nunca encontraria...

— Então acha que, para esse tal Colot, você representava um ideal inatingível?

Calixta não respondeu; ficou olhando a paisagem que se descortinava pela janela.

— Eu lhe fiz uma pergunta, Calixta.

— Acho horrível fazer alguém sofrer — ela murmurou. — Quando disse adeus a Colot, depois que ele o trouxe aqui, havia uma tristeza tão grande em seus olhos!

— Ele me trouxe até aqui?

— Você acha que eu conseguiria tirá-lo do circo sozinha? Eu sabia perfeitamente que quando Manzani voltasse a si, ia querer matá-lo!

— Como ele ficou inconsciente?

— Ora, eu bati com um pedaço de ferro na cabeça dele. Osric olhou para ela, completamente surpreso.

— Mesmo com você já desacordado, Manzani continuou a golpeá-lo — explicou Calixta. — Se eu não fizesse o que fiz, ele o mataria.

— Então, deu uma pancada na cabeça dele?

— É... eu tinha um bastão de ferro na... minha carroça.

— Para quê?

— Estava com medo — murmurou ela, depois de um momento.

— De Manzani?

— Sim. Ele tinha tentado arrombar a porta da minha carroça na noite anterior. Coloquei uma boa tranca na porta, mas a madeira era muito fraca e Manzani poderia destruí-la facilmente.

— Então, como não fui capaz de salvá-la, quem a salvou foi o palhaço!

— Eu me salvei sozinha! Mas a dificuldade era tirar você de lá. Colot foi procurar seu cavalo e, com a ajuda do garotinho que tinha tomado conta de Orestes, conseguimos colocá-lo na sela. Então, Colot sentou-se atrás de você e o segurou até chegarmos aqui.

— Acho que terei que mostrar minha gratidão a ele — murmurou Osric, relutante.

– Ele não quer sua gratidão. Colot fez isso por mim.

– É óbvio! – Depois de um instante, perguntou: – Acho que foi a primeira vez que teve a seu lado alguém apaixonado por você. O que sentiu?

Calixta ficou pensativa.

– Acho que me senti honrada e muito orgulhosa. Mas, ao mesmo tempo, muito triste por ter que magoá-lo, não podendo aceitar o seu amor.

– Percebeu desde o começo que não poderia retribuir o amor desse tal Colot? Ou chegou a pensar que poderia vir a se apaixonar por ele?

– Desde o começo, vi que não me apaixonaria, mas não pelo fato de ele ser um palhaço. Colot é filho de um advogado francês. O pai queria que ele fosse político e Colot estava disposto a fazer sua vontade. – Calixta deu um suspiro. – Mas seu pai era um homem muito bruto e batia sempre na mulher. Certa vez, Colot, cansado de ver a mãe apanhar, atacou o pai e quase o matou.

– Esse Colot parece tão perigoso como aquele seu outro admirador – disse Osric, com sarcasmo.

– Colot só estava defendendo a mãe. Normalmente, ele é quieto, gentil e muito romântico. Quando percebeu que o pai ficou machucado, viu que não podia mais continuar naquela casa. Colot contou-me como passou de teatro em teatro, sem conseguir emprego, até que começou a procurar um circo para trabalhar. Conseguiu emprego num circo francês e trabalhou por um ano, até que ficou sabendo que um outro circo vinha para a Inglaterra e resolveu se juntar a ele. É um ótimo ator. O Mestre gostava muito dele.

– Como você.

– Colot era muito educado, bem diferente do resto do pessoal do circo. Talvez fosse inevitável que encontrássemos algo em comum e que iniciássemos uma amizade.

– Não se esqueça de que é uma moça muito bonita e que ele deve ter tido muito interesse em tornar-se seu amigo – murmurou Osric, mais uma vez com sarcasmo.

– Você parece estar me criticando, mas não tenho culpa se Colot se apaixonou por mim, ou se Manzani ficou interessado.

– Não tem culpa? Não tem culpa de ter ficado trabalhando naquele circo? Já imaginou o que aconteceria, se continuasse lá mais tempo? – Como Calixta não respondesse, Osric continuou: – Acredita que seu doce e romântico Colot conseguiria salvá-la das mãos de Manzani?

Pelo olhar de Calixta, Osric percebeu que ela concordava com ele.

— Nunca pensei que ficar naquele circo pudesse me trazer tantas preocupações. Quando o Mestre sugeriu que Centauro e eu trabalhássemos lá, achei que seria uma oportunidade ótima para conseguir algum dinheiro e continuar escondida de mamãe. — De repente, olhou para Osric, acusadoramente: — Mamãe nunca teria me achado naquele circo! Não sei por que você teve que interferir!

— Será que é tão tola para não perceber que foi uma sorte tê-la encontrado? Será que nem imagina o que Manzani estava querendo de você?

— Ele queria que... eu vivesse com ele como sua esposa. E eu não aceitaria nunca essa proposta!

— Será que você teria opção de não aceitar?

— Sempre imaginei que podia cuidar de mim mesma, mas foi assustador ver-me completamente sozinha, depois que fugi de casa.

— Espero que nunca mais faça isso. E outra coisa, Calixta: quando rezar, não se esqueça de agradecer a Deus o fato de ter saído ilesa dessa experiência!

— Mas nunca vou negar tudo o que aprendi com essa fuga! Fiquei conhecendo muito sobre as pessoas, sobre a bondade delas, sua coragem e paciência. Vi com meus próprios olhos como a maioria dos artistas trata bem seus animais. O pessoal do circo trata os tigres e leões como gatinhos e cuida deles como se fossem animaizinhos de estimação!

— Embora eu a considere uma irresponsável, tenho que admirar sua coragem, Calixta. Não posso imaginar outra mulher do meu círculo de amigas que aceitasse trabalhar num circo e que ainda gostasse desse tipo de experiência!

— Eu adorava quando Centauro era aplaudido. As crianças adoravam ver sua atuação no picadeiro.

— E quem o ensinou a fazer todos aqueles truques novos?

— Ora, Centauro entende tudo o que peço para ele fazer! Osric riu.

— De uma coisa estou certo, Calixta: qualquer homem que se apaixone por você terá em Centauro um grande rival.

Ela pareceu um pouco desconcertada; por isso, Osric resolveu mudar de assunto:

— Você disse que o pessoal do circo chama os animais selvagens de gatinhos, mas isso deve fazer parte da gíria deles.

— É mesmo. Colot me disse que cada circo tem sua própria gíria e que eles não explicam o significado dela a ninguém.

— Por quê?

— Ora, para que possam falar de seus problemas particulares na frente de qualquer um.

— Você disse a Colot quem era, Calixta? — Não.

— Por que não? Não confiava nele?

— Não é isso. Não contei nada porque me sentiria envergonhada de dizer a alguém o que minha mãe fez comigo. Quando Colot o encontrou e me perguntou quem você era, disse-lhe que era meu marido!

— Fez muito bem. Afinal, só antecipou algo que vai acontecer de fato.

Calixta começou a andar pelo quarto. Depois de algum tempo, falou:

— O médico disse que você poderia se levantar amanhã e que já pode viajar numa carruagem.

— Já sabia. Mas quero me sentir mais forte, antes de voltarmos e termos que enfrentar sua mãe e as congratulações que virão.

— Teremos que agüentar esse tipo de amolação também?

— Teremos. A não ser que você queira ficar aqui para sempre.

— Imagino que esteja ansioso por voltar para suas fazendas, seus cavalos, sua vida pública. — Como Osric não respondesse, ela continuou: — Você se esqueceu de que a cerimônia de coroação será na próxima semana?

— É verdade, tinha me esquecido. Se bem que esse é o tipo de acontecimento pelo qual não me interessa.

— Terá que estar bem para poder participar da cerimônia.

— É mesmo. Para passar cinco horas na abadia, é preciso muita saúde.

— Mas estará totalmente bom, até lá. — Espero.

— Tive uma idéia, Osric. Não precisamos contar a ninguém que você foi agredido e que passou alguns dias de cama. Pode dizer a todos que estava me procurando durante esses dias que ficou sumido.

— Vejo que está querendo salvar minha reputação, Calixta.

— Não só a sua. Mamãe ficaria muito brava, se soubesse que fiquei alguns dias numa hospedaria, sozinha com você.

— Tenho certeza de que ela ficaria muito feliz, se soubesse disso. Seria uma ótima razão para apressar ainda mais nosso casamento.

Falou aquilo sem pensar. Quando viu a expressão nos olhos de Calixta, desejou ter sido mais discreto.

– Mamãe pensaria... Oh, não! Como poderia?

– Precisamos ter cuidado para que ela não pense nada de ruim sobre nós. Você ainda é muito jovem; precisa aprender que o mundo está cheio de armadilhas para garotas inocentes e que é fácil as pessoas interpretarem mal nossas ações.

– Sim, eu sei. E como você já deve ter tido muitos casos amorosos na vida... talvez as pessoas pensem que, pelo fato de termos ficado juntos alguns dias... você tenha feito amor comigo.

– Se não estivesse praticamente inválido, sem dúvida a teria tratado como mulher, e não simplesmente como enfermeira – disse Osric, sorrindo.

– Posso perguntar-lhe... algo?

– Lógico, pode me perguntar o que quiser.

– Mesmo que seja algo muito particular?

– Seja o que for, responderei com a maior honestidade.

– Está muito... apaixonado... por *lady* Genevieve Rodney?

Osric esperava por aquela pergunta. Era óbvio que Calixta ia querer saber sobre sua antiga amante. Todos sabiam de sua relação com Genevieve, e Osric nem queria pensar nas zombarias que toda a sociedade londrina fazia a respeito dos dois.

– Venha aqui, Calixta, quero falar com você.

Depois que ela sentou-se na beira da cama, Osric continuou:

– Quero explicar-lhe uma coisa que será importante no futuro. Sou muito mais velho que você, sempre levei uma vida livre e estaria mentindo se lhe dissesse que não tive muitos romances. Porém, quero que acredite que nunca levei a sério esses romances. Para mim, nunca passaram de breves momentos de prazer.

– Então, nunca quis que nenhuma mulher com quem teve ligação se tornasse sua mulher?

– Exatamente. Nunca quis que nenhuma delas se tornasse a condessa de Helstone.

– Mas elas nunca quiseram casar com você?

– As mulheres sempre querem agarrar um homem, mas fiz questão de ser livre.

– Agora não é mais – murmurou Calixta, tristemente.

– Mas agora é diferente, e sabemos disso. Quanto àquela pergunta que você fez há pouco, fique sabendo que não estou apaixonado por

Genevieve!

— Obrigada por ter-me dito isso. — Calixta levantou-se. — Vou sair para ver se os jornais chegaram. Um deles chega na carruagem do meio-dia e pode ser que tenha alguma notícia boa.

— Por que não toca a campainha para que alguém traga o jornal?

— Imagine! Posso muito bem descer e ver se os jornais chegaram.

— Aposto que é só uma desculpa para ir ver Centauro!

— Você é inteligente. Eu estava mesmo com vontade de ver se deram comida a ele.

— Vou sentir ciúme desse cavalo!

— Centauro é que sentirá ciúme de você! — disse Calixta, sorrindo, enquanto saía do quarto.

Osric ficou pensando, deitado confortavelmente, depois que Calixta se foi. Ela era uma garota extraordinária. Mesmo depois de terem passado tanto tempo juntos, era difícil para Osric saber o que pensava.

De repente, lembrou-se de Colot. Será que ele realmente se apaixonara pela moça, ou também estava com segundas intenções? Talvez Colot tivesse se apaixonado de verdade... Mas era difícil acreditar que se contentaria em manter um amor platônico por muito tempo. Ninguém conseguiria ter um relacionamento platônico com uma garota tão linda como Calixta... No seu caso, Osric sabia que não tinha tentado nada com ela porque se encontrava imobilizado, senão...

De uma coisa estava certo: Calixta nunca tentara seduzi-lo com olhares e sorrisos maliciosos. Ela é completamente inocente, pensou Osric, e imaginou se o tom avermelhado de seus cabelos significava que no futuro ela se tornaria uma mulher sensual e cheia de fogo. Era tão linda...

Naquele momento, percebeu que não se importava nem um pouco em ter que casar com Calixta. Seria um grande casamento, disso não tinha dúvidas. Com a presença da rainha e de toda a nobreza.

E Osric acreditava que os dois viveriam muito felizes.

Calixta jantou sozinha, no térreo.

Quando subiu para o quarto de Osric, o empregado já havia retirado a bandeja, mas deixara uma garrafa de champanhe. Osric segurava uma taça.

— Estou bebendo em homenagem ao dia de amanhã, Calixta. - disse, quando ela entrou no quarto.

— Por quê?

— Ora porque amanhã reinicio minha vida!
— Acho que estou com medo de que chegue amanhã. Estou com medo de ir embora.

— Você se sentiu feliz aqui, comigo?
— Sim, muito feliz. Foi ótimo sentir-me livre, sem ninguém para me censurar, e poder cavalgar dois cavalos lindos na hora em que eu queria.

— Acho que se esqueceu de mencionar algo importante.
— O quê? — perguntou, distraída.
— Eu! Quero saber se ficou feliz em minha companhia, Calixta!
— Ora, claro que fiquei feliz! Adorei nossas conversas. — Calixta falou sem nenhuma afetação, quase sem pensar no que estava dizendo.

— Calixta — murmurou Osric, com um tom de voz profundo. Mas alguém bateu à porta naquele momento e, sem esperar resposta, o empregado da hospedaria entrou no quarto.

— O patrão quer saber se o senhor vai querer lombo defumado ou costeletas, amanhã de manhã.

— Mas que decisão importante tenho que tomar! - exclamou Osric, cinicamente. — Diga a ele que prefiro costeletas.

— Obrigado. Vou dizer ao patrão, então. — E o rapaz saiu do quarto.

— Eles estão querendo celebrar seu restabelecimento - disse Calixta. - Hoje conversei com a sra. Blossom, a mulher do dono da hospedaria, e ela me contou que estão muito felizes com sua recuperação. E disse mais: que você é um homem muito bonito e que, se fosse sua esposa, teria muito medo.

— Será que ela acha que vão me roubar de você?

— Acho que sim. Mas em seguida ela me disse que seu marido e seu filho me acham mais bonita do que a rainha!

— E eu também!

— Não acha a rainha Victoria bonita?

— Não muito. Ela ficará gorda e pesada, daqui a alguns anos.

— Se ela o ouvisse falar nisso, mandaria prendê-lo! - disse Calixta, rindo. Depois de um instante de silêncio, falou: - Bem, vou dormir. Você terá um dia cheio, amanhã.

Osric colocou a taça sobre o criado-mudo e estendeu a mão.

— Boa noite, Calixta! Quero lhe agradecer por ter cuidado de mim com tanta dedicação. Não sei de ninguém que conseguisse tratar de um doente com tanto zelo e, ainda por cima, continuar mais bonita do que a

rainha! — Calixta colocou a mão na de Osric e ele apertou-a, delicadamente.
— Você foi realmente muito gentil e estou agradecido. Só espero que não tenha começado a pensar mal de mim, depois daquela surra que levei de Manzani.

— Combinamos não comentar com ninguém o que aconteceu e acho que devemos esquecer o incidente.

— Está querendo salvar minha honra, Calixta?

— Não. Achei que foi muito corajoso, só que Manzani era muito mais forte.

— Às vezes, é difícil aceitar que não somos o mais forte do mundo.

— Ninguém sai sempre vencedor de todas as provas.

— É verdade. Mas, quando estivermos casados, tentaremos vencer todas as provas que surgirem em nossa vida, não é mesmo? — Antes que Calixta pudesse responder, ele continuou: — Amanhã, quando já estiver de pé, espero poder lhe agradecer de outra forma...

Calixta retirou a mão apressadamente dos lábios de Osric. Uma estranha sensação percorreu-lhe o corpo, quando os lábios quentes e úmidos dele tocaram sua pele com delicadeza.

— Boa noite — disse ela, num murmúrio.

— Boa noite, Calixta...

Na manhã seguinte, Osric acordou com o canto dos pássaros entrando pela janela entreaberta.

— Bom dia, senhor.

Assustou-se ao ver seu criado particular entrando no quarto, em vez do empregado da estalagem.

— Meu Deus, Travis! O que está fazendo aqui?

— O sr. Grotham recebeu sua carta ontem à noite, senhor.

— O sr. Grotham recebeu... minha carta?

— Sim. E eu trouxe a carruagem que ordenou e outro criado para levar Orestes de volta. — Osric não disse nada e Travis continuou:

— É difícil acreditar que sofreu um acidente com Orestes, sendo o senhor tão bom cavaleiro! — — Travis tirou algumas roupas da valise que carregava. — Trouxe roupas limpas, pois...

— Bata àquela porta! Bata àquela porta e veja se há alguém lá dentro!

— exclamou Osric, de repente, apontando para a porta do quarto onde Calixta dormia.

Surpreso, Travis obedeceu. Ninguém respondeu.

— Abra-a e diga-me o que há lá dentro!

— Está vazio, senhor.

— Veja então se há alguma coisa no guarda-roupa!

Travis entrou no quarto e Osric ouviu que abria as portas de um guarda-roupa e as fechava em seguida.

— Está vazio, senhor — disse o criado, voltando.

— Vou me levantar. Venha me ajudar a trocar de roupa. Quero descer para conversar com o proprietário.

Quinze minutos depois, Osric estava só, falando com o sr. Blossom.

— Onde está minha esposa?

— Pensei que o senhor soubesse que ela deixou a hospedaria hoje, bem cedo. Ela me disse que estava indo na frente para deixar tudo pronto para sua chegada. Aconteceu alguma coisa?

— Não. É que fiquei surpreso pelo fato de ela não ter me acordado.

— A sra. Helstone partiu antes da seis, senhor. Acho que não quis acordá-lo. Não sei se deveria lhe contar, mas me pediu que, quando chegasse a carruagem, eu não dissesse aos criados que ela já havia partido. Queria fazer uma surpresa.

— Sim, está certo — murmurou Osric. — Por isso, peço que não comente nada com eles sobre isso, nem diga que ela esteve aqui comigo, durante estes dias.

Osric percebeu que o sr. Blossom olhava-o meio desconfiado, mas, quando pediu a conta e deu uma boa gorjeta, o dono da hospedaria sentiu-se na obrigação de concordar com tudo.

A viagem para Londres foi tranqüila. Osric chegou à conclusão de que estava curado. Ao mesmo tempo, sentia-se muito preocupado com o novo desaparecimento de Calixta. Tentava convencer-se de que ela tinha saído antes dele e feito aquele pedido misterioso ao sr. Blossom apenas para que ninguém descobrisse que tinham estado juntos na hospedaria. Dizia a si mesmo que não precisava ficar preocupado; quando fosse até a casa de *lady Chevington*, encontraria Calixta sã e salva.

Já em Londres, resolveu não ir diretamente à casa dela. Em vez disso, mandou um bilhete, pedindo notícias de Calixta.

Lady Chevington visitou-o, em lugar de mandar uma resposta por escrito.

– O senhor ficou muito tempo fora. Pensei que tivesse alguma novidade sobre minha filha.

– A senhora não teve nenhuma notícia dela?

– Se tivesse alguma notícia, já teria lhe contado, senhor. Onde será que ela se meteu, meu Deus?

– É muito difícil ficar escondido muito tempo; ainda mais, com um cavalo tão bonito como Centauro.

– É verdade.

– A senhora contou a alguém que Calixta fugiu?

– Claro que não! Já imaginou os mexericos que surgiriam, se eu contasse? Quem acreditaria que ela fugiu sozinha?

– É verdade – murmurou Osric.

– E o que podemos fazer agora?

– Acho que o melhor que temos a fazer é contratar alguns detetives particulares. Eles são muito espertos e discretos.

Osric não disse que tinha certeza de que Calixta estava em algum lugar de Londres. Assim que pôde, foi encontrar-se com Robinson para pedir-lhe que contratasse alguns detetives.

– O senhor não acha que ela foi para outro circo?

– Não, Robinson, Calixta não é boba. Tenho certeza de que encontrou outro lugar para se esconder com o cavalo.

– Se ela estiver sem dinheiro, isso não será fácil, senhor.

Osric nada comentou com Robinson, mas sabia que Calixta agora levava algum dinheiro. Ao pagar a hospedaria, havia encontrado um bilhete na carteira: “Peguei dez libras emprestadas. Calixta”.

Naquela noite, Osric não conseguiu dormir. Pensava a todo instante que Calixta poderia estar correndo algum perigo. .

E, por que, perguntava a si mesmo, ela preferia viver fugindo, em vez de ficar feliz por casar com ele? Afinal, não seria uma má idéia os dois casarem.

Estava cheio de raiva, pois lembrava-se de que, na noite anterior à fuga, Calixta conversara calmamente com ele e lhe dissera que tinha sido feliz em sua companhia.

– Garota maluca! Se o que quer é viver de maneira tão irresponsável, que fique sozinha! Não quero saber mais dela!

Mas Osric sabia que isso agora era impossível.

CAPÍTULO VII

Osric entrou na biblioteca e sentou-se. Suas botas estavam empoeiradas e ele parecia muito cansado.

Tinha cavalgado desde bem cedo, percorrendo todos os subúrbios de Londres. Vira centenas de cavalos parecidos com Centauro, mas nenhum estava acompanhado de alguém como Calixta.

– Quer beber algo, senhor? – perguntou o mordomo.

– Traga-me um cálice de *brandy*.

Quando o mordomo trouxe a bebida, Osric tomou-a devagar. Mais um dia havia passado e nem ele nem os detetives tinham encontrado sequer uma pista sobre o paradeiro da moça.

Como podia ser tão irresponsável?

Osric não conseguia mais dormir direito, depois de compreender que

seus sentimentos por Calixta eram muito diferentes do que havia sentido por outra mulheres.

O que sentia por Calixta era completamente novo. Com as outras, só queria saber de satisfazer seus desejos carnaís; só queria possuí-las por alguns dias... mas com Calixta era diferente.

Tinha se apaixonado por ela sem que percebesse. Mas quando, quando começara a amá-la? Talvez, naquela noite à beira do lago... quem sabe...

Ora, por que não dissera a ela que estava apaixonado e queria tê-la sempre a seu lado? Provavelmente, era isso que Calixta esperava ouvir do homem que seria seu marido!

De repente, a porta se abriu e o mordomo disse:

– Harwell está aí e gostaria de lhe falar, senhor.

– O que ele quer? – perguntou Osric, impaciente.

– Quer lhe falar sobre um cavalo desconhecido que deixaram no estábulo, senhor.

Osric levantou-se.

– Cavalo desconhecido?

– Sim, senhor.

Mandou que Harwell, o chefe dos cavaleriços, fosse trazido à sua presença.

– O que aconteceu, Harwell? – perguntou, depois que o mordomo os deixou a sós.

– Pensei que o senhor gostaria de saber que, há mais ou menos uma hora, trouxeram um cavalo para nossos estábulos.

– Quem trouxe?

– Um garoto, senhor.

– Perguntou a ele quem foi que mandou?

– Sim, senhor. Ele me contou que uma jovem deu-lhe alguns trocados para que trouxesse o cavalo. Perguntei-lhe se sabia quem era a jovem. Ele falou que já tinha vindo aqui, certa vez, entregar uma carta dessa mesma jovem.

– Mais alguma coisa?

– Não, senhor. O cavalo está em ótimas condições, só que com muita fome.

Depois de algumas instruções a Harwell, Osric ficou novamente sozinho. Foi até a janela e observou a rua, cheio de desespero. Perguntava-se

a todo instante por que não conseguira encontrar Calixta naquele dia.

O cavalo estava com fome!

Então, ela devia estar ainda mais faminta do que Centauro! Já devia ter gastado todo o dinheiro que pegara emprestado, ou tinha sido roubada!

— Faminta! — murmurou Osric, e havia uma expressão de tristeza completamente nova em seus olhos.

A cerimônia de coroação na Abadia de Westminster se arrastava já há muito tempo e tanto os convidados quanto a rainha pareciam bastante cansados.

Londres inteira foi acordada às quatro horas da madrugada com salvas de canhão, e foi impossível alguém voltar a dormir depois, por causa do barulho que tomou conta da cidade. As pessoas encheram as ruas, e a todo momento havia desfiles de tropas.

A carruagem real levou a rainha às dez horas da manhã, até a abadia, atravessando os pontos mais importantes da cidade.

Os principais nobres seguiam atrás da carruagem real em suas próprias carruagens e foram aclamados pelo povo durante todo o percurso.

Osric tinha ido para a coroação relutante, mas sabia que, se não fosse, sua ausência seria muito comentada. Pensava também que seu afastamento de Londres por duas semanas poderia ter dado a impressão, tanto a lord Bentinck quanto a lorde Palmerston, de que estava tentando fugir de seu compromisso com Calixta.

Fazendo um esforço para se conformar com a situação, vestiu seu traje de gala e foi para Westminster, com uma expressão tão zangada que deixou os amigos preocupados.

Osric esperava se aborrecer com aquela cerimônia, mas, como todos os outros convidados, foi tomado de entusiasmo pelo esplendor que envolvia o interior da abadia.

O espetáculo magnífico de toda a nobreza reunida, com suas vestimentas e jóias mais preciosas, com todos os bispos em seus trajes luxuosos e o altar decorado com ouro, era algo simplesmente inesquecível.

Quando a rainha surgiu, bem no centro da nave, Osric esqueceu-se de tudo o que havia dito sobre ela. Victoria era ainda quase uma criança, delicada e bonita, e toda a responsabilidade sobre o futuro do império seria colocada em suas costas naquela cerimônia.

Com um raio de sol iluminando sua cabeça, Victoria foi coroada

rainha da Inglaterra. Toda a nobreza levantou-se, e o arcebispo apresentou a rainha ao povo, enquanto trombetas de prata soavam alegremente.

A cerimônia chegou ao ponto culminante, quando um número enorme de bandeiras e flâmulas começou a tremular entre aplausos e gritos de “Deus salve a rainha!”

Osric caminhou junto com outros nobres para uma saída lateral da abadia e encontrou lorde Palmerston.

— Você me faria um favor, Helstone? — perguntou ele.

— Claro.

— Você se importaria em me acompanhar, às seis horas da tarde, ao Hyde Park?

Osric ficou surpreso com aquela proposta, e lorde Palmerston explicou:

— Prometi comparecer ao lançamento do balão *Coroação Real* de Charles Green. Eu estava presente, quando Green lançou seu primeiro balão, nos Jardins Vauxhall, há três anos. O conde D'Orsay e eu ficamos muito impressionados com ele, pois, como sabe, ele é o primeiro a usar gás comum.

— Sim, lembro-me de ter ouvido alguma coisa sobre isso.

— Depois daquela vez, Green atravessou o canal para aterrisar no ducado de Nassau, na Alemanha. Esta noite, ele pretende levar uma reportagem especial a Paris, sobre a coroação da rainha. Se fosse mais jovem, gostaria de ir junto. Como isso é impossível, vou me contentar em mandar por ele uma mensagem ao meu colega francês, o secretário de Estado para Assuntos Exteriores.

— Green ficou muito famoso entre os aeronautas, embora os franceses estejam muito mais adiantados do que nós, nesse campo — comentou Osric.

— Green é o inglês mais famoso do momento e quero encorajá-lo.

— Terei muito prazer em acompanhá-lo.

— Então, passo em sua casa às quinze para as seis — disse Palmerston.

Saíram de Westminster e foram para suas carruagens.

Antes de entrar em casa, Osric foi ao estábulo, ver Centauro. Não conseguia deixar de pensar em Calixta. Estava preocupado, pensando nos perigos que ela poderia estar correndo.

Apesar de tudo, era um consolo saber que havia mandado Centauro para sua casa, em vez de mandá-lo para a casa da mãe. Aquilo era um sinal de amizade e confiança, pois Osric sabia o quanto ela amava o animal.

Como Harwel havia dito, Centauro estava em boa forma, embora Osric notasse que parecia mais magro do que quando o vira no circo.

— O animal parece estar bem — disse ao cavaleiro.

— Estou tratando muito bem dele. O senhor faz idéia de onde ele veio, milorde?

— O nome é Centauro, e é tudo o que sei — disse Osric, saindo do estábulo.

Entrou apressado na biblioteca, esperando encontrar alguma carta ou bilhete de Calixta sobre a escrivãzinha, mas não havia nada.

Como a coroação só terminou às quatro da tarde e a carruagem demorou bastante para sair das imediações da abadia, Osric apenas teve tempo de trocar de roupa e se aprontar, quando lorde Palmerston chegou, às quinze para as seis.

Sentados na carruagem confortável pertencente à Secretaria dos Negócios Exteriores, os dois homens seguiram pela rua Hill.

— Quando pensa casar, Helstone? — perguntou o amigo, inesperadamente.

— Antes do fim do verão.

— Queria muito ter visto Calixta no baile real — disse Palmerston. — Mas, como vocês dois não compareceram, imaginei que estavam no campo.

— Estávamos mesmo.

— Diga a Calixta que estou ansioso pelo casamento de vocês. Osric ficou satisfeito ao ver que se aproximavam do Hyde Park.

Não queria ficar respondendo àquelas perguntas, pois tinha medo de que o outro desconfiasse de que mentia.

O parque havia se transformado em uma grande quermesse para a coroação. Lorde Palmerston e Osric caminharam por entre a multidão, em direção ao centro, onde estava colocado o balão de Charles Green. Era o balão mais elegante que Osric tinha visto em toda sua vida, pois, em vez da cesta normalmente usada como nave para levar o condutor e alguns passageiros, este usava uma espécie de caixa em forma de barco, pintada de vermelho. O balão propriamente dito, todo feito de seda importada da Itália, balançava suavemente ao menor movimento do vento.

Osric e Palmerston caminharam em direção ao palanque onde estava Charles Green, rodeado de outras altas personalidades do mundo social e político.

– Depois dessa viagem à França, qual será seu próximo desafio? – perguntou Palmerston a Green.

– Pretendo atravessar o Atlântico, senhor.

– Espero que tenha muito sucesso. Será um grande feito para a Inglaterra, se for o primeiro a vencer esse desafio.

Em seguida, Palmerston deu a Green a carta que este deveria entregar ao secretário dos Negócios Exteriores francês.

Depois que as apresentações e as conversas formais terminaram, Osric resolveu examinar o balão com mais vagar.

Realmente, tinha sido feito com os maiores cuidados, e os construtores haviam pensado em todos os detalhes relativos à segurança de uma viagem demorada. Osric deu a volta ao redor do balão e, de repente, notou que estava ao lado do Serpentine, o mesmo rio onde se encontrara pela primeira vez com Calixta.

Olhando a água cristalina, não pôde deixar de lembrar com emoção o dia em que conhecera a moça.

Calixta tinha sido muito inteligente em mandar-lhe aquele bilhete, prevenindo-o de algo importante que aconteceria em sua vida.

Agora que a havia perdido, Osric via o quanto era cheia de qualidades. Como pudera ser tão cego e não perceber mais cedo o quanto ela era inteligente e diferente de todas as mulheres que conhecia?

Louco, louco!, dizia a si mesmo, sabendo que nunca poderia se desculpar por tanta cegueira e estupidez. Inconscientemente, caminhou para a ponte onde esperara por Calixta, naquela manhã de maio que já parecia tão distante.

Lembrou que Orestes estava impaciente, naquela manhã, e que quase tinha ido embora sem vê-la, porque ela se atrasara um pouco para lá chegar.

Talvez tivesse sido melhor ter ido embora; talvez tivesse sido melhor não se encontrar com Calixta, pois agora não estaria vivendo aqueles momentos de angústia e ansiedade que pareciam devorar seu coração!

Osric encostou-se no peitoril da ponte. Havia poucas pessoas por perto, porque todos tinham ido ver o balão que estava prestes a partir.

Ali, sobre o Serpentine, só havia paz e barulho suave da água correndo. A música das bandas e o barulho da multidão quase não chegavam até Osric.

Foi nesse exato momento que viu... Calixta!

Ela estava na margem do rio e havia uma expressão estranha em seu rosto. Osric sentiu o coração parar por um momento.

Calixta estava sem chapéu e usava um dos vestidos de musselina que ele conhecia tão bem. Estava quase debaixo da ponte, e seu corpo parecia ainda mais magro e frágil.

Viu que ela olhava fixamente a água e que se dobrava lentamente em direção ao rio. De repente, percebeu o que Calixta estava planejando fazer e sentiu como um punhal penetrar-lhe o coração.

— Calixta!

Ela endireitou-se e virou em sua direção, muito pálida.

— Calixta! — Correu na direção dela, mas Calixta deu um grito de desespero e fugiu para o lado onde estava o balão.

— Calixta! Pare, pare! — gritava Osric.

A moça misturou-se à multidão. Pedindo licença, foi se aproximando do balão, até ser barrada por um guarda. Não podia continuar andando naquela direção, pois ninguém tinha permissão de chegar perto do balão que estava prestes a partir. Calixta olhou para trás. Osric estava a poucos metros e vinha em sua direção.

— Calixta! Pare! Espere-me!

Apesar do barulho, ela conseguiu ouvi-lo perfeitamente. Imediatamente, furou o bloqueio de guardas e correu para o balão que começava a se levantar. Agarrou-se na borda da nave, como se quisesse evitar uma queda.

Osric parou, atônito. Calixta estava levantando vôo com o balão que agora subia velozmente!

A multidão ficou em silêncio de repente. Calixta já estava a uns três metros de altura; se caísse, o tombo poderia ser fatal.

Osric não conseguiu correr, não conseguiu gritar, não conseguiu fazer nada.

Então, ouviu algumas pessoas gritarem:

— Segure firme! Outra:

— Pule! Pule! E outras ainda:

— Você só vai descer em Paris!

Felizmente, duas mãos surgiram na nave e seguraram os pulsos de Calixta. Ela ainda corria o risco de cair, mas em seguida outro homem surgiu e os dois a puxaram para dentro.

Um suspiro geral percorreu a multidão.

O balão já ultrapassara as árvores mais altas e voava ligeiro em direção ao céu.

Osric ficou observando-o, sabendo que não poderia fazer nada e sentindo como se seu cérebro tivesse parado de funcionar.

— Bem, aí está uma boa maneira de se conseguir uma carona — disse um homem perto dele.

Osric continuou olhando para o céu. O balão, naquele momento, não passava de uma mancha, e a multidão já começara a se dispersar, procurando outros divertimentos.

Ele voltou lentamente para o lugar onde havia deixado lorde Palmerston.

— Finalmente você chegou, Helstone!

Osric percebeu que, como lorde Palmerston, quem estava do outro lado do balão, não tinha visto o que acabara de acontecer. Felizmente.

— Acho melhor voltarmos para casa — continuou o amigo. — Estou atrasado para o jantar.

Os dois caminharam em direção à carruagem, que logo em seguida se pôs a caminho.

— Acredita mesmo que Charles Green chegará a Paris são e salvo? — perguntou Osric, preocupado com Calixta.

— Claro que sim. Ele é muito experiente e tem feito centenas de aterrissagens com sucesso.

Osric não disse nada. Pensava em Calixta, quase morta de frio dentro daquele balão que voava numa altura imensa.

Será que Charles Green e seus ajudantes levavam agasalhos extras nas viagens?

Se a moça estivesse tão faminta como Centauro, teria muito menos resistência ao frio.

Por que ela correria daquele jeito? Por que o olhava daquela maneira tão estranha?

A carruagem parou em frente a sua casa.

— Obrigado por ter ido comigo. Helstone. Vejo você amanhã?

— Acho que não. Estou indo para a França.

Osric desceu da carruagem antes que lorde Palmerston pudesse fazer qualquer pergunta, e entrou em casa apressado.

Deu algumas ordens ao mordomo, subiu para seus aposentos e disse a Travis que só tinha cinco minutos para arrumar sua valise, pois partiria imediatamente para Dover, onde tomaria seu iate para a França.

Quinze minutos mais tarde, Osric já estava em sua carruagem, com Travis, a caminho de Dover. Como muitos de seus amigos nobres, possuía estábulos particulares nas estradas principais para trocar de cavalos durante as viagens. Com essas comodidades, chegou a Dover pouco antes das dez horas.

Seu iate, o *Cavalo Marinho*, estava ancorado no porto. Depois de algumas ordens rápidas, tudo ficou pronto para a partida.

Osric queria se encontrar com Calixta assim que o balão aterrisasse na França, perto de Paris. Sabia que Green pretendia pousar, mas nem sempre se podia confiar naquelas viagens de balão. Uma mudança de vento ou um erro de navegação alterava todos os planos.

Era noite de Lua cheia. Osric olhava para o mar tranqüilo e pensava que nunca em sua vida tinha mudado tanto, nem gastado tanto tempo e dinheiro por causa de uma mulher.

Nunca se preocupara antes com o que elas faziam ou deixavam de fazer quando não estavam a seu lado. Mas, naquele momento, a única coisa que importava era saber se Calixta estava bem. Tinha vontade de tê-la nos braços, assim que chegasse de sua viagem através do céu.

Por quê? Por que havia fugido dele? Não conseguia encontrar uma resposta.

Será que o detestava a tal ponto que preferira agarrar-se a um balão, em vez de ficar em terra para conversar com ele?

E por que olhava para a água daquele jeito? Osric tinha quase certeza de que ela não sabia nadar e certamente se afogaria, caso se jogasse no Serpentine.

Por quê? Por quê?

Aquelas perguntas não lhe saíam da cabeça. Chegou a pensar que acabaria ficando louco, de tanto desespero.

A estrada de Calais era irregular durante os primeiros quinze quilômetros, e os únicos animais que Osric conseguiu alugar eram de péssima qualidade.

Assim que o iate aportara em Calais, instruíra o capitão para voltar a Dover, embarcar seus cavalos e trazê-los para Calais.

A manhã já ia alta, quando finalmente chegaram perto de Paris. Tiveram alguma dificuldade para descobrir o campo aberto onde Charles Green dissera que iria pousar.

Osric perguntava aos camponeses que encontrava se tinham visto um balão e todos lhe diziam que não. Já estava ficando irritado, quando Travis gritou:

— Lá, senhor conde! Eu o estou vendo!

Osric olhou na direção em que Travis apontava e viu, entre algumas árvores, o balão de Green, que parecia estar em péssimas condições.

Havia algumas pessoas perto do balão e Osric não teve dificuldade para saber que os tripulantes tinham ido para uma hospedaria nos arredores.

Osric e Travis cavalgaram imediatamente para lá.

A *patronne*, vestida de preto, saiu à porta para recebê-los. Osric perguntou-lhe apressadamente, num francês excelente:

— Os aeronautas estão aqui, *madame*! Há uma jovem com eles?

— Os aeronautas estão na *salle à manger, monsieur*.

Osric entrou, apressado. Viu logo Charles Green e seus ajudantes.

— Como foi possível chegar aqui tão rápido, senhor? — perguntou Green, assustado.

— Tive uma boa razão para segui-lo. Minha noiva veio com você por engano!

— Sua noiva? O senhor me desculpe, mas, devido às circunstâncias, a única coisa que poderíamos ter feito era trazê-la conosco!

— Ela está bem?

— Ela sofreu muito com o frio, senhor. Chegamos não faz ainda uma hora e ela foi levada para um quarto no andar de cima. Acredito que *madame* já mandou chamar um médico.

Osric virou-se e saiu da sala de jantar.

A *patronne* esperava-o no pequeno vestíbulo.

— A senhora me levaria até a jovem que se encontra doente?

— Por aqui, *monsieur*.

Osric subiu a escada atrás da proprietária. A hospedaria era muito velha, e ele imaginou que não devia haver mais do que três ou quatro quartos para alugar.

A *patronne* abriu uma das portas.

Osric então pôde ver Calixta deitada, inconsciente, numa cama rústica,

coberta com uma colcha grossa de retalhos. A seu lado estava um homem medindo sua pulsação. Ele não viu que Osric entrou com a dona da hospedaria.

— *Madame* Beauvais, a senhora terá que cuidar muito bem desta jovem. Ela precisa de um bom tratamento.

— E é exatamente isso o que quero que o senhor faça — disse Osric.

O médico levantou a cabeça, assustado. Depois de um momento, perguntou:

— Ela é sua mulher, *monsieur*?

— Não, minha noiva.

— Então, é melhor que fique sabendo desde já que, por causa dessa viagem maluca que acaba de fazer, dificilmente sua noiva escapará de uma pneumonia!

CAPÍTULO VIII

— Quanto tempo ela vai ficar inconsciente, doutor? — perguntou Osric.

— Não tenho idéia, senhor. Talvez não pegue pneumonia, mas tenho certeza de que ficará com febre por muito tempo ainda.

— Então, acho melhor contratar uma ou duas enfermeiras. O médico pareceu em dúvida.

— Acho que será impossível encontrar alguém para esta noite, *monsieur*, mas amanhã eu trarei a enfermeira mais experiente que conheço.

— Então, tomarei conta dela esta noite.

— Ótimo — respondeu o médico. — Deu as instruções para Osric ministrar os remédios, caso Calixta recobrasse a consciência. Depois de examinar-lhe o pulso mais uma vez, falou: — *Mademoiselle* é jovem e me parece bem forte. Tenho certeza de que logo ficará boa.

— Espero que esteja certo, doutor.

Travis quase implorou a Osric para que fosse descansar um pouco.

— Deixe que eu fico com ela, senhor conde. Nossa viagem para cá foi muito cansativa e o senhor não dormiu nada durante a travessia.

Estou me sentindo muito bem, Travis, e prefiro passar a noite cuidando e tomando conta da srta. Chevington. Pode ser que ela precise de mim.

— Então, se precisar de algo, é só me chamar, senhor.

— Obrigado, Travis.

O criado ajudou-o a despir-se e, depois, usando um longo roupão de veludo caríssimo, que contrastava imensamente com a simplicidade da hospedaria, Osric foi para o quarto de Calixta e verificou se tudo estava em ordem.

Os remédios que o médico receitara pareciam horríveis, mas tinha esperança de que fizessem bem a Calixta.

Havia uma jarra de limonada fresca sobre o criado-mudo, para o caso de ela acordar com sede, e um prato com uma sopa bem nutritiva havia sido colocado numa cesta forrada de feno, para mantê-la aquecida.

Osric não se esquecia de que Centauro chegara faminto a seu estábulo

e tinha certeza de que Calixta devia ter gastado seus últimos tostões quando fora para as margens do Serpentine.

A dona da hospedaria lhe garantiu que aquela sopa era mais fortificante do que uma dúzia de bifês, e ele esperava que tivesse razão.

Calixta moveu a cabeça de um lado para o outro e suspirou. Osric pousou a mão em sua testa; ainda tinha febre.

Será que ela está gravemente doente, meu Deus?

Sentou-se numa poltrona ao lado da cama. Meia hora depois, ouviu a voz fraca de Calixta, murmurando em seu delírio:

— Estou... com frio. Estou com medo e com frio...

— Você está salva, Calixta.

— Vou cair... vou cair...

— Não, não vai cair, querida...

A moça começou a virar a cabeça desesperadamente, de um lado para o outro.

— Pegue o ladrão... Socorro! Pegue o ladrão!

— Durma, Calixta, não se preocupe. Você está a salvo — disse Osric, percebendo que ela devia ter sido roubada.

— Você está com fome... Oh, meu amigo Centauro... não posso suportar vê-lo faminto. Também estou com fome... mas não temos mais dinheiro! — Calixta fez uma pausa e depois continuou: -Eu... o amo! Gosto muito dele... mas ele não quer se ligar a... nenhuma mulher... Ele quer continuar... livre.

Ainda delirando, Calixta agarrou a manga do roupão de Osric.

— Ajude-me, Centauro... Sinto-me tão triste e desesperada, longe... dele. Mas... o que posso fazer? Se ele soubesse o que sinto... no peito, se eu lhe dissesse que... que o amo, ele não iria gostar... e eu não. . suportaria!

Osric abraçou-a, desesperado, tentando aplacar a tristeza que parecia tomar conta de Calixta, que continuou a delirar:

— Vou mandar você para ele... Centauro. Ele cuidará de você. . enquanto que eu... para mim, só resta... a morte... a morte...

— Oh, Calixta, meu amor! Fique em paz e durma! Você vai viver, vai viver para sempre a meu lado! — exclamou Osric, com lágrimas nos olhos.

Com o rosto no ombro dele, ela murmurou:

— Eu o amo... Centauro, eu amo... Osric de todo o coração!

A enfermeira entrou no quarto trazendo um vaso de lírios.

— Como são bonitos! — disse Calixta, sentada na cama.

— São bonitos realmente e vou colocá-los bem perto da cama para que sintam o perfume deles.

— O conde voltou? — perguntou a moça à enfermeira, em quem aprendera a confiar desde que tinha recobrado a consciência, na semana anterior.

— Ele voltou não faz uma hora e está jantando lá embaixo com um homem que veio com ele.

— Comi todo o jantar, hoje. Se continuar assim, ficarei gorda logo, logo.

— Você já está bem melhor, *ma petite*. O doutor disse que poderá se levantar amanhã.

-----Na verdade, já me sinto completamente em forma. Estou louca para ver o sol. Estou cansada de ficar de cama.

— Você está muito bem, e por isso já não precisa mais dos meus cuidados.

— A senhora vai me abandonar? — perguntou, apreensiva.

— Amanhã já não estarei mais aqui. Tenho outros pacientes que necessitam dos meus serviços.

— Detesto dizer adeus a alguém — murmurou Calixta.

— O conde de Helstone cuidará de você! Ele é muito atencioso e estava bastante preocupado durante a fase mais grave de sua doença.

Calixta não fez nenhum comentário, mas sabia que a enfermeira falava a verdade. Quando esta saiu do quarto, a moça começou a pensar em Osric.

Ele tinha sido muito gentil com ela. A situação se invertera: dessa vez, era Osric que cuidava dela, que lhe contava histórias interessantes durante sua recuperação.

No começo, sentia-se tão fraca que mal conseguia falar com ele, mas, pouco a pouco, com os remédios e com as refeições reforçadas, fora recuperando a saúde.

Osric, no entanto, até aquele momento não lhe fizera uma pergunta sequer sobre o que havia acontecido. Mas Calixta tinha certeza de que, mais cedo ou mais tarde, teriam que conversar sobre aquilo.

Precisava arranjar uma boa desculpa para justificar o modo como fugira dele, quando se encontrava à margem do Serpentine, e por que tinha sido tão louca a ponto de correr para o balão de Green, que levantava vôo.

Só de pensar naquela experiência, tremia de medo. No começo, tinha sido fascinante olhar para baixo e ver tudo ir diminuindo depressa, enquanto o balão subia velozmente. Mas, logo em seguida, ela havia se apercebido do perigo que corria, pendurada na nave!

Por sorte, Charles Green e seus ajudantes conseguiram puxá-la para dentro da nave. Senão...

Calixta nunca se esqueceria do quanto Green e os outros tripulantes tinham ficado bravos com sua loucura, mas também nunca se esqueceria de como foram gentis com ela e se esforçaram para que não sofresse muito com o frio que fizera durante a viagem.

A tripulação não havia levado agasalhos extras, e Calixta foi obrigada a aceitar o casaco de um dos ajudantes de Green, que não conseguiu esquentá-la completamente. A viagem foi a mais terrível de toda sua vida!

Mas o pior foi quando começaram a descer. Calixta imaginava que poderia acontecer alguma coisa e ela acabaria caindo em cima de uma árvore ou dentro de um lago profundo!

Nada do que falasse a Osric poderia justificar sua atitude absurda. A verdade era que ficara completamente louca, quando, prestes a se jogar no *Serpentine*, ouvira-o chamar por ela.

Naquele instante, seu único pensamento foi que tinha que escapar de Osric a todo custo, para que ele não descobrisse seus tormentos e não ficasse sabendo por que havia fugido dele desde a primeira vez.

Calixta sabia muito bem o que Osric sentia a respeito do casamento: ele não queria casar. Queria continuar livre, e estava convencida de que ele nunca seria feliz a seu lado.

Amendo-o como o amava, como poderia suportar viver com ele, sabendo-o infeliz?

Eu o amo! Eu o amo! - dizia a si mesma, embora soubesse que, se Osric casasse com ela apenas por obrigação, ou piedade, aquilo seria como morrer!

A enfermeira voltou, mais tarde, para se despedir.

— *Au revoir, ma petite*. Foi um prazer cuidar de você, e espero que seja muito feliz!

— Obrigada. A senhora foi muito boa comigo.

Calixta quis beijar a enfermeira, mas pensou que seria impróprio. Por isso, contentou-se em apertar-lhe a mão com respeito e gratidão. Quando a mulher deixou o quarto, os olhos de Calixta ficaram cheios de lágrimas.

Agora, teria que enfrentar o conde de Helstone! Um tremor percorreu seu corpo.

Como se ouvisse seus pensamentos, Osric abriu a porta do quarto. Mas não estava sozinho; a seu lado havia um outro homem.

Osric caminhou em direção à cama, e Calixta viu que trazia um buquê de flores alvas.

Olhou para as flores e depois para o homem que entrava com Osric. Só então percebeu que ele usava uma sobrepeliz.

— Apresento-lhe o cônego Barlow, Calixta. Ele é da igreja da Embaixada Inglesa em Paris e gentilmente aceitou vir até aqui para casar-nos.

Calixta ficou atônita. Osric pegou sua mão e entregou-lhe o buquê.

— Não vai demorar muito — disse, percebendo que ela tremia.

Imediatamente, o cônego abriu o livro de orações e começou a cerimônia.

Osric respondeu às perguntas de praxe com firmeza e segurança, enquanto Calixta respondia quase que num suspiro.

Depois de alguns minutos, a cerimônia estava terminada, e o cônego falou, sorrindo:

— Posso ser o primeiro a cumprimentá-lo, senhor conde? E, *lady* Helstone, desejo à senhora e a seu marido toda a felicidade do mundo.

— Obrigada.

— Sei que está apressado para voltar a Paris, reverendo — disse Osric.

— Há uma carruagem esperando pelo senhor lá fora.

— Obrigada.

— Obrigado. Tenho um compromisso muito importante às nove horas.

— Chegará a tempo.

— Sem dúvida.

Os dois homens saíram do quarto, e Calixta ouviu seus passos na escada.

Estava completamente trêmula!

— Como aquilo podia ter acontecido? Por que Osric tinha feito aquilo sem avisá-la?

Queria convencê-lo de que não deveria casar com ela por obrigação, mas pensara que fosse ter um pouco mais de tempo!

Agora, já estava casada com Osric!

Ele entrou novamente no quarto, fechou a porta e ficou olhando para

ela por um instante.

— Está quente aqui dentro — disse, finalmente. — Você se importa que eu tire a sobrecasaca?

Sem esperar resposta, ele tirou a sobrecasaca e o colete.

— Por que... nós nos casamos... assim? — perguntou Calixta.

— Por três razões. A primeira é que Centauro me pediu para que eu acabasse com essas fugas. Ele me disse que já está cansado de viver escondido.

Calixta não pôde deixar de sorrir.

— Em segundo lugar, já estou muito velho para ficar procurando você em circos ou tentando segui-la pela Europa inteira!

Calixta caiu na risada.

— E, por último, embora seja o mais importante, eu a amo muito, querida.

Calixta parou de rir.

— É verdade, eu a amo! Não posso mais viver sem você, nem me arriscar a perdê-la mais uma vez.

— Tem... certeza?

— Absoluta? Não agüento mais essa agonia!

— Mas pensei que você quisesse continuar livre e não suportaria viver com alguém que não... amasse.

— Mesmo que você me amasse?

— Como soube que eu... o amo?

— Você me disse tudo o que eu queria ouvir — respondeu, aproximando-se. — Tudo!

Calixta sentiu-se envergonhada. Osric abraçou-a com força.

— Fui um louco. Não percebi, desde o começo, que você é tudo o que venho procurando na vida. Uma mulher que me ama pelo que sou! — Abraçou-a ainda mais fortemente e continuou: — Mas uma coisa que não entendo, meu bem, é por que quis tanto fugir de mim.

— Não queria que você... casasse comigo só por piedade.

— Diga-me que nunca mais fugirá de mim. Eu não suportaria! Você tem uma porção de respostas a dar, meu amor, mas já estou aprendendo a conhecê-la. Por isso, quis que casássemos esta noite. Resolvi que você só se levantaria desta cama depois de ter se tornado minha esposa.

— Você me ama? De verdade? — Calixta fazia aquelas perguntas

como se não pudesse acreditar que era verdade.

Como resposta, Osric beijou-a delicadamente.

Calixta sentiu algo dentro que nunca tinha sentido em toda sua vida. Seu corpo inteiro parecia renascer, com aquele beijo doce e quente.

Aquilo era a glória, a plenitude, a perfeição que ela sabia chamar-se amor. Aquilo era tudo o que ela esperava encontrar no homem com quem casasse.

Sentindo que ela correspondia ao seu beijo, ele se tornou mais ousado, mais apaixonado, mais insistente...

Calixta sentia o quarto girar, e era como se, de repente, só Osric e ela existissem no mundo. Ele levantou a cabeça.

— Minha querida fugitiva, eu a amo e não sei de outra mulher mais bonita, mais perfeita e mais doce do que você.

— Eu o amo também, Osric. Tudo isso foi o que sempre procurei encontrar na vida.

— Calixta! — Beijou-lhe os olhos, o queixo, o pequeno nariz e novamente os lábios.

Depois de algum tempo, Calixta disse, hesitante:

— Será que devemos voltar... para contar a mamãe e aos outros que casamos?

— Só voltaremos depois que terminarmos nossa lua-de-mel.

— Nós iremos... sozinhos?

— Sozinhos. A não ser que esteja contando com os cavalos que comprei para você — disse Osric, sorrindo.

— Cavalos?

— Acho que vai gostar deles. São todos puros-sangues!

— Que bom! Sempre desejei cavalgar com você até o infinito! Osric beijou-a gentilmente, antes de dizer:

— Tenho uma porção de planos. Mas, primeiro, iremos a Paris, para que compre uma porção de vestidos lindos como você!

— Tudo o que eu quero é um traje de montaria — disse Calixta, impulsivamente. — Não! Também quero vestidos maravilhosos, para ficar bonita para... você.

— Você é sempre linda, querida. Mas agora vou deixá-la.

— Deixar-me? — perguntou, num murmúrio.

— Quero que durma bastante.

– Mas... pensei...

– O que você pensou?

– Pensei que agora que... casamos, você fosse ficar... comigo. Osric não disse nada, e ela continuou:

– Mas se você não quer...

– Claro que quero, meu amor!

Abraçou-a novamente, cheio de paixão e desejo. Apertou-a tanto, que Calixta mal podia respirar.

– Eu a amo, eu a adoro, morro por você, e ainda me pergunta se quero ficar? Oh, minha querida! Não existem palavras para explicar o quanto a quero!

Osric beijou-a novamente, deixando-a completamente presa em seus braços. Calixta colocou seus braços em volta do pescoço dele e sentiu seus corações baterem juntos, cheios de paixão.

Ela era dele, completamente dele, como Osric também lhe pertencia. Não eram mais fugitivos, não eram mais duas pessoas separadas, e sim, uma só!

Aquilo, era tudo o que mais desejava, tudo o que sempre pedira a Deus!

– Minha doce, minha querida, minha adorável esposa – murmurou Osric, entre beijos e carícias.

E Calixta então descobriu que, daquele momento em diante, eles cavalgariam pela vida afora, tendo como companheiro um maravilhoso sentimento que os unia fortemente e que se chamava amor!



QUEM É BARBARA CARTLAND?

As histórias de amor de Barbara Cartland já venderam mais de cem milhões de livros em todo o mundo. Numa época em que a literatura dá muita importância aos aspectos mais superficiais do sexo, o público se deixou conquistar por suas heroínas puras e seus heróis cheios de nobres ideais. E ficou fascinado pela maneira como constrói suas tramas, em cenários que vão do esplendor do palácio da rainha Vitória às misteriosas vastidões das florestas tropicais ou das montanhas do Himalaia. A precisão das reconstituições de época é outro dos atrativos desta autora, que, além de já ter escrito mais de trezentos livros, é também historiadora e teatróloga. Mas Barbara Cartland se interessa tanto pelos valores do passado quanto pelos problemas do seu tempo. Por isto, recebeu o título de Dama da Ordem de São João de Jerusalém, por sua luta em defesa de melhores condições de trabalho para as enfermeiras da Inglaterra, e é presidente da Associação Nacional Britânica para a Saúde.

Não perca a próxima edição!

MIRAGEM

Devina olhou pela janela do trem, embarçada. Não devia estar sozinha naquele vagão com Galvin Thorpe. Acima de tudo, não devia permitir que ele lhe dissesse palavras de amor. — Por favor, não tire vantagem da situação. — Galvin inclinou-se, impetuoso, e perguntou: — Por que não? Só porque você é uma mulher que vale milhões e a prometida de meu primo, um homem que nunca viu na vida? E se eu lhe pedisse para esquecer o castelo e sua fortuna e fugir comigo? — Isso era o que ela mais queria. Mas será que Galvin ainda a amaria, se soubesse que ela não era a milionária Nancy-May Vanderholtz? Que não passava de uma empregada, tão falsa como uma miragem?